

OS GUARDIÕES

LIVRO UM

NICOLAU SÃO NORTE

E A BATALHA CONTRA O
REI DOS PESADELOS



ROCCOJIMM

WILLIAM JOYCE & LAURA GERINGER

— ilustrações de WILLIAM JOYCE —

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

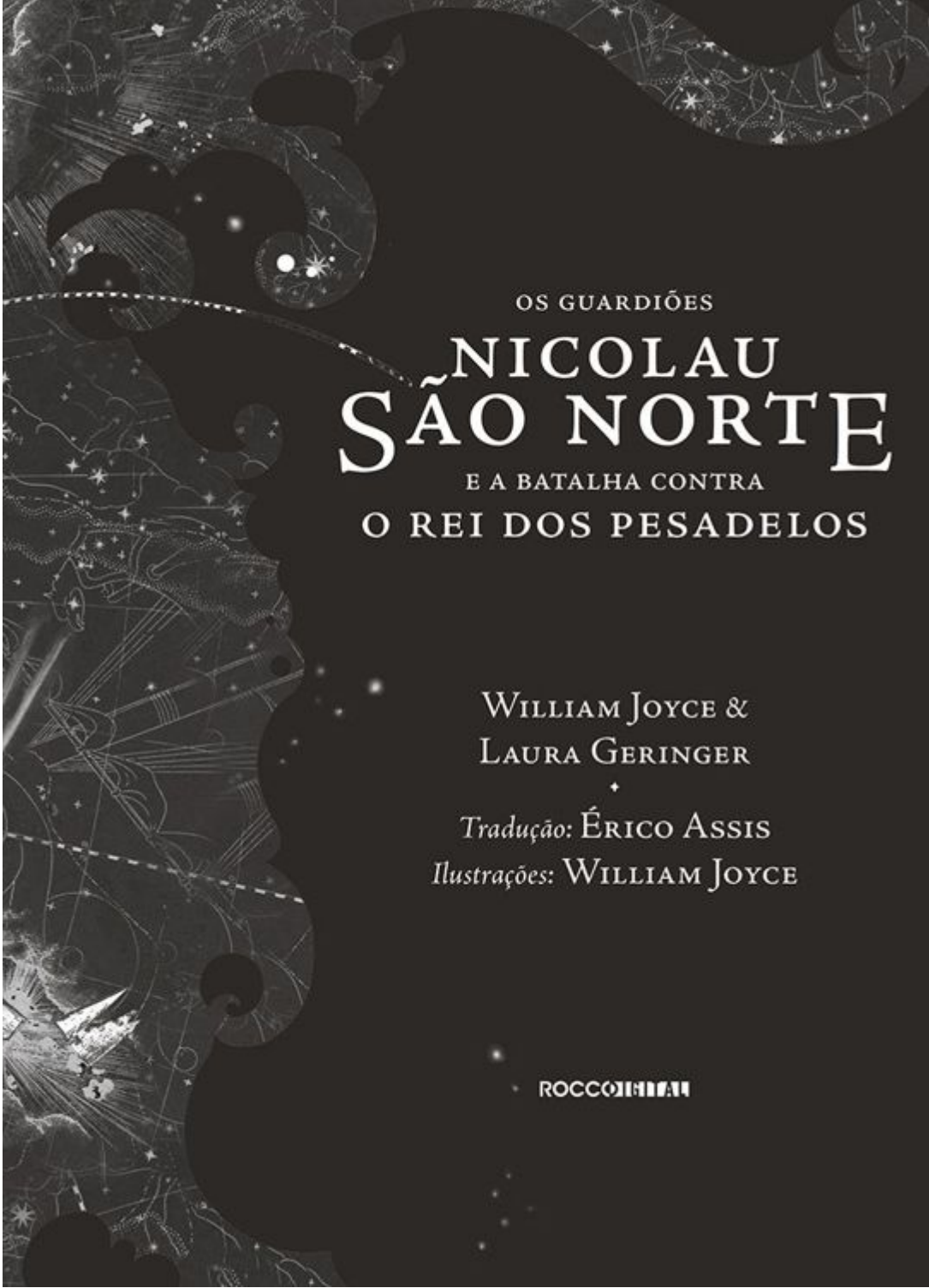
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



OS GUARDIÕES

NICOLAU SÃO NORTE

E A BATALHA CONTRA
O REI DOS PESADELOS

WILLIAM JOYCE &
LAURA GERINGER

Tradução: ÉRICO ASSIS
Ilustrações: WILLIAM JOYCE

ROCCO





Para
Jack Joyce,
Jovem e nobilíssimo patife

E para a irmã dele,
Mary Katherine,
Que foi impetuosa, divertida e gentil





Sumário

Capítulo Um

No Qual a Grande Guerra é Retomada

Capítulo Dois

No Qual Falar as Línguas dos Insetos É de Grande Ajuda

Capítulo Três

Passeio Horripilante pela Mata

Capítulo Quatro

Das Sombras Surgem

Capítulo Cinco

A Era de Ouro

Capítulo Seis

Nicolau São Norte (De Quem Pouco Se Esperava)

Capítulo Sete

Que Não é Exatamente um Capítulo – Apenas uma Peça do Grande Quebra-Cabeça

Capítulo Oito

No Qual o Impossível Acontece com Frequência Surpreendente

Capítulo Nove

A Batalha contra o Urso

Capítulo Dez

No Qual Acontecem Muitas Coisas Rapidamente

Capítulo Onze

No Qual Fica Provado que a Sabedoria Engana

Capítulo Doze

Outro Curto Mas Intrigante Episódio

Capítulo Treze

O Guerreiro Aprendiz

Capítulo Catorze

No Qual Mago e Aprendiz Fazem Descobertas Que Se Provam Gravíssimas

Capítulo Quinze

Parcialmente Nublado

Capítulo Dezesseis

Ira, Idade e Medo Fazem uma Participação Indesejada

Capítulo Dezessete

Torce e Retorce

Capítulo Dezoito

Ardiloso Mal que Viaja Incógnito

Capítulo Dezenove

O Piado Revelador

Capítulo Vinte

No Qual um Golpe do Destino Gera Complicações no Plano

Capítulo Vinte e Um

Rir é um Amargo Remédio

Capítulo Vinte e Dois

O Mais Improvável Reencontro

Capítulo Vinte e Três
A Mais Longa das Noites

Capítulo Vinte e Quatro
O Fim da Jornada

Créditos

Os autores

CAPÍTULO UM

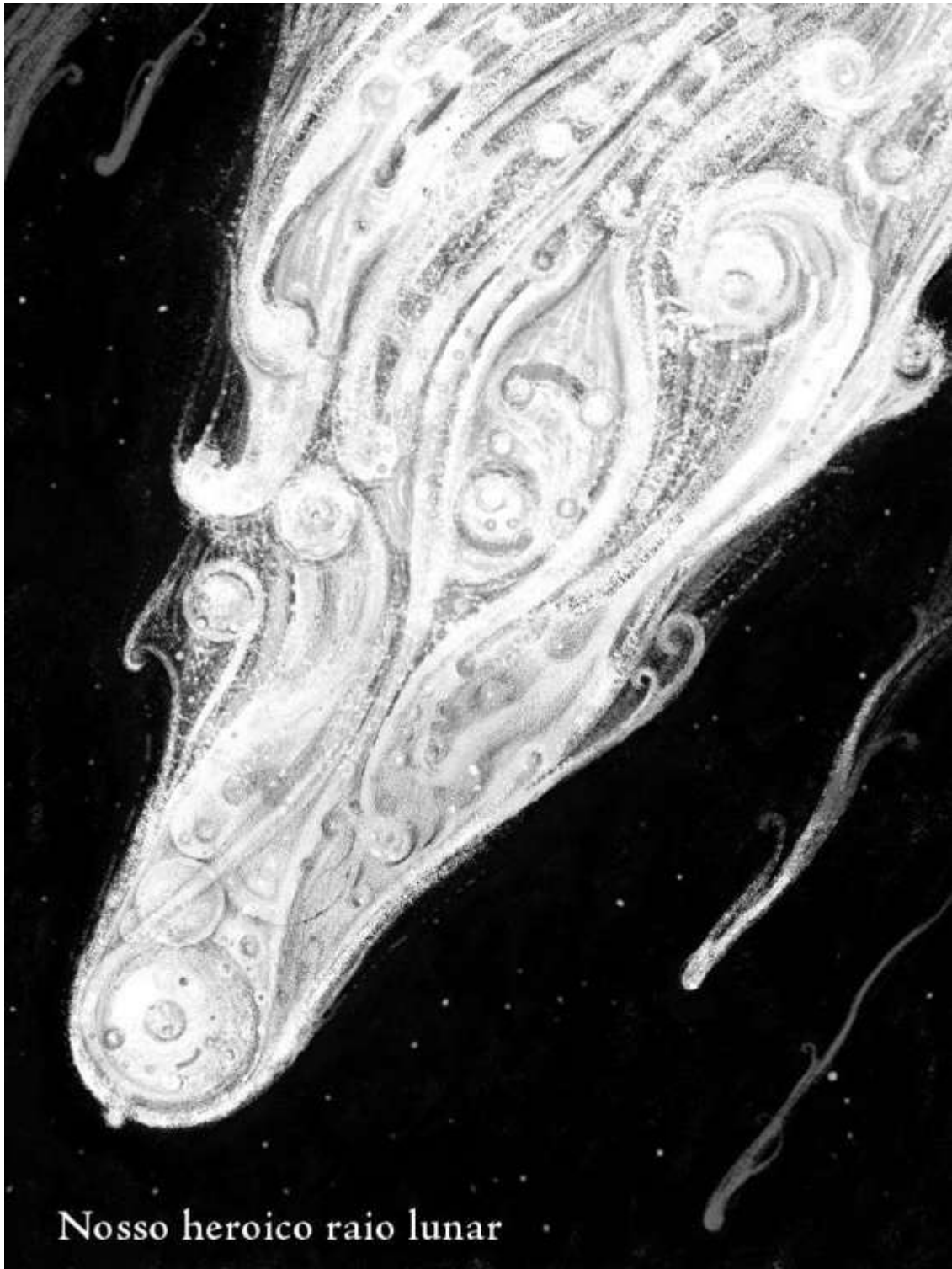


No Qual a Grande Guerra é Retomada

A BATALHA CONTRA O Rei dos Pesadelos teve início em uma noite enluarada, há muitos e muitos anos. Foi na pacata cidade de Tanglewood, onde um menino e sua irmãzinha acordaram com um sobressalto. Assim como muitas crianças (e, vez por outra, alguns adultos), estavam com medo do escuro. Lentamente se sentaram na cama, envolvendo-se com as cobertas como se fossem escudos. Temeroso demais para levantar-se e acender uma vela, o menino puxou as cortinas e espiou pela janela, em busca da única luz que se via naquelas noites de muito tempo atrás — a lua. E lá estava ela, cheia e poderosa.

Naquele momento, um jovem raio lunar partiu do céu e atravessou a janela. Como todos os raios, tinha uma missão: *Proteger as crianças*.

O raio lunar brilhou com toda sua força, o que pareceu tranquilizar os irmãos. Um e depois o outro deram suspiros sonolentos e tornaram a se deitar. Em instantes haviam voltado a dormir. O raio lunar examinou o quarto. Estava tudo seguro. Não havia nada além de sombras. Mas o raio sentiu algo. Não no quarto, não na choupana. Algo, em algum lugar, não estava certo. O raio ricocheteou pelo pequeno espelho sobre a cômoda das crianças e saiu pela janela.



Nosso heroico raio lunar

Lampejando pela aldeia, atravessou a floresta de pinheiros e abetos que a circundava, contornando cada folha congelada. Assustando morcegos e surpreendendo corujas, ele seguiu a antiga trilha indígena coberta de neve até o recôndito mais escuro da mata profunda — o ponto que os colonos temiam e onde raramente se aventuravam. Como um holofote, o raio projetou-se nas trevas até encontrar uma gruta.

Rochas estranhas, emaranhadas como cera derretida, emolduravam a boca escancarada da gruta. E seu interior estava tomado por sombras que pareciam respirar como se estivessem vivas. Em todas as suas viagens pelo mundo, o raio nunca vira algo tão sinistro.

O raio lunar hesitou e então — sem saber se estava sendo audaz ou tolo — arremeteu, seguindo as sombras até o abismo.

As trevas pareciam continuar eternamente. Até que o raio lunar chegou a um lago parado. A água negra refletia seu brilho, iluminando a gruta com luz fraca. E lá, no centro do lago, havia uma imensa figura. Era mais densa e mais escura do que as sombras que o cercavam. Imóvel como uma estátua, trajava um longo manto que era negro como um derramamento de petróleo. O raio lunar examinou a figura com cautela e bastante atenção. Quando chegou aos olhos, viu-os abrirem-se! O ser havia acordado!

As sombras começaram a deformar-se aos pés da figura e zumbir até que o som preencheu toda a gruta. Elas cresceram, debatendo-se contra as paredes da caverna como ondas a açoitar uma marina despedaçada. Mas não eram sombras! Eram criaturas — criaturas que havia séculos criança ou mensageiro lunar algum viam. E o raio lunar soube no mesmo instante: estava cercado pelos Medonhos e pelos Homens-Pesadelo — os servos do Rei dos Pesadelos!

O raio lunar ficou pálido. Hesitou. Talvez devesse ter desistido e retornado à lua o mais rápido possível. Caso tivesse feito isso, esta história nunca seria contada. Porém, o raio lunar não foi embora. Aproximou-se e notou que a figura fantasmagórica era aquela contra a qual todos os raios de lunares aprendiam que deveriam se precaver: Breu, o Rei dos Pesadelos! Ele fora atravessado no coração

por um punhal em forma de diamante que o prendia a um montículo de mármore negro. Com toda cautela, o raio chegou ainda mais perto, roçando a empunhadura de cristal da arma.

Mas como luz não contorna cristal, e sim o atravessa, o raio repentinamente foi sugado pela lâmina! Remexendo-se de um lado para o outro, fez um caminho torto até a ponta da lâmina. Ficou preso, suspenso no coração gelado e vítreo de Breu. O peito do ser começou a brilhar enquanto o raio ricocheteava, frenético, desesperado para fugir. Era terrível o frio que sentia — mais frio que os confins mais escuros do espaço. Mas o raio lunar não estava só. Logo após a beirada da faca, nos recônditos mais distantes do coração do ser fantasmagórico, pôde ver a forma espectral de uma criança pequena e delicada, toda recurvada. Era um menino? De forma hesitante, o raio iluminou a cabeça da criança.

Bastou aquele pequeno raio de luz e o garoto espectral começou a crescer. Ele irrompeu do peito de Breu. Estava tomado de alegria, enfim livre! O raio foi arremessado para os lados e o garoto, com um puxão, arrancou o punhal radiante do coração gelado que o prendera. Empunhando a lâmina com o raio lunar ainda preso no cristal, iluminando o caminho, o garoto partiu como um foguete até sair da gruta amaldiçoada e ver o céu estrelado. Quando seus pés atingiram o chão cheio de neve, pareceria mesmo um garoto normal, se um garoto normal pudesse ser esculpido em névoa e luz e por milagre ganhasse vida.

Liberto do punhal, Breu também começou a crescer, erguendo-se como uma torre de carvão viva. Expandindo-se até uma estatura monstruosa, ele seguiu a trilha iluminada do garoto até a superfície.

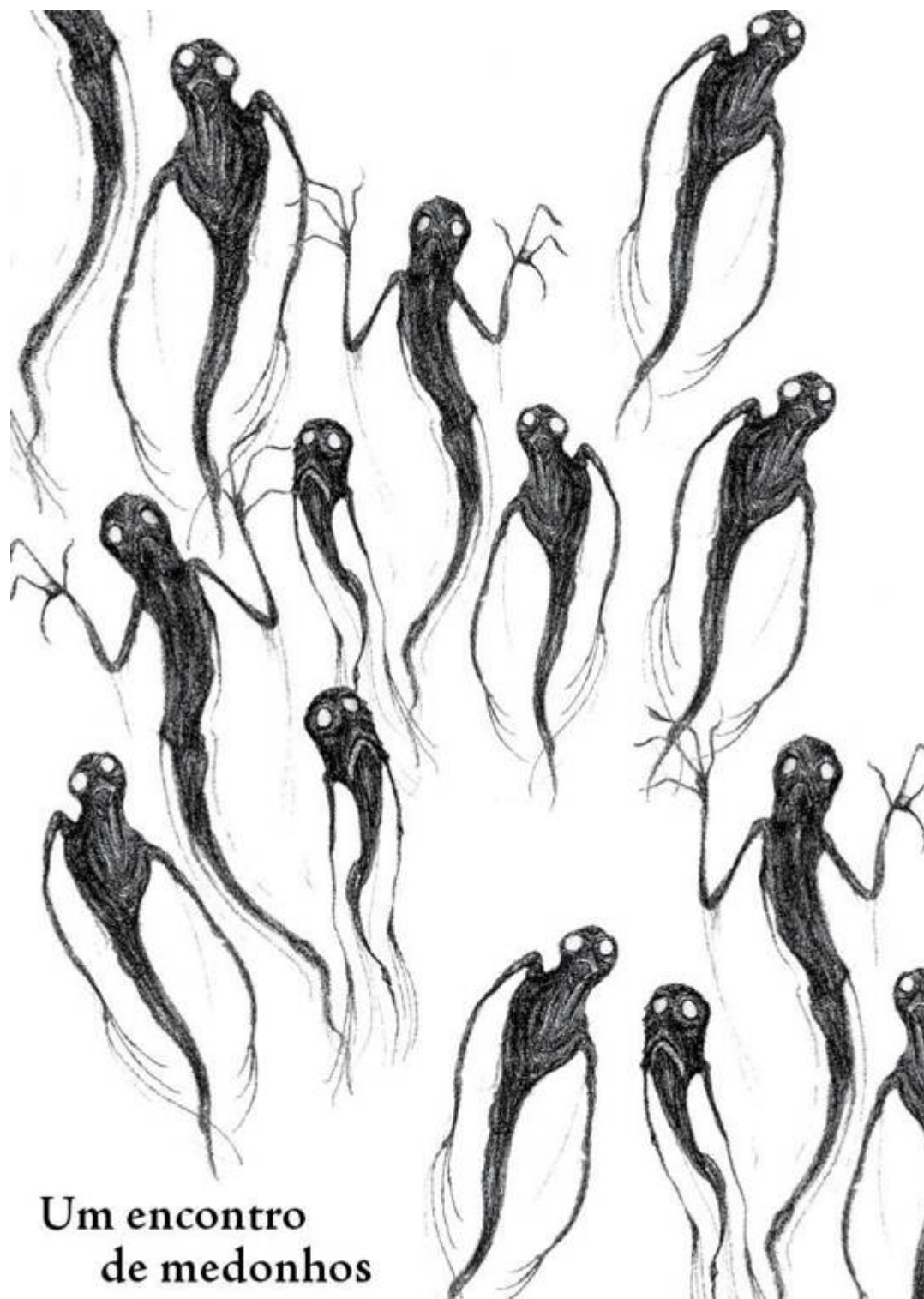


Breu e suas Legiões de Medonhos

Olhando o céu com loucura, Breu sentiu o ar da noite. Estava em êxtase. Com um meneio e um puxão de seu manto da meia-noite, obscureceu a lua. Agachou-se e enfiou os dedos na terra, deixando os odores da floresta circundante alcançarem seu cérebro inquisitivo. Estava ávido, devastado por uma fome ardente que incendiava suas entranhas.

Respirando fundo, ele fez vibrar o vento frio do inverno em busca de seu cobiçado prêmio, a carne tenra pela qual ansiara ainda mais que pela liberdade nos infinitos anos em que estivera aprisionado: sonhos de crianças inocentes. Ele transformaria cada um desses sonhos em pesadelos, até que cada criança na Terra vivesse aterrorizada. Pois era assim que Breu pretendia executar sua vingança contra todos aqueles que tinham ousado aprisioná-lo!

Enquanto as gloriosas ideias de vingança preenchiam a mente de Breu, também inflamou ao seu redor uma nuvem de negro sulfúreo. A nuvem se infiltrou para o alto do fosso aparentemente sem fundo da gruta. Daquele vapor, que se lançava ao mesmo tempo em todas as direções, saíram as criaturas das sombras — os Medonhos e os Homens-Pesadelo — milhares deles, com gritos horrendos. Como morcegos gigantes, saíram a planar pela floresta e foram além, invadindo os sonhos de todos que dormiam perto dali.



Um encontro
de medonhos

O raio lunar estava frenético. Encontrara Breu! O Maléfico Breu! Tinha de retornar à lua e avisar o czar Lunar! Mas lembrou-se das crianças que dormiam na choupana. E se os Medonhos fossem atrás delas? Como o raio lunar poderia ajudar se ainda estava preso no punhal de diamante? O raio saltou e esticou-se, guiando o garoto, que deslizou com ele até a cidade, leve como o ar, de volta à janela dos dois irmãos. Eles derraparam pelo gelo até lá chegar.

O garoto espectral fez força para subir no peitoril da janela. Enquanto espiava as crianças, agitou-se, em algum ponto de seu coração, a memória ou antiga reminiscência de um bebê adormecido e uma cantiga de ninar distante. Mas a memória dissipou-se tão logo surgiu, e o deixou entristecido de uma maneira tão profunda quanto inesperada.

Uma coisa escura passou veloz por ele até entrar no quarto das crianças. De repente, dois Medonhos pairaram e se retorceram sobre o menino e a menina adormecidos, que começaram a inquietar-se e agarrar-se aos cobertores. Por instinto, o garoto espectral pulou do peitoril e pegou um galho quebrado do chão, prendendo o punhal de diamante na ponta. Ele mirou sua arma reluzente contra a janela.

Os Medonhos contraíram-se diante da luz, mas não sumiram. Então, pela segunda vez naquela noite, o raio lunar brilhou com toda força. O brilho agora era demais para os Medonhos. Com um gemido baixinho, eles se enroscaram e se contorceram até sumir, como se nunca houvessem estado lá.

As crianças viraram-se e aninharam-se nos travesseiros, sorrindo.

E, após ver isso, o garoto espectral também riu.

* * *

Lá no alto, na lua, não havia motivo para risadas. Czar Lunar — aquele que chamamos de Homem da Lua — estava em alerta. Havia algo errado. A cada noite ele enviava milhares de raios de lunares à Terra. E todas as noites eles retornavam e faziam seus relatórios. Se ainda brilhassem, estava tudo bem. Mas,

se estivessem enegrecidos ou embaciados da jornada, o czar Lunar saberia que as crianças da Terra precisavam de sua ajuda.

Ao longo de um milênio, tudo estivera bem e os raios lunares retornaram tão brilhantes quanto haviam partido. Hoje, porém, um raio não retornara.

E, pela primeira vez em muito tempo, o czar Lunar sentiu um temor antigo.

CAPÍTULO DOIS



No Qual Falar as Línguas dos Insetos É de Grande Ajuda

OS RINCÕES COBERTOS DE floresta do leste siberiano, ficava a pequena cidade de Papoff Noelen. Lá vivia um dos últimos grandes magos, Ombric Shalazar. Naquela manhã, ele estava concentrado em uma discussão com diversos insetos noturnos, especificamente uma Mariposa Lunar, vários vaga-lumes e uma Lagarta Lunar.

Isso não era incomum. Ombric falava milhares de idiomas. Era fluente nos dialetos de todo tipo de inseto, pássaro e fera; falava até hipopotamês.

Enquanto passava de mariposês-lunar a vagalumês, um grupo de crianças do vilarejo que saíra cedo para a escola passou ali perto. Muitos já haviam começado a aprender os idiomas mais prosaicos (o formiguês, o minhoquês, o caracolês), e embora mariposês e vaga-lumês fossem complexos (lagartês, nem se fala), sentiam pelo tom da conversa que havia algo de muito errado.



Ombric reflete

Ombric tendia a ser um mago de extraordinária tranquilidade. Nada o pegava de surpresa. Não haveria como. Afinal, ele era o último sobrevivente de Atlântida, a cidade perdida. O homem que havia visto e feito de tudo! Que se comunicava telepaticamente com as corujas. Que atravessava paredes. Que transformava chumbo em ouro. Que ajudara a inventar o tempo, a gravidade e as bolas pula-pula! Mas, hoje, enquanto conversava com aquele grupo de insetos, parecia, pela primeira vez, perplexo e preocupado. Sua sobrancelha esquerda franzia-se em uma expressão tensa. Então, de repente, ele voltou-se para as crianças e disse algo que nunca tinha dito:

— Hoje não haverá aula. Vocês têm que voltar para casa... *já*.

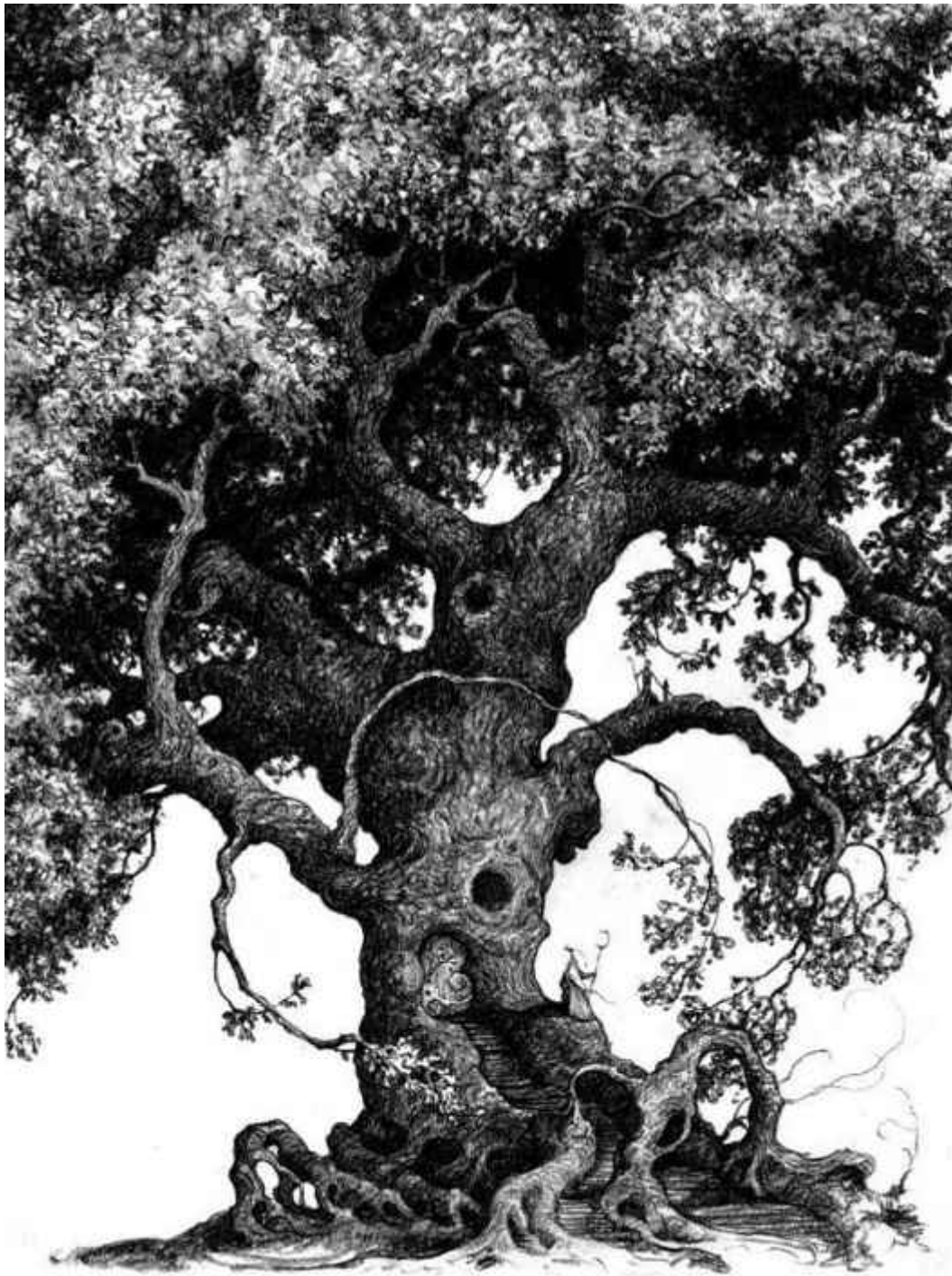
As crianças ficaram assustadas. Até desapontadas. As aulas *nunca* eram canceladas e raramente terminavam cedo! Às vezes duravam tanto que o próprio Ombric tinha que parar o tempo por um instante para que pudessem continuar um pouco mais. Era algo que causava grande fascínio, pois tudo que Ombric ensinava era, sem exceção, divertidíssimo. Ele não só mostrava como fazer a água fluir ao contrário e como represar um córrego da forma certa, mas também como escalar praticamente qualquer coisa, construir catapultas e, o melhor de tudo, os segredos da imaginação. “Entender o faz de conta”, costumava dizer Ombric, “é conquistar todas as barreiras do tempo e do espaço”.

Todos os estudos, a propósito, eram focados em fazer qualquer coisa que eles imaginassem — não importava o quão impossível ou fantástica — tornar-se verdade. Portanto, abatidos e apreensivos quanto à alteração em sua rotina, as crianças retornaram tristemente para casa. Algumas moravam em árvores, outras nos subterrâneos, algumas meio a meio. Pois Papoff Noelen era diferente de qualquer vilarejo do mundo. Toda casa tinha uma passagem secreta, ou alçapão, ou sala mágica. Eram comuns telescópios e tetos retráteis feitos de galhos verdejantes. Fora assim que Ombric sonhara que devia ser. Queria um vilarejo que parecesse impossível.

Desde a época em que Ombric era um mago muito jovem, ele excursionara por cada canto da Terra à procura do local perfeito para criar um refúgio de

sonhadores como ele. Mas foi apenas ao quase ser atingido por um meteoro (o qual, felizmente, explodiu duas encostas à frente) que ele encontrou o lugar certo. Mal dando atenção a seu possível infortúnio, ele investigara a cratera ainda quente. Lá, exatamente no centro, havia um único broto que sobrevivera ao impacto. O broto brilhava, e Ombric deduziu instantaneamente que era a energia das antigas estrelas.

O mago cuidou da arvorezinha, e ela cresceu — mais rápido do que ele imaginava ser possível — até tornar-se uma maravilha da natureza. Uma maravilha do cosmos! Cresceu até o tamanho exato que Ombric sonhara. E deu forma a seus galhos, raízes e tronco, para que Ombric pudesse viver dentro dela. As primeiras crianças que viram a grande árvore batizaram-na de Troncuda. E de seu quartel-general, Ombric recebia todos aqueles de mente inquieta e coração gentil. Logo brotou um pequeno vilarejo. Ombric nomeou-o Papoff Noelen, antiga frase de Atlântida que significava “lugar dos sonhos”.



O esplendor da Troncuda

O mago labutava diariamente para fazer de Papoff Noelen o santuário perfeito para o aprendizado — um lugar esclarecido, onde ninguém riria de ninguém (fosse jovem ou velho) que sonhasse com o possível... e com o impossível. E, assim, inventores, artistas e visionários de todo o globo foram atraídos para o vilarejo.

Ombric sabia que nem todos tinham a mesma concepção de aprendizado. Ora, veja só o que haviam feito na Itália com o pobre Galileu, quando ousou sugerir que a Terra girava em torno do sol! Assim Ombric projetou várias camadas de barreiras mágicas, uma dentro da outra, para proteger seu vilarejo. E, assim como a Grande Muralha da China, isso levou séculos para ser concluído.

Primeiro, cultivou uma sebe circundante de samambaias e videiras que protegeria o centro de Papoff Noelen. O chão ao redor do vilarejo, rico em poeira estelar, provou-se um fertilizante sem igual, e dali brotaram videiras fortes, que se espalharam segundo as ordens de Ombric. Elas se entrelaçaram e se retorceram até formar uma cerca quase impenetrável, de trinta metros de altura, farpada de espinhos com o comprimento de lanças.

Apesar dos espinhos, estranhos que tinham mais interesse nos boatos sobre tesouros do que em aprendizado conseguiam chegar a Papoff Noelen. Assim como vários mestres magos, Ombric podia conjurar diamantes e pedras de magnífico esplendor quando lhe convinha. Ele os usava em feitiços e elixires. Uma vez usados, eles perdiam brilho e valor. De qualquer maneira, os rumores de inenarrável riqueza persistiam. E realmente *havia* riquezas em Papoff Noelen! Só não eram do tipo cobiçado pelos interesseiros.

Ainda assim eles vinham, pois as célebres histórias eram sedutoras demais para que os caçadores de tesouros resistissem. Mas, quando eram recebidos pelo mago enfurecido, esses visitantes lançavam novos rumores. Chamavam Ombric de herege, de bruxo, ou até coisa pior. Diziam que ele havia roubado as almas do povo de Papoff Noelen e que devia ir para a fogueira.

Por isso, Ombric conjurou um segundo círculo de proteção — um grande urso negro, o maior de todas as Rússias, cuja coragem e devoção eram

inquestionáveis. O urso patrulharia a área para proteger o vilarejo de qualquer um que lhes quisesse mal.

Então, na orla circundante, Ombric plantou um terceiro cerco — majestosos carvalhos, cujas raízes imensas podiam erguer-se e bloquear o avanço de qualquer um que tentasse entrar com intento vil. Ombric precisou procurar em sete de seus diários mais antigos até encontrar o encanto certo para tal feito!

E, para o caso de não ser o bastante para manter os intrusos a distância, Ombric conjurou outra coisa: um ser fantasmagórico e sedutor, de sorriso cativante. Ornamentado com o que pareciam ser pedras reluzentes, a Alma da Floresta podia conduzir visitantes de temperamento descortês ou ignóbil a uma perdição particularmente útil, transformando-os em pedra e amaldiçoando-os para sempre a fazer parte das defesas do vilarejo.

Os esforços de Ombric foram bem-sucedidos. Cada vez menos vilões chegavam a Papoff Noelen, e só alguns forasteiros que ainda se lembravam da existência do vilarejo falavam sobre ele aos sussurros. É um lugar assombrado, diziam. Enfeitiçado. Um mistério que é melhor não solucionar, se você sabe o que é melhor para si.

Resolver mistérios, contudo, era o passatempo predileto dos aldeões, principalmente das crianças. O que mais lhes provocava a curiosidade era saber como Ombric fazia seus feitiços. Elas adoravam visitá-lo de surpresa, na esperança de encontrá-lo no meio da invenção de uma nova espécie de porco falante, ou de sapos armados com arco e flecha. Uma vez lá, ouviriam seu professor proferir sobre o assunto que estivesse investigando.

Era inevitável que se reunissem em torno da mesa de Ombric, onde ficariam a cutucar e examinar badulaques e engenhocas barulhentas, frascos borbulhantes de cores e formas chocantes, globos de mundos conhecidos e desconhecidos, relógios que podiam criar uma dobra no próprio tempo, ferramentas de função bizarra ou agradável, máquinas aladas, manipuladores de clima e lupas tão poderosas que podiam ver a escrita secreta de bactérias e micróbios. E os livros.

Incontáveis livros. Montanhas de livros que continham conhecimento desde o princípio dos registros dos tempos.

As crianças adoravam ouvir falar das sereias cantantes da ilha de Zanzibar. Dos piratas do rio Yangtzé. Dos gigantes “Abomináveis” — homens peludos que vagavam pelos picos de montanhas próximos ao topo do mundo.

Mas naquela manhã, quando Ombric retornou de sua conversa com os amigos insetos, precisava ficar a sós em seus estudos. Hoje não poderia haver crianças na Troncuda. Buscou os volumes mais antigos de sua biblioteca e leu-os com atenção. Em silêncio. E de cenho franzido. Os insetos contaram-lhe as coisas que haviam visto — coisas perturbadoras — na *sua* floresta encantada! Sombras haviam surgido, sombras de nada que se pudesse distinguir. Sombras silenciosas, com formas estranhas. E elas entranhavam-se cada vez mais na mata, a cada noite, cada vez mais perto da Troncuda.

CAPÍTULO TRÊS



Passeio Horripilante pela Mata

QMBRIC CONTINUOU A ESTUDAR preocupado em seu laboratório na Troncuda até que os primeiros vaga-lumes começaram a piscar. Tinha certeza de que um antigo mal estava por vir, mas ainda não possuía plano ou poção para enfrentá-lo. Seu consolo era saber que ainda tinha algum tempo para reflexão, pois a vida a seu redor desdobrava-se como de costume. As noites em Papoff Noelen não eram como em outros vilarejos. Para os outros, o crepúsculo significava o fim do dia, a hora de encerrar o expediente. Aqui, porém, erguiam-se os telescópios, retomavam-se as experiências, e o alvoroço de mentes inquietas dominava tudo. As crianças bombardeavam os pais com dúvidas: “É possível capturar um sonho? Quando sonhamos que voamos, estamos mesmo voando? Quando ninguém está olhando, os brinquedos ganham vida?” Exploravam-se possibilidades sem fim, pelo menos até a hora das crianças voltarem para casa.

As crianças eram muito astutas, brilhantes até, em evitar aquele temível momento do dia chamado “hora de dormir”. Era a única tarefa quase impossível que o vilarejo tinha de enfrentar todas as noites. Uma vez, as crianças disfarçaram-se de estátuas. Em outra, descobriram uma maneira de esconder-se dentro das pinturas na parede. O normal era elas simplesmente se embrenharem na floresta, onde às vezes até o urso as escondia. E a tropa da Grande Rena certamente estava do lado delas, pois em muitas ocasiões saíam a galope entre as árvores com crianças rindo nas montarias, logo à frente dos pais que as perseguiam.

Por fim foram inventadas as armadilhas para crianças, que encurtaram o ritual noturno. Firmes mas gentis, as armadilhas capturavam as crianças, davam-lhes banho, escovavam-lhes os dentes, vestiam-nas com pijamas e lançavam-nas de volta aos quartos.

Mas as crianças vinham ficando cada vez melhores em evitar as armadilhas. Então a batalha noturna ficou ainda mais complexa. Era um jogo que os pais toleravam e que Ombric adorava, mas havia épocas em que sua paciência encurtava. Uma vez, as crianças chegaram a ficar à vista de todos, no topo das árvores que circundavam o vilarejo, mas, tendo pintado a si mesmas com céu e estrelas — usando a tinta mágica de Ombric, é claro! — , não foram descobertas até o alvorecer.

Naquela noite em especial, porém, tudo aconteceu de forma muito diferente. As crianças disseram que estavam cansadas. Disseram que estavam prontas para ir para a cama. Que *queriam* dormir. Ceddo, inclusive! Os pais não tinham certeza se era uma dádiva, um engodo ou alguma espécie de epidemia. Sendo pais, porém — e cansados da batalha noturna — , entraram agradecidos no jogo. Ficariam felizes em colocá-los para dormir cedo ao menos uma vez na vida.

Mas havia um plano em ação, que funcionou perfeitamente. Quando os pais estavam no sétimo sono, as crianças saíram sorrateiramente de suas casas, passaram pela Troncuda sem serem notadas e correram até a mata encantada. Pois também haviam conversado com as formigas e as lesmas (o lesmês é mera variação do minhoquês) depois que Ombric as mandara embora do laboratório. Não foi fácil entender o que as lesmas e formigas tinham para contar, pois era difícil traduzir as palavras “infiltrado” e “desconhecido”. Uma menina, Katherine, de olhos cinzentos, a única criança de fato criada por Ombric e que efetivamente morava na Troncuda, foi quem melhor entendeu a conversa.

— Há algo de novo e estranho na floresta — disse ela aos outros.

Os animais não sabiam ao certo o que seria. A dúvida se esses invasores eram bons ou maus não passara pela cabeça das crianças. Elas só estavam fazendo aquilo que lhes haviam ensinado: sendo curiosas. Então, de lampiões à mão, partiram ávidas para descobrir os novos e misteriosos convidados.

As crianças adentraram cada vez mais fundo a floresta, seguindo trilhas conhecidas. Nem corujas nem esquilos cumprimentaram-nas. Gambá algum disse olá. Não conseguiram nem ouvir o urso, cujo alvoroço ao caminhar ou

cujos roncos eram sempre um som reconfortante. Tudo estava estranhamente silencioso. A luz da lua mal penetrava o grosso dossel de galhos e trepadeiras.

As crianças entreolharam-se, nervosas. Nenhuma queria ser a primeira a sugerir o retorno. Ombric chamava-as de “fortes e leais diabretes”. Como poderiam dar meia volta?

Mas então o próprio ar ficou estático, de forma sobrenatural, e pela primeira vez as crianças sentiram medo. Colaram-se umas às outras e assistiram às trevas ficarem mais escuras. E também caíram em silêncio.

O primeiro grito só veio quando os Medonhos já estavam quase as alcançando.



CAPÍTULO QUATRO



Das Sombras Surgem os Mistérios

AS SOMBRAS APROXIMAVAM-SE DEVAGAR, inaudíveis, circundando as crianças, mais perto a cada volta.

As crianças colaram-se uma às outras tanto quanto podiam. De início haviam gritado, o que só fizera as sombras aproximarem-se mais. Por isso, ficaram novamente em silêncio. Viam os rostos umas das outras tensos de medo à pouca luz do lampião. Como iriam defender-se destas *coisas* de outro mundo? O que Ombric faria?

O garoto mais velho, William Alto, primogênito do Velho William, abriu um dos orifícios de seu lampião e ergueu-o. Mas as sombras aracnídeas só se expandiram, chegando ainda mais ameaçadoras ao grupo de crianças, como se desafiassem a luz.

— Achei que iria ajudar — disse ele, desconcertado, tentando soar corajoso. Fechou o lampião.

— Quem sabe se correremos — sugeriu outro garoto.

— Não! — gritou Katherine. — Temos que ficar juntos. Vejam! Alguma coisa está vindo para cá! — Ela apontou para pequenos focos de luz que começavam a pontilhar pela floresta ao redor. Vaga-lumes! Em número grande demais para contar, eles vieram em massa e atacaram as sombras como flechas luminosas lançadas de um arco invisível.

Em poucos instantes, os pássaros, as renas e praticamente todas as criaturas da floresta uniram-se a eles! Então as árvores começaram a agitar seus galhos e as videiras a chicotear. Mas como se enfrenta uma sombra?

Elas partiam-se em pedaços. Mas, sendo sombras, refaziam-se no mesmo instante e assumiam novas formas. Esmagavam as videiras e arremessavam para longe os defensores da floresta como se fossem folhas ao vento. Sem se intimidar,

o exército da floresta continuava a sua louca investida, reerguendo-se repetidas vezes para defender as crianças. Ainda assim, as sombras defendiam-se e começavam a envolver as crianças num manto de trevas. As mais velhas imediatamente abraçaram as mais novas, na derradeira tentativa de protegê-las. *E onde está o urso? É claro que o urso vai nos ajudar*, pensaram enquanto o piche negro subia como uma enchente.

Então, em meio às trevas, algo surgiu. Era veloz e reluzente — quase rápido demais para ser visto. Era mais brilhante que o fogo, e as sombras acovardaram-se. Foi quando ouviu-se um riso. O riso reluzente de uma travessura.

Em um único e singelo instante as crianças viram o que parecia ser um garoto elfo segurando um cajado cuja ponta emitia um brilho forte de luar. O garoto parecia cintilar como pequenas contas de luz. Ele continuava calmo em meio ao caos e sua risada gerava redemoinhos de névoa que pairavam no ar. De repente, transformou-se em cem raios de luz que se uniram em torno das crianças como um cone de defesa, afastando o manto sombrio. E aí espalhou-se em todas as direções, afastando todas as criaturas sombrias à vista.

Assim que as sombras sumiram, desapareceu também o garoto espectral, deixando para trás apenas uma brisa de gargalhadas que vagou pela mata como um eco.

As crianças levantaram-se aos poucos. As criaturas da floresta endireitaram-se. Quando meninos e meninas olharam ao redor, atordoados e incrédulos, viram seus pais e Ombric surgirem à beira da floresta. Pelo menos desta vez, numa cidade onde a surpresa era a ordem do dia, ninguém sabia dizer ao certo o que haviam acabado de ver. Até Ombric ficou sem fala por um momento. Mas o mago agora entendia o que estavam por enfrentar.

— Dadas as atuais circunstâncias, o local mais seguro para as crianças dormirem esta noite é a Troncuda — disse ele, enfim. — Um antigo mal despertou... e tenho que contar-lhes mais. Venham.

E antes que alguém pudesse concordar ou discordar, o mago abriu seu manto e teletransportou todos para a árvore.

CAPÍTULO CINCO

A Era de Ouro

PARA ALGUÉM TÃO SOBRENATURAL, Ombric era um anfitrião deveras atencioso. Ele não só trouxe todo o vilarejo à sua árvore, mas também, com um comando silencioso, pediu à Troncuda para formar aposentos para todas as crianças dormirem. A árvore, como sempre, aquiesceu. Beliches materializaram-se do centro oco, divergindo como raios de uma imensa roda. Cada coluna tinha cinco camas de altura. E torcia-se ao centro uma escada em espiral.

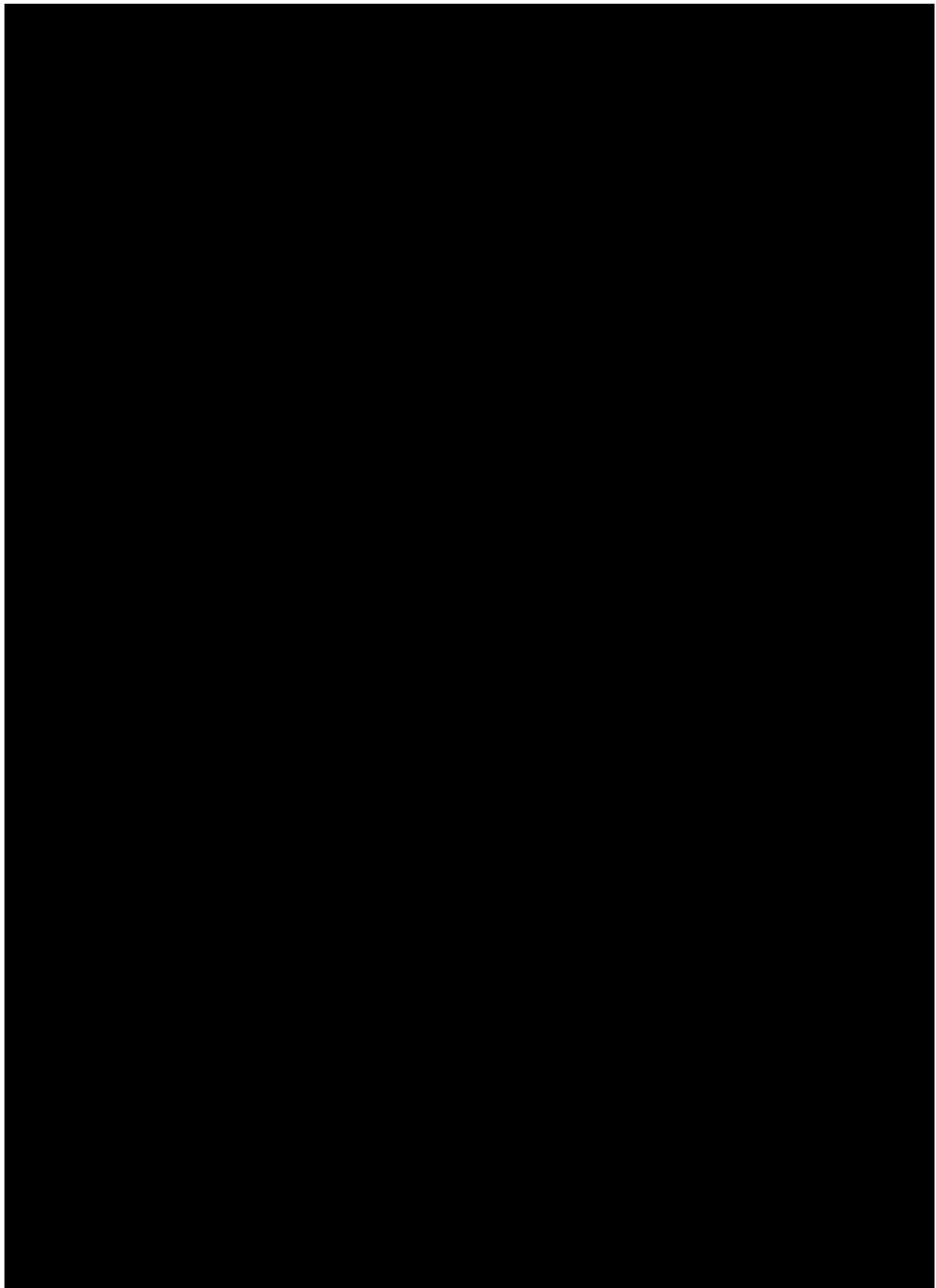
Pairavam no ar biscoitos, chocolates e leite ao lado de cada cama. O medo ia deixando as crianças à medida que esticavam a mão para alcançar uma guloseima. Os adultos eram mais cautelosos. Sabiam que as delícias eram para reconfortar. Por isso permaneciam atentos... O que Ombric lhes diria?

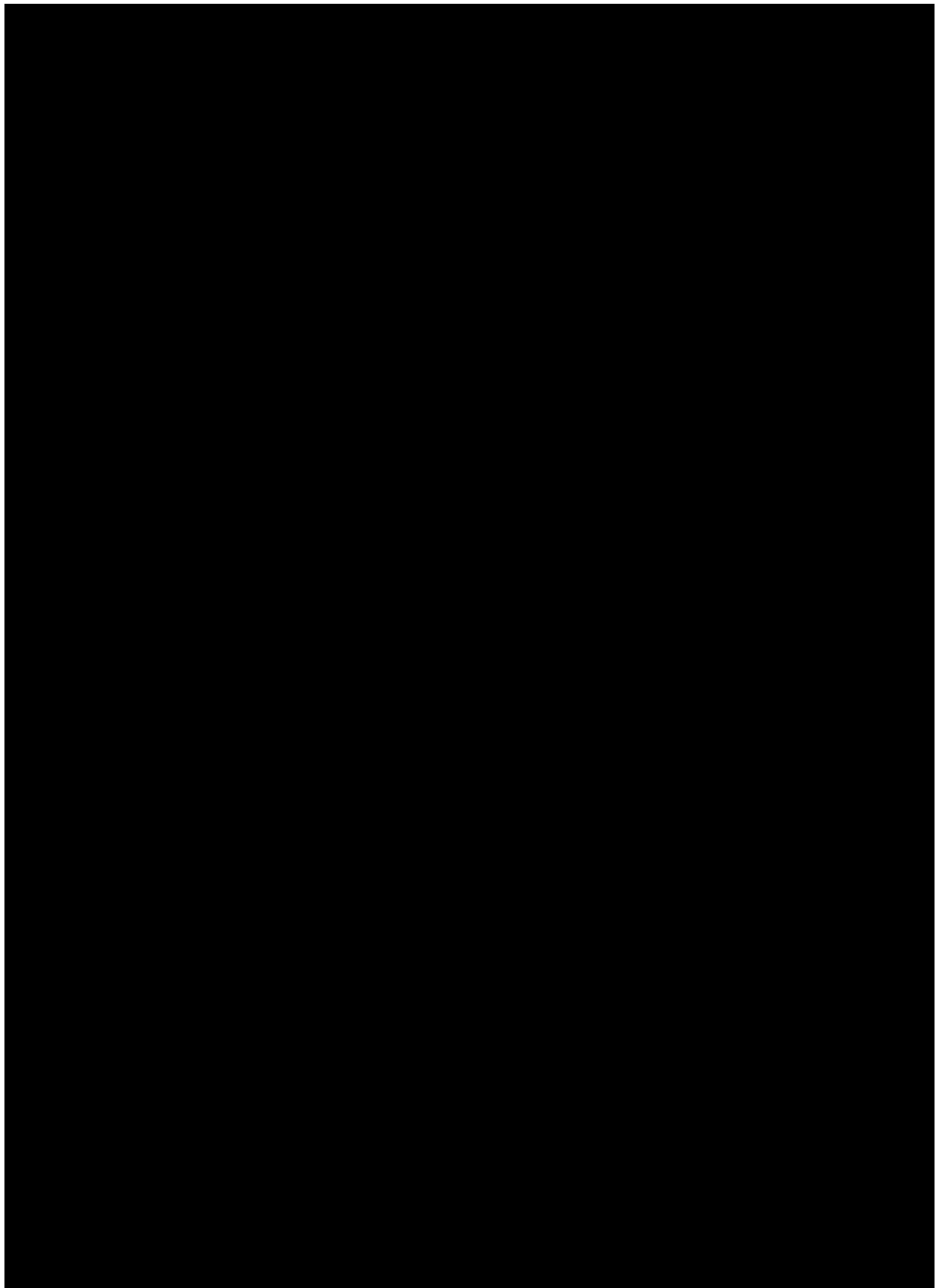
Enquanto as crianças deliciavam-se a cada biscoito, Ombric ficou ao pé da escada, observando pensativamente o átrio oco da Troncuda. Ergueu um dedo ao céu e girou-o. Do topo do átrio da árvore, a casca começou a desvelar-se até que abriu um imenso portal, redondo como uma janela.

O vilarejo inteiro estava lá: pais e avós, tias e tios. As crianças inclinaram-se em seus beliches. Agora conseguiam enxergar o céu estrelado e a lua, brilhando forte e bela.

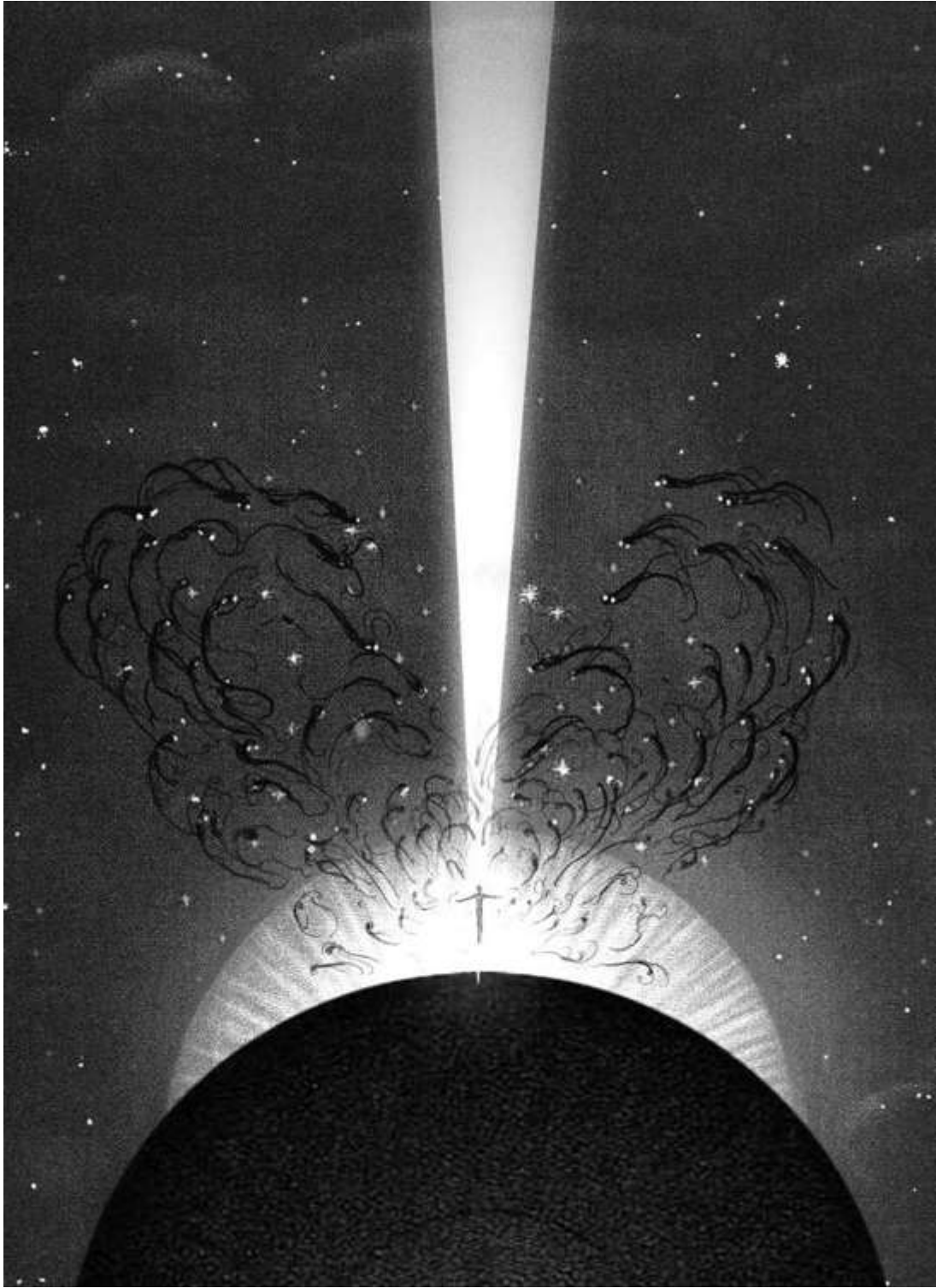
— Hoje nos encontramos no centro de uma antiga guerra — iniciou Ombric, subindo lentamente a escadaria. — Vejam a nossa lua. Ela nem sempre esteve lá para iluminar nossa noite. Uma guerra a trouxe até nós... A guerra contra o Rei dos Pesadelos. — Ele fez uma pausa e um sinal para a esfera brilhante.



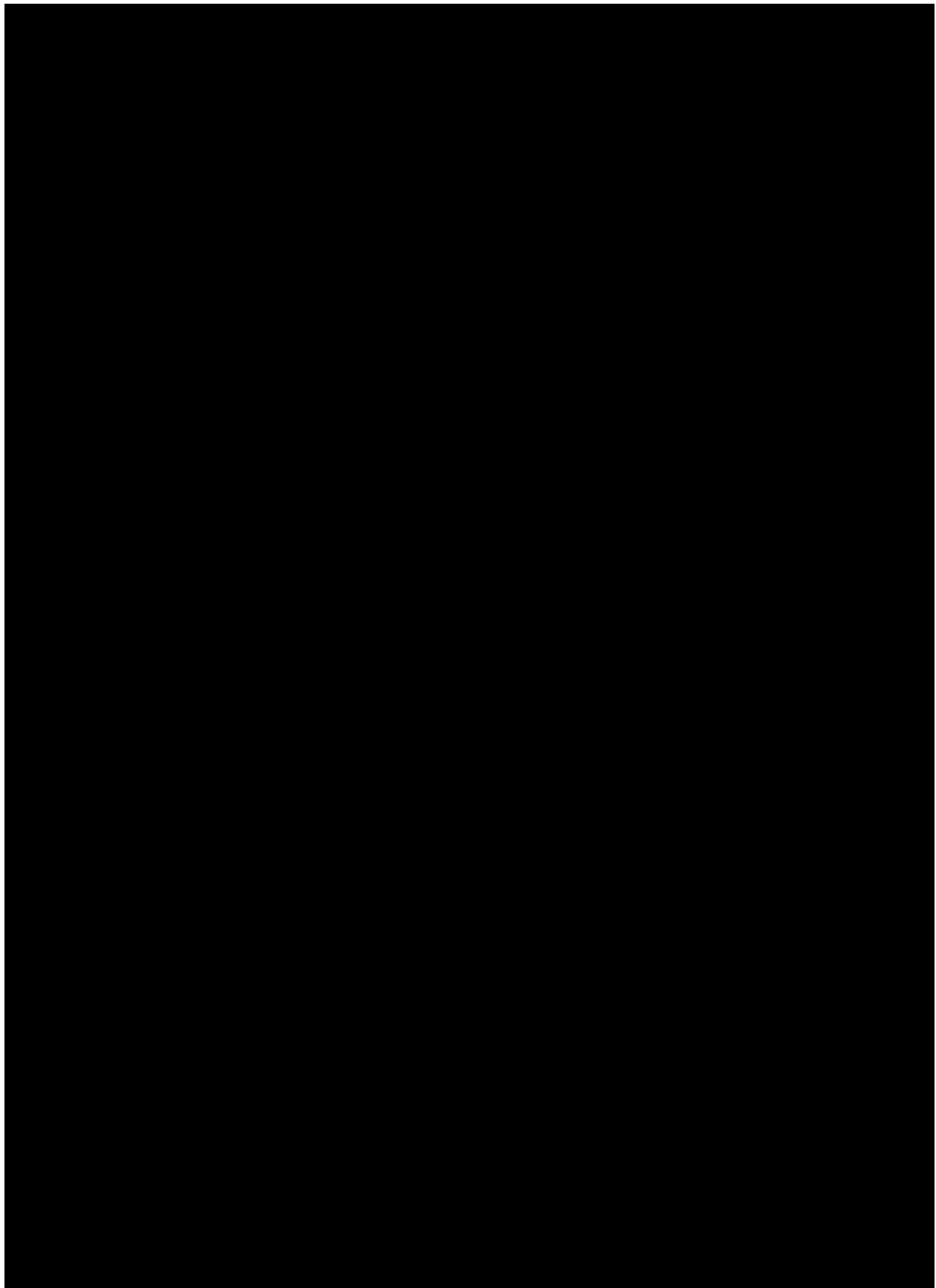


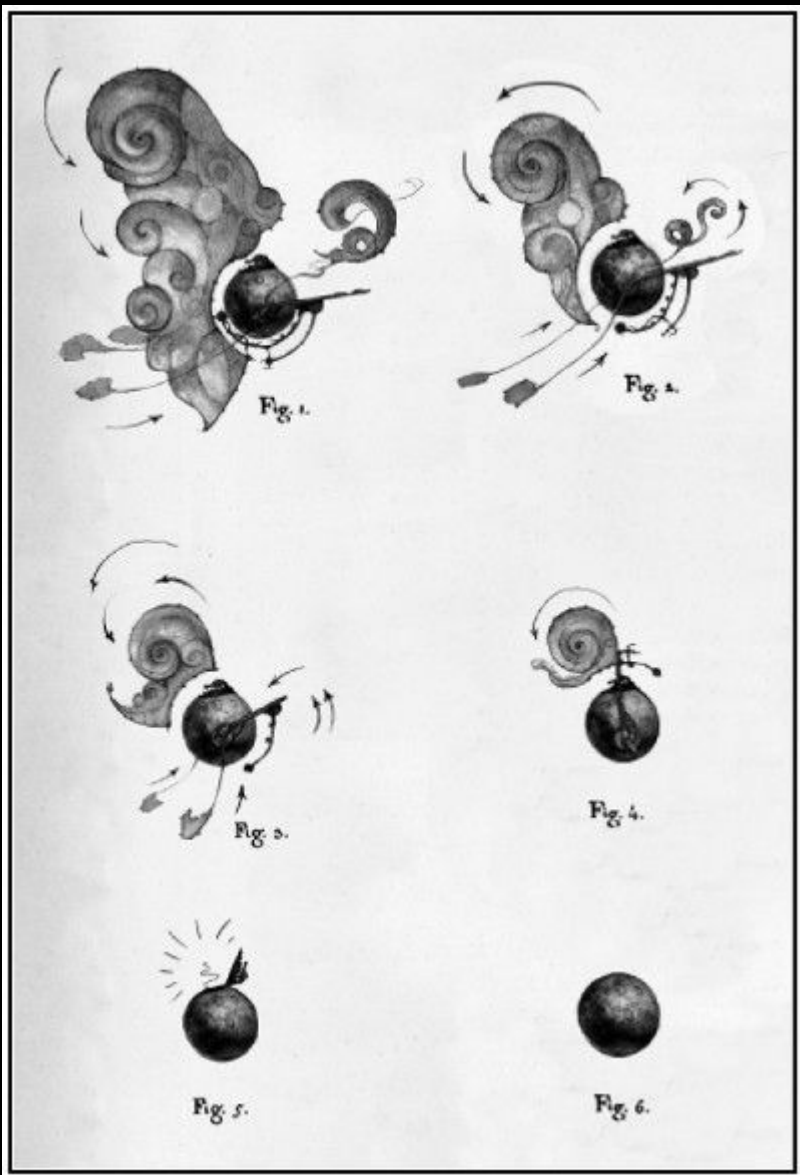


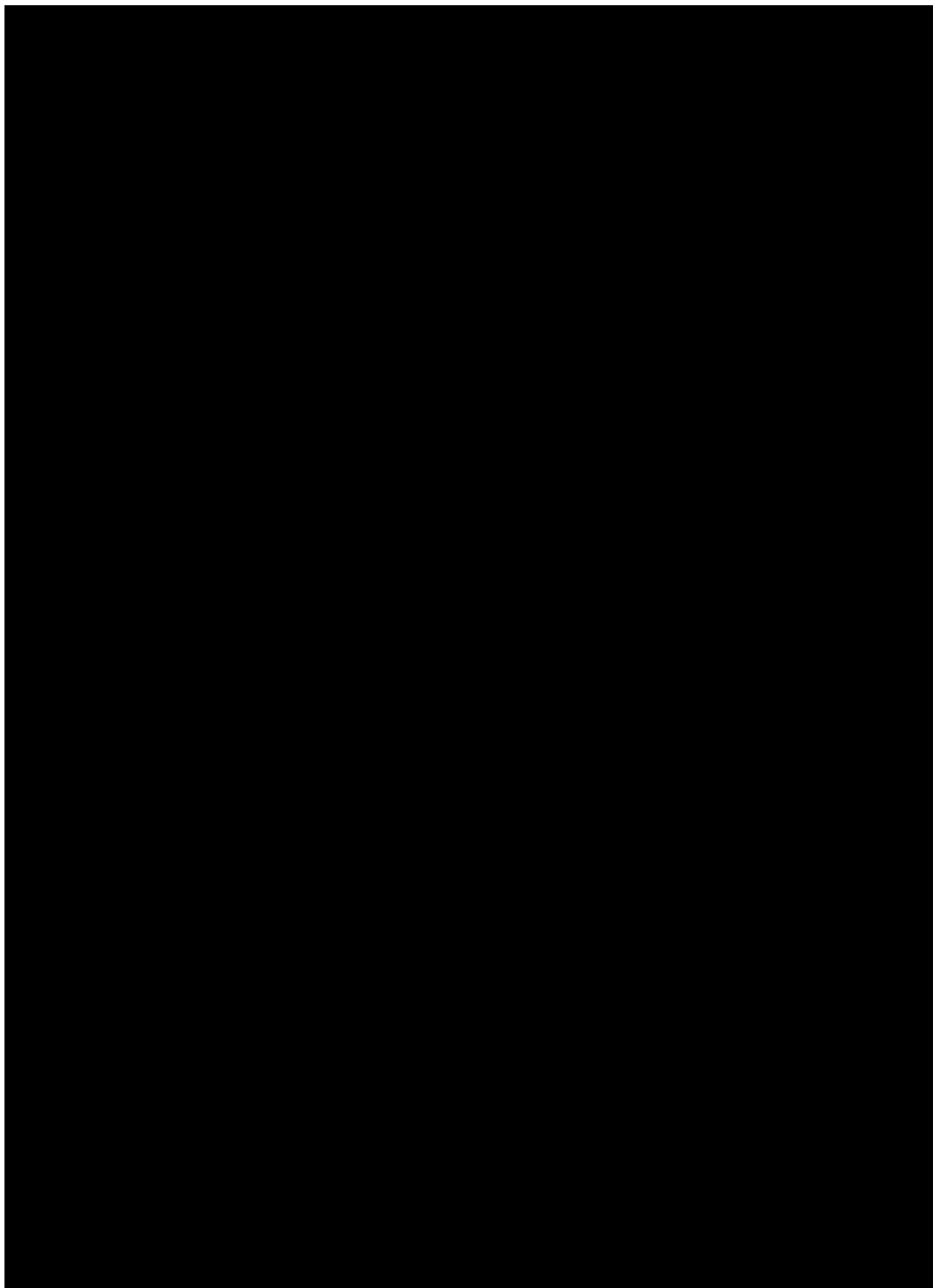


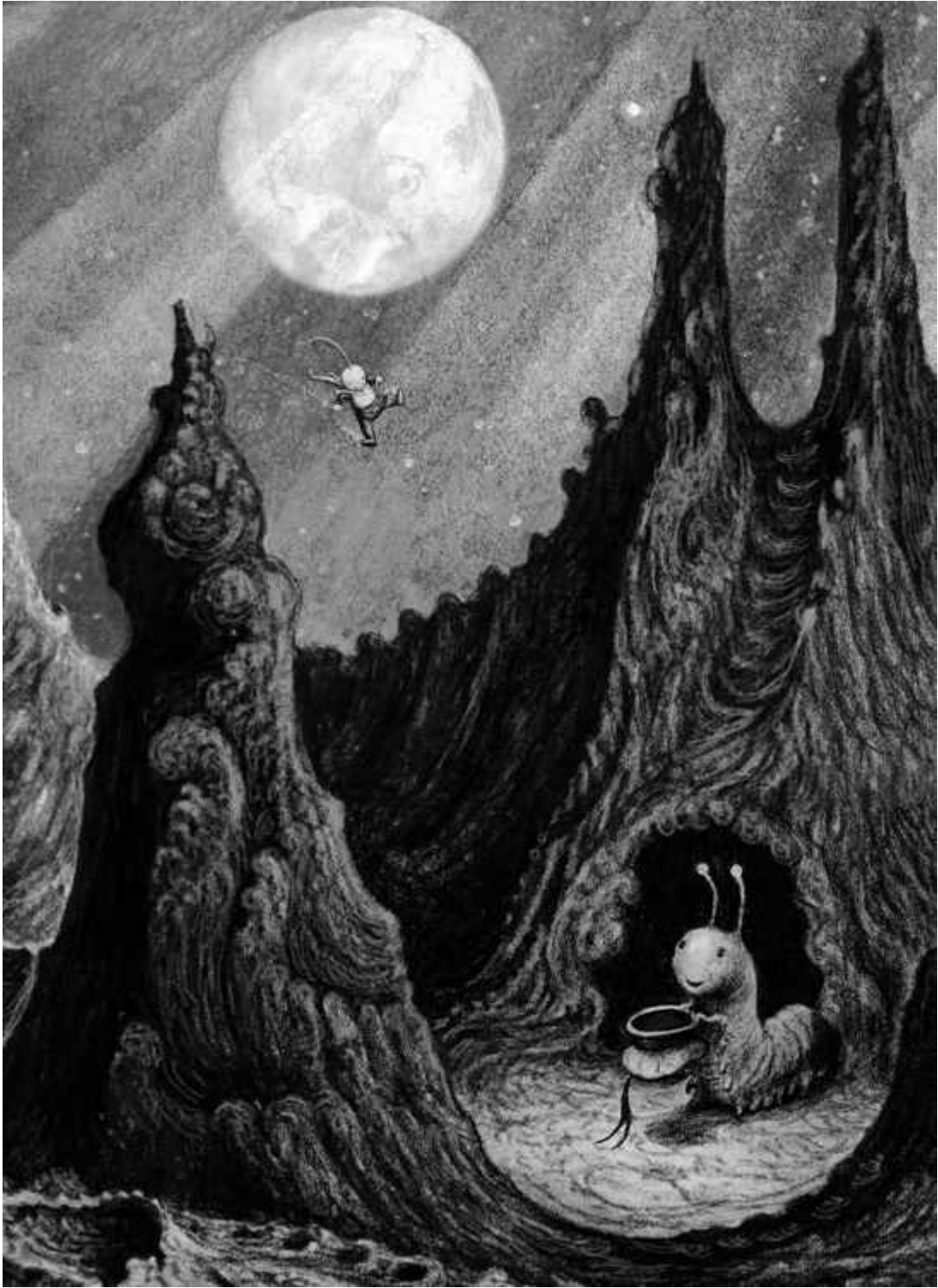


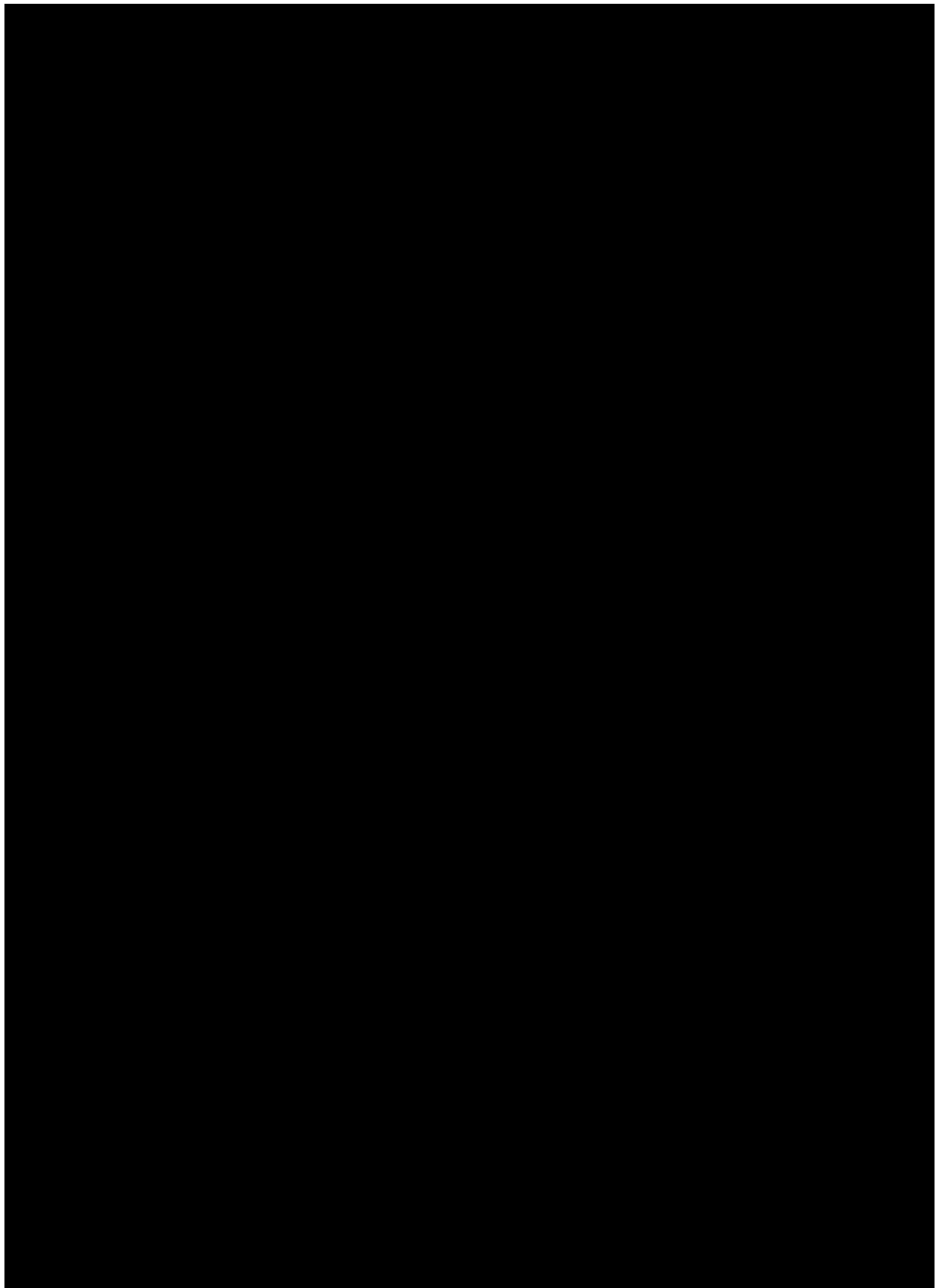












Então Ombric interrompeu a história. As imagens na lua esvaneceram. Os aldeões voltaram-se para o mago.

— Breu está de volta — disse Ombric sem mudar o tom. — Somos testemunhas.

Ele puxou um pequeno pote de vidro de seu manto. Dentro havia um Medonho do tamanho de uma mão, agitado e louco para fugir. As crianças e seus pais fizeram juntos um coro de suspiros apreensivos.

— Ele não tem como escapar — garantiu-lhes Ombric. — O vidro é feito de areia estelar, assim como as janelas da Troncuda.

Todos deram sinal de alívio. Então começou uma torrente de perguntas.

— Mas estamos seguros? — perguntou um pai.

— Eles vão voltar?

— Como os enfrentamos?

— Você tem poder suficiente para detê-los?

— Quem era o garoto do cajado?

— Você consegue ver o futuro! Diga-nos!

Ombric ergueu a mão para aquietá-los. Olhou para os amigos com seus olhos sábios, o cenho franzido profundamente.

— É verdade, sei de muitas coisas — disse ele. — Mas isso está além até das minhas habilidades. Tenho certeza apenas do seguinte: Somos fortes. Somos corajosos. Mas precisaremos de ajuda. As crianças vão dormir aqui hoje, onde ficarão mais seguras.

Então abriu o pote do Medonho. A criatura saltou como um raio e voou pela sala, rodopiando e lançando-se entre os beliches. As crianças enfiavam-se debaixo das cobertas quando ele chegava perto. Os pais corriam para protegê-las, olhando uns para os outros, nervosos. No instante seguinte, um raio lunar brilhou e saiu atrás do Medonho. A luz é mais veloz que a sombra, de forma que o raio capturou com facilidade o ser maléfico. Com um toque, a temível criatura dissolveu-se até virar nada.

Assim que o salão se acalmou, Ombric chegou perto do raio lunar.

— Foi Lunar que enviou o garoto reluzente? — perguntou com premência na voz.

As crianças sorriam entre si. É claro que Ombric falava a língua dos raios lunares! O raio esmaeceu e sua luz bruxuleou. Ombric fez um meneio.

— Não? Muito interessante. — Ele coçou as sobrancelhas. — Agora retorne a seu lar, jovem soldado — disse ao raio. — Conte ao czar Lunar o que viu. Enviem todo auxílio que puderem. — O raio fez uma pausa momentânea e então lançou-se pelo átrio aberto da Troncuda, rumo aos céus.

— Ele irá nos ajudar? — perguntou um garoto chamado Fog.

— Tenho muitas esperanças — respondeu Ombric.

— Eu não quero ter pesadelos — disse choramingando a irmã de Fog.

— Eu vou virar Medonha? — perguntou Katherine, sentada em sua cama de sempre.

Ombric voltou-se para Katherine. Cuidara dela desde bebê, de forma que tinha lugar especial em seu coração.

— Não enquanto este velho mago viver!

Então, baixando as sobrancelhas ao seu aspecto tranquilo de costume, girou um único dedo para fechar o portal no alto da Troncuda e deu boa-noite aos pais. Tudo que podiam fazer era tentar dormir um pouco. Porém, na parte mais escura da noite, o sono foi interrompido. Um terrível rugido feroz, de tremer o chão, soou por toda Papoff Noelen.

CAPÍTULO SEIS



Nicolau São Norte (De Quem Pouco Se Esperava)

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, nos campos escarpados onde viviam os grandes rufões das planícies russas, dormia um jovem líder de fora da lei chamado Nicolau São Norte. Ninguém sabia ao certo quantos anos ele tinha, pois nem mesmo Nicolau sabia em que dia havia nascido, mas era crescido o bastante para ter um princípio de barba e não havia discussão de que era o maior malandro de todas as Rússias. Herói, não era. Mas dizia-se que uma vez derrotara todo um regimento de cavalaria com uma faca de carne — enquanto comia. Sua destreza com a espada era incrível, mas não o tipo de feito que deixaria uma mãe feliz.

Norte não tinha mãe, nem pai, nem família da qual recordasse. Nunca tinha sido colocado para dormir. Ele nunca conhecera a segurança de um lar, a ternura de um abraço materno, tampouco a camaradagem de um pai. Passara a infância na floresta, ciente de si apenas como predador e presa. Existem habilidades que se desenvolvem apenas quando se cresce esquecido e selvagem: o olhar aguçado, os passos leves, a velocidade inconcebível. Essas habilidades viriam a se tornar o idioma nativo de Norte — isto é um sentido sobrenatural para identificar de onde vinha o perigo. Quando garoto, ele fugia dessa sensação. Ao crescer, passara a buscá-la.

Árvores produzem anéis que indicam o crescimento a cada aniversário. Norte, porém, não tinha como marcar a passagem do seu tempo. Mas estava perto da adolescência quando foi levado pelos Cossacos, a tribo de guerreiros mais selvagem do Império Russo. Logo tornou-se o maior de seus combatentes. Com a adaga, o punhal ou a pistola, ele era imbatível. Ensinaram-lhe o idioma cossaco. E então os encantou com rações, provisões e bom-senso. Seria lógico

presumir que um pouquinho de civilização (se é que se pode chamar os cossacos de “civilizados”) viria a domar o rapaz, mas Norte continuou selvagem — embora agora, tendo aprendido com esses guerreiros, estivesse mais astuto, mais poderoso e mais bem alimentado.

Mesmo assim, aliado a todas essas virtudes duvidosas, havia sempre um largo sorriso. “A vida é feita de perigo e decepção”, gabava-se. “Eu rio diante de ambos!” Apesar de todo charme e humor, Norte não pensava em ninguém além de si mesmo, importando-se apenas com a emoção da batalha e a procura por tesouros. Contudo, os Cossacos eram cruéis, e Norte, mesmo com sua fraca noção de moral, não conseguia tolerar o desprezo que eles tinham pela vida humana.

E assim ele deixou a irmandade dos Cossacos para tornar-se um fora da lei — o mais famoso da Europa. Nunca capturado e sempre preparado, ele e seu bando já haviam saqueado metade das riquezas do continente. Mas o dinheiro nunca durava. Eles apostavam e gastavam tudo quase tão rápido quanto roubavam.

Aliás, Norte estava no sétimo sono, sonhando em como roubar a outra metade das riquezas do continente, quando um raio lunar enviado pelo próprio Homem da Lua brilhou sobre o acampamento dos fora da lei. O raio saltou de ladrão em ladrão, cintilando junto à orelha de Sergei, o Terrível. Não, não era esse ladrão. Putin, o Assustador. Também não. Então Gregor, o Fétido. Eca! Errado de novo. Enfim, encontrou Norte. Ah, sim, o príncipe dos bandidos! Em russo perfeito, o raio lunar começou a transmitir a mensagem, o sonho-história que o Homem da Lua desconfiava que poderia persuadir o jovem Norte.

Nicolau São Norte resmungou e debateu-se no sono, tentando espantar o raio. Mas ele foi persistente. Era uma missão muito importante. Quando ele enfim conseguiu plantar o sonho-história na mente sonolenta de Norte, zarpou de volta aos céus.

Estivesse alguém acordado àquela hora no acampamento, teria visto Norte de olhos fechados, balançando a cabeça para um lado e para o outro por vários

minutos, como se ouvisse uma história impressionante. Norte então começou a gargalhar, uma gargalhada alta, forte, ribombante, que não tinha mais fim. Ela ficou mais alta e mais forte, até acordar os homens. Olharam surpresos para o líder. Ele ainda não estava acordado, mas não parava de rir.

Enfim, até os cavalos começaram a se agitar. E, dentre todos, apenas o cavalo de Norte, Petrov, teve coragem de aproximar-se. Os colegas ladrões respeitavam Nicolau — admiravam-no, até — e o seguiriam aonde fosse. Mas ele era impulsivo e imprevisível — alguém que definitivamente NÃO se podia acordar! Petrov, contudo, trotou calmamente pelo acampamento, atravessando-o até chegar a seu mestre. Era um cavalo sabido — mais sabido que a maioria dos companheiros de Norte. Mexendo a cabeça com força, ele conseguiu soltar as pontas de suas rédeas sobre o rosto de Norte, que não parava de gargalhar.

O chefe dos fora da lei acordou, mas sua risada não se deteve. Ficou ainda mais forte. Ainda às gargalhadas, ele pôs-se de pé, puxou duas pistolas do cinturão e atirou para o alto. Depois deu um pulo, caiu sobre a sela de Petrov, agarrou as rédeas e saiu a cavalgar trevas afora sem dizer uma palavra.

Seus homens estavam agachados próximos à fogueira do acampamento, confusos pela estranha partida de Norte. Então, um a um, eles foram se erguendo, montaram em seus cavalos e saíram pela noite escura em busca do líder. Por mais que estivesse escuro, escuro demais para se enxergar, não importava. Ainda ouviam as risadas. E sabiam, pelo tom das gargalhadas, que Nicolau São Norte estava levando-os a aventuras e riquezas que superavam tudo que eles já haviam sonhado.



Norte tem um
sonho à bala

CAPÍTULO SETE



Que Não é Exatamente um Capítulo — Apenas uma Peça do Grande Quebra-Cabeça

NO TOPO DE UMA montanha escarpada localizada no alto das terras ermas da Rússia, aquele garoto, o garoto spectral que afrontou os Medonhos e as sombras, escondia-se da luz da lua. Ele espiou entre as pedras depositadas por antigas geleiras, e imediatamente agachou-se, voltando à escuridão. A lua sabia que ele estava lá. Um punhado de raios lunares dançou pelas rochas, como se o provocassem. O garoto espiou de novo, recuou, depois não resistiu a mais uma espiada. Os raios pulavam de pedra em pedra e, aos poucos, hesitante, o garoto deu um passo em direção à luz e fitou a lua.

Desta vez ele ficou de pé e totalmente parado, olhando em silêncio para a esfera resplandecente da lua. Começou a reconhecer o rosto — um rosto de muito tempo. Era o rosto de seu amigo mais antigo e mais querido, que não via desde a batalha fatídica contra Breu. Dezenas, depois centenas de raios lunares projetaram-se e dançaram ao redor do garoto. O vento começou a ficar mais forte, e nuvens fizeram redemoinhos a seu redor, cobrindo a montanha, quase rente a seu corpo. Os raios lunares começaram a piscar, a cintilar.

O raio preso dentro do cajado com ponta de diamante lampejou de empolgação. O cajado começou a balançar nas mãos do garoto. Puxou-o até o rosto e olhou para o raio de perto. Parecia conversar com ele. Ergueu o cajado para o alto, por puro instinto. Os raios lunares então focaram-se no diamante. Com explosões alegres de luz, pareciam comemorar terem encontrado seu antigo camarada. Aparentemente mensagens estavam sendo enviadas e recebidas. Então, o cajado puxou o garoto rumo às nuvens que passavam. Quando um

brilho forte tomou o ar, o garoto deu um passo em falso no pico da montanha. Mas não caiu! Quando seu pé atingiu o ar, tocou uma das nuvens que ali pairava.

O garoto espectral deu mais um passo. Depois outro. Olhou à sua volta. Estava de pé numa nuvem!

No instante seguinte, já estava correndo, pulando de nuvem em nuvem, mais rápido do que parecia possível. Sorria como garoto algum, espectral ou não, já havia sorrido.

CAPÍTULO OITO



No Qual o Impossível Acontece com Frequência Surpreendente

NICOLAU SÃO NORTE E seus homens cavalgaram a noite inteira. Foi uma noite incomum. A risada de Norte finalmente cedera, mas ele ainda cavalgava incansavelmente rumo ao sul, como alguém alegre e insano. A lua parecia iluminar-lhes o caminho, conduzindo-os pelos desfiladeiros mais escuros e as florestas mais densas.

Após horas de forte galope, chegaram a um rio de correnteza forte demais para atravessar. Antes que os bandidos pudessem diminuir a marcha, viram uma figura passar como um raio. Seria um garoto? Mas feito de luz? Seguiu-se um clarão deslumbrante, que iluminou a água de forma estranha, sobrenatural. Norte olhou para o rio; seus instintos entrando em ação. Afinal, era um rapaz audacioso e sentia que os raios lunares tentavam convencê-lo a confiar no impossível. Com um puxão, impeliu Petrov e eles lançaram-se ao rio. Não afundaram. Cavalgaram sobre a água! Os homens de Norte partiram atrás dele. Foi assim por todos os lugares. Lagos, córregos, fiordes — qualquer área coberta de água que bloqueasse o caminho iluminava-se e, como mágica, transformava-se em passagem.

Depois, enquanto subiam no alto de montanhas, aconteceu algo ainda mais surpreendente. À beira de uma escarpa íngreme, a montanha dava para o nada. Norte puxou as rédeas de Petrov; o cavalo ergueu as patas a tempo de evitar uma queda. Norte examinou a beirada: abaixo, não havia nada além de nuvens. Caso seguissem em frente, despencariam. Não havia como dizer até onde, mas seria morte certa. Então, lá estava ele de novo, o garoto reluzente, a explosão de luz a singrar as nuvens! E, mais uma vez, Norte gargalhou alto. Estalou as rédeas de

Petrov e eles seguiram em frente. Antes que seus homens pudessem gritar para detê-lo, ele já havia saltado da beirada. Norte e Petrov caíram alguns metros e aterrissaram em uma nuvem. Seguiram em frente, Norte agora a rir com alegria impulsiva.

Atordoados, seus homens saíram flutuando atrás dele. E também começaram a gargalhar do desatino selvagem e fantástico daquilo que sabiam ser impossível e ainda assim acontecia, era real. Seguiram sem parar por estes novos vales e montanhas de nuvem, ao longo da paisagem branca e reluzente do céu.

CAPÍTULO NOVE



A Batalha contra o Urso

AS NUVENS ENCANTADAS FIZERAM um declive ao redor dos altos picos que circundavam Papoff Noelen. Norte e seus homens deslizaram pela beirada ondulada da última nuvem e saltaram para o chão sólido à frente.

A alvorada estava surgindo; o céu começava a clarear em tons de púrpura e azul.

Norte seguiu em alta velocidade, apressando Petrov até um denso bosque que ele suspeitava cercar o vilarejo. Pois era a este vilarejo que ele se destinava, o vilarejo chamado Papoff Noelen, como explicara a seus homens enquanto disparavam noite adentro.

— Riquezas, rapazes! — berrava ele. — Vi tudo em sonho. Tesouros nunca dantes vistos, nem metade! Nem um décimo! E iremos encontrá-los! — Ele advertira que eles passariam por provações: — Trepadeiras com espinhos que podem decepá-los; árvores com raízes que são chicotes. Um urso de dez metros de altura!

Um de seus homens gritou:

— Mas, capitão, bandido algum conseguiu encarar essas defesas e viver para contar!

Então Norte deixou escapar um grande “Rá!”. Fez uma pausa de apenas um instante.

— NÓS não somos bandidos comuns! — Então estalou seu chicote de couro e partiu.

Agora, pouco antes do amanhecer, os homens apressavam-se rumo à fileira de carvalhos gigantescos que se alinhavam à beira da floresta, com raízes impressionantes a erguer-se e bloquear a entrada. Norte não titubeou. Com Petrov a todo galope, foi direto na direção deles. No último instante, as raízes

montanhosas suspiraram e ganharam vida. Arquearam e se reviraram como serpentes pré-históricas, formando uma entrada ampla o bastante para Norte e seus homens passarem. Norte tinha certeza de que aquilo era um sinal. *As defesas do vilarejo já estão se rendendo!*, pensou. *Talvez as defesas saibam quem vão encarar!*

— A floresta nos teme, rapazes! — gabou-se. A chicote e espora, seguiram galope.

Passaram em alta velocidade pelo vasto e impressionante alvoroço de raízes, depois lançaram-se ao emaranhado farpado de trepadeiras gigantes. As trepadeiras desenredaram séculos de nós e os deixaram passar. Norte olhou para os espinhos-lanças das trepadeiras com desdém — era quase fácil demais! Sorriu de volta para seus homens, triunfante. *Que tragam o urso.*

Os primeiros traços de luz do sol começaram a bruxulear em meio à fortaleza de galhos e troncos. Norte conseguiu divisar os traços de uma trilha bem marcada e, mais à frente, as colinas abertas do vilarejo. Ergueu o braço, instigando seus homens a continuar, quando um rugido aterrorizante acabou com a quietude da manhã nascente. O urso! O rugido ecoou outra vez, mais alto, mais próximo. Norte desembainhou a espada e ergueu-se na sela, querendo ver a fera. Seus homens fizeram o mesmo. Enfim haveria luta!

Mas ao fazerem uma curva no caminho, não foi um urso que avistaram. Havia uma bela figura cercada de névoa a bloquear sua passagem — a Alma da Floresta, última linha de defesa de Ombric. Seus véus tremulantes, cobertos de pequenas pedras preciosas, ondulavam e flutuavam ao seu redor como se levados por uma brisa que apenas ela sentia. Os homens puxaram as rédeas dos cavalos e se entreolharam. Nem o sonho de Norte falara dessa criatura. A Alma convidou-os a se aproximar. Quando chegaram mais perto, os olhos dela cintilaram, mais verdes que as esmeraldas que eles haviam roubado do sultão de Constantinopla. Ela parecia feita de joias — das mais extraordinárias que já haviam visto. Devia ser o fabuloso tesouro!

Embora o urso continuasse a urrar, os ladrões ouviam apenas o tilintar dos braceletes da Alma. Hipnotizados, os homens de Norte começaram a descer dos

cavalos. Caminharam rumo a ela, baixando as espadas. Mas Norte estava em dúvida. Olhou na direção do rugido do urso, depois para trás. Um feixe de luz da alvorada iluminou a Alma, e seu brilho agora cegava. Também hipnotizado, nem mesmo Norte conseguia tirar os olhos dela. O mundo a seu redor parecia esvanecer enquanto ele imaginava o tesouro que ela devia guardar. A Alma estendeu a mão pálida em sua direção, então abriu os dedos esguios: ouro! Norte começou a abaixar seu sabre, ignorando Petrov, que agitava sua crina de tanta frustração.

A Alma olhou nos olhos de Norte. Ela flutuou em sua direção, erguendo as moedas de ouro. Então estendeu as duas mãos — milhares de moedas douradas derramaram-se pelo chão. O tesouro estava à sua frente. Era só pegar. Ele *queria* pegar. Mas Petrov se empinou e bateu os cascos contra o chão. De repente Norte pôde ouvir os gritos que vinham do vilarejo. Tirou os olhos da Alma — o rugido do urso e os alaridos de pânico tomaram seus ouvidos. Os gritos vinham de crianças! Parecia que... estavam gritando para salvar a própria vida! O barulho tocou a alma de Norte, mexeu com um ponto em seu coração que ele não sabia existir. E, pela primeira vez na vida, Norte deu as costas a um tesouro.

Ele agarrou as rédeas de Petrov e puxou-o para longe do fantasma cintilante.
— Rapazes! Por aqui! — berrou.

Mas os demais estavam paralisados. Batendo as rédeas contra o pescoço de Petrov, Norte dirigiu um último olhar a seus homens, a tempo de vê-los jogando-se ao chão para pegar as moedas. Para seu horror, no momento em que as agarraram, foram transformados em pedra. Não mais audazes ladrões, congelaram-se na forma de horrendos trolls e elfos recurvados.

Antes que Norte pudesse pensar no significado daquilo, ouviu mais uma vez os gritos das crianças. Assim como em todo momento de verdadeira bravura, o coração de Norte bateu tão forte que preencheu o corpo inteiro com uma vibração constante, urgente, concentrando-o naquele intento como se não houvesse pensar, apenas agir. As batidas de seu coração faziam eco nos cascos de

Petrov, enquanto Norte seguia veloz em direção aos gritos. Veio um segundo coro de gritos, e Norte aticou ainda mais o cavalo.

Mas ao chegarem ao centro do vilarejo, Petrov freou bruscamente. A cena à frente deles parecia ter saído de um pesadelo. Norte havia visto muita coisa, mas nada em sua jovem vida comparava-se àquilo. Uma árvore, um carvalho de dimensões soberbas, lutava contra um enorme urso negro. Seus músculos, densos e flexionados de agressividade, crispavam-se sob a massa de pelo. As raízes da árvore haviam se arrancado do chão para agarrar e surrar o urso, como se fossem tentáculos de um polvo. A árvore girou um galho maciço para acertar o urso, mas a criatura bloqueou o golpe, quebrando o galho da árvore junto ao tronco e fazendo-o colidir contra uma casa. O urso então enfiou as garras no tronco da árvore, gerando buracos que revelavam seu cerne.

Foi lá, *dentro* da árvore, que Norte viu as crianças, pelo menos uma dúzia. Acuadas, aterrorizadas. À frente delas estava um velho mago a agitar loucamente um cajado de madeira, berrando o que pareciam ser princípios de um feitiço. Mas antes que o mago pudesse terminar, o urso estilhaçou uma imensa faixa de casca da árvore e capturou o mago, engolindo-o com uma única e feroz mordida. As crianças esconderam-se ainda mais fundo nas fendas da árvore, tremendo.

A árvore balançou com força. Suas raízes e galhos caíram sem energia. O urso se libertou. Fitou as crianças e ergueu a imensa pata. Mas Norte já vinha ao ataque. Tinha a vantagem: via o urso, mas o urso ainda não o vira! Guiou Petrov contra o pelo negro do urso a toda velocidade, fazendo a criatura brutal perder o equilíbrio. Desembainhando o segundo sabre, Norte conseguiu fazer meia dúzia de cortes profundos antes de a fera recobrar o apoio. Com um rugido que fez a floresta tremer, a criatura deu um golpe mais veloz do que Norte considerava possível. Uma só braçada já foi o bastante para arremessar ladrão e cavalo ao ar. Norte caiu dentro da árvore. Embora muito ferido, não vacilou. Com as crianças agrupadas atrás de si, manteve posição.

— Nosso urso enlouqueceu! — disse uma das crianças, sem fôlego.

— E Ombric — disse a voz lacrimejante de uma garotinha — foi comido!
— Ela engasgou-se com as palavras. Percebia-se que se esforçava para conter o choro.

— Então ele não comerá mais — respondeu Norte, e foi em desafio ao urso.

O animal ergueu-se em toda sua estatura, fazendo sombra ao fora da lei e às crianças. Suas garras estavam preparadas. Seus dentes estavam à mostra. Soltou um grunhido tão grave e ameaçador que Norte sentiu na pele.

Pela primeira vez, Norte não gargalhou diante do perigo.

Com velocidade estonteante, ele jogou seis punhais, três de cada mão, e crivou o urso de facas. Então recobrou seus sabres e atacou. O urso recuou. Norte estava preparado. Em um segundo, decepou as pontas mortais das garras do bicho. O urso lançou-se contra ele; Norte, com os dois sabres à mão, atacou.



Raríssima Devastadora Polonesa para duas mãos

O urso não se deu por vencido. Arremessou Norte ao chão como uma boneca de pano. O fora da lei, aturdido, não conseguia se levantar. O urso lançou-se contra ele, com todo o peso. Mas Norte também não estava vencido. Não deixaria que aquele monstro devorasse as criancinhas. Com a pouca força que lhe restara, ergueu os dois sabres assim que o corpo descomunal da fera caiu sobre si.

O urso caiu com a força de um meteoro. O chão tremeu por quilômetros. Uma nuvem de poeira e terra ergueu-se, tornando o céu da manhã cinzento.

Seguiu-se o silêncio. As crianças espiaram de dentro dos destroços da Troncuda. Distinguiam o imenso corpo do urso em meio à bruma de pó. Ele se mexeu e

remexeu, tentando erguer-se. Estava com a respiração entrecortada, difícil. Após um gemido longo e lúgubre, rolou lentamente e não se mexeu mais.

Quando a poeira começou a assentar, as crianças suspiraram. O homem com as espadas estava sobre o peito do urso. Ambos os sabres haviam sido enfiados até a empunhadura no pelo negro, logo acima do coração do colosso. O homem também estava imóvel; parecia pequeno, esfarrapado, como um brinquedo velho. Espantadas, as crianças aproximaram-se para observar o valente espadachim. O mundo delas estava destroçado. Seu amado urso transformara-se em monstro e destruíra tudo que elas amavam. Mas elas queriam, de alguma forma, ajudar este homem que as salvara de maneira tão corajosa. Ombric saberia o que fazer, mas Ombric...

Algumas das crianças começaram a chorar baixinho. Outras ajoelharam-se, estendendo a mão para tocar no homem caído. E ao fazerem isso, uma névoa negra, sombria, começou a subir da boca do urso. Começou a formar-se uma massa enegrecida. Ela ficou maior, crepitando e contorcendo-se à luz matinal. Então afluou-se numa forma que se elevou diante das crianças. Elas deram passos para trás. Já haviam visto esse rosto — na história que Ombric lhes mostrara da Era de Ouro.

Breu em pessoa olhava para elas. Em suas mãos, o cajado de Ombric, quebrado ao meio.

— Isto é tudo que resta de seu estimado mago — disse, com desdém.

CAPÍTULO DEZ



No Qual Acontecem Muitas Coisas Rapidamente

SEM ALGUÉM QUE AS protegesse, as crianças não tinham dúvida de que era seu fim. Breu chegou mais perto. As crianças recuaram. Aquele rosto! Aquele rosto horrendo, por si só, já era um pesadelo — não era apenas feio, mas assustador, frio, sem qualquer sinal de bondade. Séculos de crueldade refletiam-se naquele olhar penetrante. Ainda assim havia algo de majestoso, como uma tempestade que se aproxima. As crianças nunca haviam estado diante de um ser tão poderoso. Ele não era como Ombric. Não era como o urso. Elas ficaram congeladas, numa espécie de pavor hipnotizante, atemorizante.

Breu aproximou-se ainda mais. Ao fazê-lo, porém, as crianças notaram algo. Ele parecia estar esvanecendo, mais fraco à medida que o sol matinal surgia entre as árvores. E foi perdendo cada vez mais consistência. As crianças não conseguiam crer no que acontecia. Não ousavam se mexer.

— No momento certo... — sussurrou Breu, recuando da luz do sol — no momento certo, vocês serão minhas.

E, em meio a um sinistro silêncio, Breu lentamente começou a se infiltrar no chão. Fez esforço para segurar as duas metades do cajado de Ombric, mas, quando ficou translúcido, os pedaços caíram de suas mãos e atingiram a grama. Então, como uma névoa desagradável, Breu se desfez até não sobrar vestígio.

Quando o terror se foi, as crianças saíram lentamente dos escombros da Troncuda. Começaram a olhar em volta, ávidas. Então viram, correndo em sua direção, reunindo-se ao seu redor e tomando-as nos braços, seus pais.

— Você está salvo, você está salvo! — gritou uma mãe, as lágrimas caindo sobre o garotinho que agarrava.

— Me desculpe — chorava um pai. — Ele não nos deixava acordar!

— Nós ouvíamos os gritos, mas não conseguíamos nos mexer — soluçou outra mãe, abraçando forte sua garotinha.

— Aconteceu alguma coisa com nosso urso! — contou o garoto mais alto.

— Ombric foi devorado! — disse outro menino, soluçando.

— Aquele homem nos salvou! E foi morto! — disse uma garotinha chorando e apertando o rosto contra o peito do pai.

— Mas vocês estão bem, estão bem — repetiram os pais, e a alegria desse fato começou a transformar soluços em sorrisos, choro em contentamento...

Apenas a pequena Katherine manteve-se distante, apertando os lábios até ficarem pálidos. Então, com um leve meneio da cabeça, ela deixou o grupo para juntar-se ao Velho William, o ancião do vilarejo. Ele estava exatamente no ponto onde Breu desaparecera. Só sobrara uma pequena fenda na lama endurecida. Ele olhou para o urso e para o herói caído que defendera as crianças. Balançou a cabeça. Dava sinais de sua tristeza.

Katherine pegou-o pela mão, e aos poucos os outros aldeões foram chegando. Viram o cajado de Ombric, partido.

— Mas como? — sussurrou o Velho William.

E o clamor da alegria das famílias reunidas começou a dar lugar ao luto cortante. Algumas das crianças começaram a encostar-se no corpo imóvel do urso, agarrando e abraçando seu pelo grosso e negro.

— Não! Não toque nele! — berrou o pai de Fog, puxando-o para trás.

As lágrimas empoçavam-se nos olhos da criança.

— Mas é o nosso urso!

Outra criança entrou na conversa:

— Ele nunca iria nos ferir de propósito!

— Não foi culpa dele. O malvado o transformou — disse Katherine. — Pensem no que ele foi para nós!

Então todos pararam e lembraram-se. Não dos últimos momentos de loucura do urso, mas dos anos de devoção e amizade. De como ele os protegera

inúmeras vezes. E o que seria de Ombric? E da Troncuda? Estariam perdidos para sempre?

O pesar começou a espalhar-se. Primeiro, as árvores do perímetro externo do vilarejo começaram a balançar, seus galhos caindo ao chão da floresta. Então o restante da floresta — cada habitante, fosse planta, inseto ou outro bicho — passou a preencher o ar com um forte som aflito, como se o mundo inteiro estivesse lamentando. O céu escureceu. O vento ganhou força. As folhas começaram a desprender-se das árvores, das trepadeiras, dos arbustos. A Troncuda perdeu toda sua folhagem. As folhas fizeram um redemoinho, circulando ao redor de Papoff Noelen como uma tempestade de lágrimas. Em meio ao borrão, os aldeões viram algo vindo em sua direção.

Era a Alma da Floresta. Veio planando até eles e pairou sobre o cajado partido de Ombric. Também estava lacrimosa, suas joias agora sem brilho, suas lágrimas caindo sobre as pontas quebradas do cajado.

O vilarejo nunca mais seria o mesmo. Aquilo parecia certo. Mas a primeira lição de Ombric a quem vivia em Papoff Noelen era simples: há um pouco de mago em cada um; o verdadeiro poder da magia estava em acreditar; todo feitiço começava por “Acredito, acredito, acredito.” O Velho William pegou as duas metades do cajado e encaixou-as exatamente onde haviam quebrado. Olhou para Katherine atentamente. Ela entendeu na hora.

— A primeira lição de Ombric — sussurrou ela, passando os dedos ao longo de onde o cajado tinha se quebrado, aplainando as farpas. — Acredito, acredito, acredito — disse.

O gemido de pesar ensurdecador que se abateu sobre o vilarejo não arrefeceu. Em meio ao alvoroço, porém, todos se lembraram da primeira lição. O Velho William, e depois os outros, começaram a entoar: “Acredito, acredito, acredito.” Repetidamente. E, fortalecido pela crença, o cajado partido voltou a ser uno.

A atmosfera começou a mitigar-se em ondas. O vento aos poucos se acalmou. O ambiente ficou tranquilo, como uma nevasca à meia-noite. O próprio

tempo pareceu parar. Os aldeões podiam sentir a magia ao seu redor. E, quando abriram os olhos, lá estava Ombric, com a aparência que só Ombric teria! Como se nada houvesse acontecido. E atrás dele estava o urso! Seus ferimentos haviam sumido — desaparecido! — mas agora seu pelo era branco como uma nuvem. E, em suas gigantes patas dianteiras, o homem estava deitado como uma criança adormecida.

Ombric pegou o cajado que Katherine, mais radiante que a luz do sol, ergueu à sua frente.

— Obrigado por lembrar-se — disse Ombric. Ele passou as mãos pela madeira gasta, pensativo, roçando um polegar contra a marca da quebra. Então apontou para o homem nos braços do urso. — O estranho ferido ajudou a nos salvar. Seria errado não retribuir o favor.

Com um meneio, Ombric começou a caminhar rumo à Troncuda. Diante de todos, a árvore começou a renascer. A cada passo de Ombric, novas folhas brotaram e cresceram. A cada passo, os corações partidos dos aldeões ficavam mais fortes. A magia enfim retornara a Papoff Noelen. E precisariam dela toda para curar o jovem estranho que salvara o dia.

CAPÍTULO ONZE



No Qual Fica Provado que a Sabedoria Engana

ENQUANTO NORTE RECOBRAVA e perdia a consciência na Troncuda, passaram-se dias. *Estou mesmo dentro de uma árvore? É a mesma árvore que vi enfrentar o urso? Uma árvore brigando com um urso?* Norte não era dos que acreditavam em magia. Acreditava apenas em sua mente astuciosa e na segurança de sua espada. Mesmo assim...

Ele permitira-se seguir um sonho maluco em que havia um tesouro. Cavalgara sobre água e nuvens — num cavalo de quinhentos e quarenta quilos! — e dera as costas para as riquezas que condenaram seus homens. Eram atos que desafiavam qualquer explicação. E agora ali estava, numa cama que parecia entender todos os seus pensamentos e necessidades. Quando estava desconfortável, ela se ajustava e o apoiava melhor. Quando suas pernas enfaixadas doíam, a cama massageava-o carinhosamente até ele se sentir melhor.

Comida e bebida pairavam voando a seu lado, embora ele ainda estivesse muito fraco para tentar pegá-las. Mas sempre havia um desfile de três ou quatro crianças curiosas, sempre discutindo uma com a outra sobre quem espalharia geleia na sua torrada, quem poderia levar a xícara de caldo quente ou a água com mel gelada a seus lábios e — o que parecia provocar as discussões mais acaloradas — quem podia alimentar seu cavalo. Mas quanto mais Norte descansava, mais sua mente questionava e maravilhava-se com a quantidade de coisas impossíveis que testemunhara.

O mais impossível foi o mago, o que ele vira ser devorado pelo urso, ter sobrevivido. *Mas como?* Seu nome, descobriu Norte, era Ombric. E ele não estava apenas vivo, mas inteiro. Aplicava elixires, unguentos e alvoroçava-se com Norte com a mesma frequência das crianças. E como todos falavam sem parar! Tinha dias — os piores dias, quando as dores dos ferimentos lhe causavam febre — em

que as conversas pareciam insanas. Mensagens de insetos, criaturas chamadas Medonhos, e um homem na lua.

Mas, aos poucos, Norte começou a juntar os pedacinhos dos bizarros diálogos. Então, uma manhã, acordou e encontrou uma garotinha, a que se sentava com mais frequência ao lado de sua cama, que deixou um minúsculo livro de desenhos, costurado a mão, perto de seu travesseiro. Ele fingiu que dormia até ela sair do quarto, então ergueu o pequeno volume e examinou as páginas. Eram recheadas de desenhos a carvão de criaturas sombrias, do urso negro... e dele próprio, protegendo as crianças como se fossem os tesouros do czar da Rússia. Havia esboços de um bebê num barco que velejava aos céus, de uma batalha na lua, de um grande vilão que trouxe trevas e perdição.

A história fazia sua cabeça girar, colidindo com as lembranças do duelo daquele início de manhã, e preenchendo os buracos do que ele já achara impossível e agora acreditava ser verdade. Haveria mesmo enfrentado e detido um urso? As crianças garantiam que sim! As crianças explicaram que um demônio chamado Breu, o Rei dos Pesadelos, viera até elas para roubar-lhes os sonhos. Os servos de Breu, os Medonhos, não haviam conseguido entrar em Papoff Noelen; os raios lunares foram eficientes em detê-los durante a noite. O tal de Ombric havia descoberto que Breu não podia atacar de dia — desde sua derrota, séculos antes, nem ele nem seus Medonhos conseguiam tolerar a luz da lua ou do sol. Por isso Breu possuía o urso do vilarejo, forçando-o a cumprir todas as suas ordens. Parecia a escolha perfeita — ficar dentro do urso era um escudo ideal contra a luz e o deixava forte o bastante para enfrentar Ombric. O melhor de tudo é que os aldeões confiariam nele, pois apareceria como um de seus amigos.

Para Norte, tudo ainda soava insano. Reis dos Pesadelos? Florestas encantadas? Então Norte pensou mais no sonho que o trouxera até Papoff Noelen. Ficou se perguntando: Como um sonho poderia mostrar um lugar que ele nunca havia visto? Um dia sentiu-se forte o bastante para perguntar a Ombric. A sobrancelha esquerda do mago ergueu-se e ele tentou conter um

sorriso. As crianças notaram que Ombric *quase* vinha sorrindo bastante com a melhora da situação do fora da lei ferido.

— Pedi ajuda ao Homem da Lua — explicou Ombric, erguendo e trocando uma faixa na canela de Norte. — Ele lhe deu um sonho. Achou que você seria de grande auxílio.

Foi a vez de Norte erguer as sobrancelhas.

— Eu? — Ele riu alto. — Sou mais conhecido por auxiliar um soberano a tirar o peso dos bolsos do que a ajudar homens da lua, magos e pestinhas.

Ombric franziu os lábios, entretido.

— Talvez ele tenha imaginado que o Rei dos Foras da Lei seria um inimigo digno do Rei dos Pesadelos.

Bem, pensou Norte, essa é uma resposta válida. “Rei dos Foras da Lei” soava bem.

Então Ombric acrescentou:

— Mas suspeito que tenha sido mais do que isso.

Norte ficou confuso com o comentário.

— E, em toda essa insanidade, o que mais haveria de ser? Eu sou um ladrão.

Ombric passou a mão na rachadura de seu cajado.

— Encare a verdade, meu jovem amigo. As florestas que cercam nosso vilarejo só abrem caminho aos de bom coração. Só você rejeitou o ouro que a Alma da Floresta lhes ofereceu. Isso nunca aconteceria com um bandido *de verdade*.

Eu não sou um bandido de verdade?, pensou Norte, furioso. *Ora, eu sou o maior ladrão que existe! Talvez de toda a história!* Mas estes pensamentos lhe pareceram, de repente, vazios e talvez falsos. O que estava acontecendo com ele?

— Você, ou este lugar, ou aquela Alma, me enfeitiçaram! — berrou. — Eu sou Nicolau São Norte, o Rei dos Foras da Lei! Nada mais e nada menos!

— Nenhum mago ou alma tem o poder de mudar o coração humano — respondeu Ombric com toda tranquilidade.

— Mentiroso! — gritou Norte.

A doce voz de Katherine conseguiu se sobressair à fúria da discussão.

— Mas você também foi nosso herói. — Ela o olhou com mais força e determinação do que ele já imaginara possível em uma criança. — Estávamos com muito medo. Aí você surgiu.

Norte olhou para Katherine e para as outras crianças, que se aproximaram quando a raiva dele inflamou. Havia algo em seus rostos que ele mal começava a compreender. Algo que nunca vira antes: bondade. E, embora tenha relutado, sentiu alívio. Sua dor arrefeceu. Não apenas a dor das feridas de batalha, mas as feridas que ele sempre ignorara — a mágoa profunda e solitária de uma vida sem amor.

Norte estava quieto. Dias se passaram sem que ele dissesse uma única palavra. As outras crianças iam e vinham, mas Katherine sempre ficava. Descobriu que ela não tinha mais pais. Eles tinham tentado chegar a Papoff Noelen, mas se perderam numa terrível nevasca fora das fronteiras da floresta. Seus pais pereceram no frio, mas Katherine, na época uma bebê, caíra à beira da floresta. As árvores apiedaram-se dela e, com as raízes, ergueram-na, passando-a de galho em galho e de trepadeira em trepadeira. Os animais ajudaram, primeiro um bando de esquilos, depois uma rena e, enfim, um urso, que a levou à porta de Ombric. Daquela noite em diante, ela passou a morar na Troncuda.

Sua bondade constante com Norte era seu maior reconforto e pior tormento. Ele se via nela. Sabia o que era estar perdido. E isso o assombrava.

Enquanto prosseguia no processo de cura, ele pareceu recolher-se ainda mais. Norte viu nos olhos sérios e cinzentos da criança uma necessidade, uma esperança, um desejo contra o qual lutava desde que podia se lembrar.

Ter amizade.

Sua vida fora tão difícil e impiedosa. Amizade significava confiar em alguém, um luxo que ele nunca tivera. Mas aos poucos ele começou a amolecer. Que perigo poderia representar esta menina? Ela não era nem cossaco nem ladrão. Era apenas uma garotinha solitária.

Uma manhã, quando Katherine foi pegar a xícara de sopa de sabugueiro na qual ele mal tocara, Norte enfim falou:

— Obrigado, Katherine. — Sua voz soou ainda áspera por ter ficado tanto tempo calado.

Katherine fitou-o com os olhos claros que pareciam vê-lo por dentro.

— Descanse, Sr. Norte — disse-lhe ela, um leve sorriso a formar-se nos lábios ao retomar seu posto aos pés da cama. Eles não precisavam dizer mais nada.

Amigos não precisam.

CAPÍTULO DOZE



Outro Curto Mas Intrigante Episódio

ENQUANTO NORTE SE RECUPERAVA na Troncuda, o garoto espectral se divertia pelo planeta, das florestas do Canadá às montanhas do Himalaia e até as areias do deserto da Arábia, levado pelo vento ou pelas frotas de nuvens que comandava a seu capricho. Podia correr mais do que qualquer raio lunar e gostava da travessura que era esconder-se deles. Nunca ficava muito tempo parado. Era como se houvesse ficado sem sair para a rua durante dez mil dias de chuva. O que não estava muito longe da verdade. Ficar trancado no coração gelado de Breu fora como uma prisão. Ainda assim, não havia sido o punhal que mantivera Breu paralisado todo aquele tempo, mas sim a bondade do garoto espectral.

O garoto derretia os minúsculos fragmentos de bondade que ainda viviam dentro de Breu e mantinha sua maldade congelada, incapaz de agir.

Um pouquinho de bondade pode ser muito poderoso contra a maldade. Mas o garoto precisava de luz, calor, vida. Não podia suportar o fardo de deter Breu para sempre. Seu brilho eventualmente viria a enfraquecer e sucumbir. Aí Breu se reergueria. Mas agora o garoto espectral estava livre. Ele queria, precisava, *tinha* que sair por aí. E ver tudo que lhe chamasse a atenção.

Esta Terra lhe era nova, e ele a observava em termos simples. As coisas eram boas ou ruins. Cavalgar nuvens era bom. Medonhos e Homens-Pesadelo eram ruins. Via as pessoas de forma igualmente simples. Havia os Pequenos (crianças) — que eram bons. E divertidos! Brincalhões e aventureiros como ele. Quanto aos Grandes (os adultos), era mais complicado. Alguns eram bons e outros eram sabidamente ruins.

E Breu era pior do que ruim. Breu queria machucar os Pequenos, principalmente os de Papoff Noelen. O garoto não sabia ao certo por que Breu

queria machucá-los, mas tinha certeza de que não era justo. Nem certo. Talvez fosse porque eles eram tão fortes e felizes que nunca tinham pesadelos. Então não importava aonde ele fosse ou que recôndito distante do planeta estivesse a explorar, chegada a noite, ele voltava ao vilarejo e escondia-se perto da Troncuda, para observar e aguardar.

Ele notou que o Grande chamado Norte havia ficado no vilarejo. Gostava bastante de Norte. O guerreiro era corajoso, forte e sempre gentil com os Pequenos.

Mas havia algo mais em Norte que o intrigava. O idoso chamado Ombric estava ensinando-o a fazer diversas coisas fascinantes. Magias. O menino já espiara pela janela da Troncuda e vira Norte lendo atentamente um livro grosso, perto da lareira. Ombric repassava registros numa mesa próxima. A menina que eles chamavam de Katherine dormia na própria cama. Ele também gostava dela — era bastante corajosa para uma Pequena.

O garoto spectral teve uma sensação estranha... a lembrança de algo familiar, algo bom. Não sabia a palavra certa, mas o que sentiu foi “amizade”.

Então os raios lunares chegaram e atraíram-lhe a atenção. Estavam prontos para o jogo de pega-pega.

As nuvens os aguardavam.

Era hora de brincar.

Mas, caso Breu ou qualquer um dos seus voltasse para ferir essa gente, faria tudo a seu alcance para ajudá-los.



O garoto espectral

CAPÍTULO TREZE



O Guerreiro Aprendiz Revela-se Muito Sabido

DIFERENTE DO GAROTO ESPECTRAL, Nicolau São Norte apenas *achava* que sabia o que era ficar muito tempo engaiolado. Antes que uma semana se passasse — suas feridas ainda não haviam passado de negro-azulado a verde-amarelado —, ele já estava de pé e fazendo cem exercícios de barra fixa por vez em um galho robusto de bétula. Tinha a força e a determinação de uma manada de mustangues. Norte não tocava num sabre desde a batalha contra o urso, pois, só de pensar na arma, várias imagens obscuras e preocupantes invadiam sua mente: crianças acuadas, garras à mostra, muito pânico, muitos gritos. Ombric criara Papoff Noelen como um santuário e, no momento, era exatamente disso que Norte precisava. Dessa forma, fez dos livros de Ombric seu santuário. Para roubar tesouros de cada país da Europa e das Rússias, um bandido precisava ler e falar vários idiomas. Norte, portanto, não tinha dificuldades em imergir em textos de italiano antigo, grego ou latim.

O mais notável era o grande fascínio de Norte por feitiços e histórias. E que Ombric permitisse que o jovem estudasse seus livros de magia. Seus segredos eram por demais poderosos e só podiam ser compartilhados entre aqueles que Ombric confiava que não seriam corrompidos ao sabê-los. Havia algo em Norte que interessava ao velho mago. Ele enxergava potencial no jovem.

Papoff Noelen sempre fora um lugar encantado, literalmente. Havia mais tempo do que qualquer um podia lembrar-se, Ombric usara todos seus poderes e atributos para protegê-la da maldade real. Nenhum ladrão, selvagem ou rufião havia transpassado com sucesso suas defesas. Breu, com seus métodos vis, fora a primeira perversidade genuína que o vilarejo tivera de enfrentar.

A experiência havia afetado a todos — adultos, crianças, até mesmo a floresta e suas criaturas. Eles seguiram com suas vidas como antes, mas os

prazeres do passado agora não vinham com tanta facilidade. As árvores da floresta encantada ficavam em alerta permanente. Os animais estavam inquietos, preocupados com cada sombra. Até a Alma da Floresta sofria de ansiedade.

— Não tenho poder para usar contra Breu — dizia, suspirando. — Ele não tem interesse em meus tesouros.

As crianças não dormiam bem. Ombric sentia-se culpado.

— Fui cuidadoso demais com este lugar — confiou ele a Norte. — Deixei as durezas da vida de fora, longe demais.

Mas a ideia na verdade alegrava Norte.

— Você fez muito bem, meu velho! — animava-o, rindo. E, embora os pais das crianças estivessem tão alheios que praticamente tinham interrompido toda invenção no vilarejo, o mesmo não aconteceu com Norte.

Norte estava cada vez mais encantado com o vilarejo — e com a ideia de “encanto”. Feitiços, prestidigitações, conjurações — via tudo com grande naturalidade, e não levou muito tempo para os aldeões (e o próprio Ombric) considerarem-no o primeiro e único aprendiz do mago. Norte rapidamente tornou-se magistral nas artes alquímicas, fazendo a Troncuda alvoroçar-se de vitalidade mais uma vez — ou explodindo um feitiço que não saiu bem certo. Ele trabalhava com gosto, e com frequência excedia-se em suas novas habilidades sem pensar direito. Ao criar uma bola que não pararia de pular, colocou elasticidade demais. Quando a bola atingiu o chão, foi como um foguete ao céu, com tanta força que tranquilamente chegaria a Marte.

Em outro experimento, ele tentou fazer um gato novinho manter para sempre o tamanho de filhote. Primeiro, acabou reduzindo o bichano ao tamanho de um micróbio. Depois exagerou no sentido inverso: um gatinho normal é bonito, mas um de três metros e meio é problemático. O gato tentou comer Petrov e o urso várias vezes, mesmo depois de ser devolvido a seu tamanho normal.

Tudo era distração bem-vinda no vilarejo, oportunidades de voltar a dar gargalhadas. Mas Norte não era o tipo de pessoa que aceitava os reveses. Passava dias furioso quando as coisas não saíam como planejado. Às vezes esse temperamento causava pequenas catástrofes. Móveis pegavam fogo, ou minúsculas nuvens carregadas (no máximo do tamanho de um travesseiro) acompanhavam-no até ele se acalmar.

— Conhecimento sem sabedoria — comentou sabiamente Ombric, observando o gatinho pular sobre o rabo de Petrov, fazendo o cavalo derrubar uma carroça — pode ser um pouco confuso.

Norte sabia que o mago não queria provocá-lo, mas, independente disso, parecia um desafio. Agora incapaz de resolver ressentimentos com um duelo ou um desafio de queda de braço, voltara ao trabalho determinado a ter sucesso.

Ombric admirava a disposição do aluno em manter-se firme, apesar dos acessos temperamentais. Porém, como ele já tinha sido fora da lei, Norte também era entusiasmado à sua moda extravagante, além de encantador, sempre com uma história pronta para as crianças, principalmente. Se Ombric lhes transmitia conhecimento e mistério, Norte agora era seu guia para aventuras e diversão. Aliás, ele não era mais um ladrão de tesouros, e sim um bucaneiro da alegria. Cativava-as com versões fabulosas de sua vida pregressa. Dizia conhecer um reino governado por um ovo gigante, que comandava de um poleiro no topo de um antigo muro. Que já vira uma vaca pular mais alto que a atmosfera terrestre. As histórias de Norte eram tão tranquilizadoras para as crianças quanto algo que Ombric inventaria num frasco de remédio. E a pequena Katherine era a mais enlevada, devorando as histórias e rabiscando-as em seus diários. Era claro que as crianças adoravam Norte e, conseqüentemente, seus pais também o adoravam.

Enquanto Norte seguia como aprendiz do mago, interessou-se em maneiras de combinar a antiga magia de Ombric aos curiosos aparatos mecânicos que os aldeões adoravam construir. Pode-se dizer que o nascimento do que hoje chamamos de “máquinas” teve início em Papoff Noelen. Eram vassouras mecânicas que limpavam sem parar. Caixinhas que podiam ser colocadas sobre

as duas orelhas e tocavam a música que se quisesse. Lentes de aumento especiais que, se apontadas para o sol, poderiam focar raios e cozinhar. Norte fitava estas invenções com um brilho de furto nos olhos.

— Eu teria roubado todas as riquezas da Ásia, da Europa e da África com estes brinquedos — disse ele a Ombric uma manhã no café. O mago lançou-lhe um olhar inquisitivo. Katherine franziu o cenho. — Mas não se preocupem. Já não me interessa por esses passatempos. Tenho planos de fazer meu próprio aparelho... algo realmente novo.

Katherine ficou encantada.

— Tenho certeza de que será grandioso.

A confiança que a menina tinha nele aquietava suas vaidades. Afinal, o que ele queria era agradá-la. Ombric, contudo, sentiu um toque de inquietude. Sabia que Norte gostava de provocá-lo. No entanto, às vezes ficava preocupado: *Terei tomado a decisão correta?* Mas uma coisa era certa: Nicolau São Norte tinha instintos criativos brilhantes. Com sorte e orientação, o rapaz chegaria longe. Mais longe do que Ombric podia imaginar.

— Bom, meu velho, prepare-se para algo que você nunca viu. Estou prestes a combinar aparelhos de fabricação humana com seus abracadabras antigos — proclamou Norte, fazendo mel levitar até a xícara de Ombric.

O mago observava com cuidado o aprendiz. Sabia que estava envelhecendo e que sua alquimia precisava de juventude, de novidade, impetuosidade e mudança para continuar mágica. Mas havia risco.

— Misture o antigo e o novo com bastante cuidado. Lembre-se, Nicolau, que o desconhecido é perigoso.

Norte concordou, receptivo ao conselho, mas disposto a começar. Tivera uma ideia fantástica. Uma ideia que mudaria as vidas de todos! E embora tivesse começado a gostar muito do idoso, apenas divertia-se com as precauções dele. *Ele está há muito tempo falando com insetos e lendo livros, pensou. As bolas e o gatinho gigante nem foram tão perigosos. E minha nova ideia não oferece risco algum.*

Norte sabia exatamente qual seria seu primeiro experimento. Faria um homem mecânico, de pura magia — um djinni robô que faria maravilhas, mas apenas se comandado. Cozinhe para eles! Limpe! Ajude as crianças a estudar (algo em que elas gastavam tempo demais, pensava Norte). O que poderia dar errado?

Quanto a Ombric, manteve-se atento ao aprendiz. Na verdade, estava feliz de ver Norte distraído e ainda mais feliz de ver como Norte ocupava as crianças. Pois Ombric tinha coisas importantes a fazer — a obra mais importante de sua longa vida: encontrar uma maneira de deter Breu. Sabia muito bem que eles não haviam derrotado o Rei dos Pesadelos por completo. Haviam apenas colocado-o em xeque, como jogadores de xadrez. E o velho mago sabia que o jogo estava longe de chegar ao fim.

CAPÍTULO CATORZE



No Qual Mago e Aprendiz Fazem Descobertas Que Se Provam Gravíssimas

CRIAR UM HOMEM MECÂNICO não é tarefa simples para mago algum, e Norte ainda não passava de aprendiz. Mas a construção do djinni robótico atraía a atenção de todo o vilarejo e aquietara os ânimos de Papoff Noelen. Era necessário fazer planos. Quanto a métodos e materiais, houve debates, discussões e, enfim, concordâncias.

Muito labutaram na oficina da Troncuda. Norte consultou antigos pergaminhos e textos empoeirados que encontrara nos cantos mais escuros dos armários de Ombric, e então discutiu com os aldeões a tensão apropriada de uma polia que serviria de cotovelo ou joelho do djinni.

— O djinni tem que nos conhecer, como um bom cavalo conhece quem o cavalga! — concluiu Norte. Embasou sua teoria num antigo truque com os tigres siberianos domesticados, que dormem num ninho de roupas de seus mestres por precaução contra insurreições. — Deem-me suas moedas da sorte, suas pedras favoritas, os pentes de suas mãos. Vou colocar tudo no peito do djinni.

As crianças estavam encarregadas de reunir a preciosa coleção. Houve muita discussão para decidir se um sapato era mais pessoal que um medalhão, se um canivete era mais querido que uma amada pedra. Após dias reunindo esses itens valiosos, as crianças correram para a oficina com os tesouros à mão. Norte colocou cada um cuidadosamente numa caixinha. Estava prestes a enfiá-la na cavidade do coração do djinni quando Katherine veio correndo com uma folha de papel à mão — um desenho do próprio Norte.

— Será que o djinni vai nos reconhecer com isso? — perguntou ela.

Norte tirou o olhar do desenho infantil para a garotinha à sua frente. Olhou para o desenho mais uma vez, para o detalhamento que Katherine havia dado. Ele tinha aparência grandiosa, nobre, até mesmo heroica. Era assim que ela o via? Ele abriu a caixa e gentilmente colocou a folha sobre os outros itens. Na verdade, queria dobrá-lo e guardar no bolso, para si.

Ele percebeu que Katherine, mesmo a seu modo introspectivo, aguardava uma resposta.

— Claro que vai — garantiu Norte. — Ele vai reconhecer o retrato, e as mãos que o fizeram. — Com isto, as crianças se acotovelaram para chegar perto e ver o aprendiz trancar a caixa para inseri-la com cuidado no peito do djinni.

— Está pronto? — perguntou Fog.

— Em breve — disse-lhe Norte.

Olhou com orgulho para sua criação mecânica. De quase dois metros e meio, tinha o formato de um homem, mas era construído com engrenagens de metal, todo em tons metálicos — prata, bronze, cobre, ouro e tons mais escuros, como bronze de canhão e ferro. Era singularmente bonito, não como algo que havia sido feito, mas sim sonhado até ganhar existência. Ao redor do peito, dos ombros e das juntas ficavam placas que lembravam armaduras, mas com curvas intrincadas, graciosas. O rosto e a cabeça tinham formas simples, embora com uma elegância que lembrava um brinquedo muito bem-feito. Projetava-se do coração uma fina chave de prata — era assim que Norte planejava dar corda no djinni, explicou ele às crianças.

No cômputo geral, havia algo de extraordinário no robô, o que surpreendeu a todos, principalmente Norte. Ele já criara armas e escudos. Mas o robô djinni havia sido projetado para fazer apenas o bem, e tinha aparência adequada ao papel.



O djinni robô

Norte prendeu a última placa peitoral sobre a caixa de tesouros, então girou a chave prateada cinco, seis, sete vezes. Ouviu-se um zunido leve, quase musical, e então o robô djinni sentou-se. Olhou para eles com expressão curiosa, não de surpresa, mas como se estivesse *esperando* vê-los, e pareceu sorrir. Norte e as crianças tiveram um acesso de alegria.

— Qual é a vossa ordem? — perguntou o djinni com voz suave e uniforme.

Eles foram pegos de surpresa. A ordem inicial! Eles não haviam pensado em qual seria a primeira ordem! Então Norte falou:

— Katherine, pode dar a ordem.

Os olhos de Katherine arregalaram-se e um brilho rosado subiu-lhe às bochechas. Ela pensou por um instante e, então, com a voz mais educada possível, disse:

— Djinni, gostaria que você caminhasse até a rua, por favor. — O djinni fez uma mesura de educação e executou o que ela havia solicitado.

O grupo acompanhou o djinni pela porta da Troncuda até a luz do dia. E Nicolau São Norte, pela primeira vez em sua vida selvagem e aventureira, sentiu que havia feito algo realmente bom.

Ombric, contudo, não estava ciente do sucesso do pupilo. Trancara-se em seu escritório, enfurnado em estudos. Tivera progressos consideráveis: partindo de um milênio de registros astrológicos, assim como mapas amarelados pelo tempo, pedaços de histórias e de lendas, conseguira esboçar um plano que, com sorte, deteria Breu.

Ele descobrira que cinco relíquias do *Veleiro Lunar* haviam caído na Terra, espalhadas pelo globo após a grande explosão. Porém, raciocinou Ombric, se elas fossem *reunidas*, poderiam ter grande poder — um poder muito maior que o dos fragmentos da antiga poeira estelar que haviam fertilizado as terras de Papoff Noelen, e talvez mais poder que os raios lunares.

Ombric vinha traçando a localização das cinco peças. *Temos que pegar primeiro a mais próxima*, murmurou ele, enrolando um mapa e amarrando-a com

um fino cordão de couro. Mas só ele sabia que alcançar esta primeira parada seria a jornada mais perigosa de sua longa vida.

CAPÍTULO QUINZE



Parcialmente Publado e Muito Injusto

O DJINNI HAVIA SE TORNADO o grande foco de empolgação do vilarejo. Podia fazer praticamente qualquer tarefa que lhe fosse solicitada.

— Djinni, pode pegar estas rochas aqui? — perguntou um dos filhos do Velho William, o William Não-Tão-Velho. — Eu vinha pensando em construir uma nova torre.

— Como ordenais — respondeu o homem mecânico e, em poucos minutos, já havia organizado, com grande destreza, as descomunais pedras numa torre esplêndida, até com torrezinhas menores.

Outros aldeões faziam pedidos ao djinni, mas um dia Katherine surgiu com um pedido pelo qual estava ansiosa. Norte percebeu a impaciência da menina.

— Djinni! A mocinha vai explodir se o próximo não for o dela — berrou em bom tom.

Katherine dava pulinhos de ansiedade — vinha desenhando a vaca puladora da qual Norte havia lhes falado e queria saber o que ela vira quando se elevou aos céus.

O djinni virou-se para e Katherine e ela pediu, muito animada:

— Djinni, pode me jogar o mais alto que puder no céu e depois me pegar?

— Como ordenais — respondeu ele. E, sem esforço, jogou Katherine tão alto que os aldeões perderam-na de vista. Eles fitaram o céu, preocupados, Norte usando um telescópio que ele mesmo projetara.

— Lá está! — disse enfim, apontando para um pequeno banco de nuvens no qual Katherine escorregava com toda animação.

Embora os outros assistissem temerosos, Katherine estava encantada com sua jornada repentina à atmosfera. Superou as árvores mais altas de Papoff Noelen e passou por uma revoada de gansos assustados. Voou mais alto do que

jamais imaginara. Lá embaixo, Papoff Noelen parecia minúscula; já o mundo era imenso e convidativo. Ela confiava que o djinni fosse pegá-la — afinal, Norte o havia feito.

Então, ela viu a poucos metros uma nuvenzinha, não maior do que um colchão. Naquela nuvem, para sua total surpresa, ela viu que se escondia... um garoto. O mesmo garoto que aparecera para salvá-los na floresta! E ele olhou para ela. Katherine perdeu o fôlego — só o havia visto uma única vez. À luz do dia, ele resplandecia, brilhava ainda mais. Parecia ser feito de luz e de névoa, uma baforada em noite de inverno, e... e... como é que ele conseguia ficar de pé numa nuvem? Ela ficou olhando, atordoada.

Tiveram um único segundo juntos. Ela sorriu para ele. Ele sorriu de volta. Ela estendeu a mão, e ele também. As pontas de seus dedos estavam prestes a se tocar. Então ela começou a cair.

Embora subir tivesse sido um delicioso misto de terror e alegria para Katherine, cair foi totalmente diferente. Ela estava tão perdida em pensamentos quanto ao estranho garoto encantado que mal se dava conta de que vinha em rota de colisão com a Terra. Tampouco notou que Ombric saiu da Troncuda, apoiado em seu cajado, para observar. Ela caiu — para grande alívio de Norte — confortavelmente nos braços estendidos do djinni. Um tufo de vento tocou sua bochecha, e ela fitou a pequena nuvem no céu mais uma vez.

— Sabia que ele ia pegá-la. Eu o construí assim — gabou-se Norte, aos vivas de todos. Não que isso conseguisse evitar seu coração de quase saltar do peito até ele soltar Katherine firme na grama.

— E se ele não a tivesse pegado? — berrou William-Quase-O-Mais-Novo, meio descontente das coisas terem dado tão certo.

— Djinni, eu quero ficar invisível! — ordenou William-O-Caçula.

A luz do sol cintilou nos ombros do djinni. Ele fez uma pausa e, então, com uma longa mesura, disse:

— Tal desejo não poderei cumprir.

— Mas por que não? Era para você fazer tudo que a gente pedisse! — disse William-Quase-O-Mais-Novos.

— Sou um djinni do factível. Hei de fazer tudo que uma máquina ou mortal faz, mas de forma mais eficiente. Para vos tornar invisível, seria necessária magia. E a magia serve apenas àqueles com sabedoria para exercê-la. — E fez mais uma humilde mesura.

Ombric tossiu e foi até o djinni, espiando cada centímetro do ser robótico. Não disse uma palavra. Os aldeões prenderam a respiração, na expectativa de ver Ombric insatisfeito, embora não soubessem por quê. E Norte sabia quando não devia dizer nada. *Velho turrão*, pensou. *Claro que vai achar problema*.

Porém, para surpresa de Norte, Ombric bateu no peito do djinni, passou o dedo pela chave prateada e anunciou:

— Obra admirável. De boa construção e concepção inteligente. Será de grande valia para a nossa jornada. — Ele voltou-se para Norte e bateu o cajado no chão. — Nicolau, junte suas coisas e prepare seu djinni! Partiremos em uma missão da maior relevância à alvorada.

Katherine olhou para eles.

— Eu também vou?

O rosto do velho mago amoleceu.

— Não, minha menina. — Pegou-a pela mão. — Você deve ficar aqui. Espero que ajude o urso e Petrov a protegerem o vilarejo durante nossa ausência.

Katherine engoliu em seco e concordou, mas sentia-se profundamente desapontada. Se aventuras estavam por acontecer, ela queria vê-las e desenhá-las em seu caderno. Norte também ficou desapontado por Katherine — não havia nada como uma aventura para fazer o sangue ferver e as bochechas enrubescerem. O djinni, é claro, nada sentia — não passava de uma máquina.

Mas tudo iria mudar em breve — e Katherine teria uma aventura sem precedentes em sua jovem vida.

CAPÍTULO DEZESSEIS



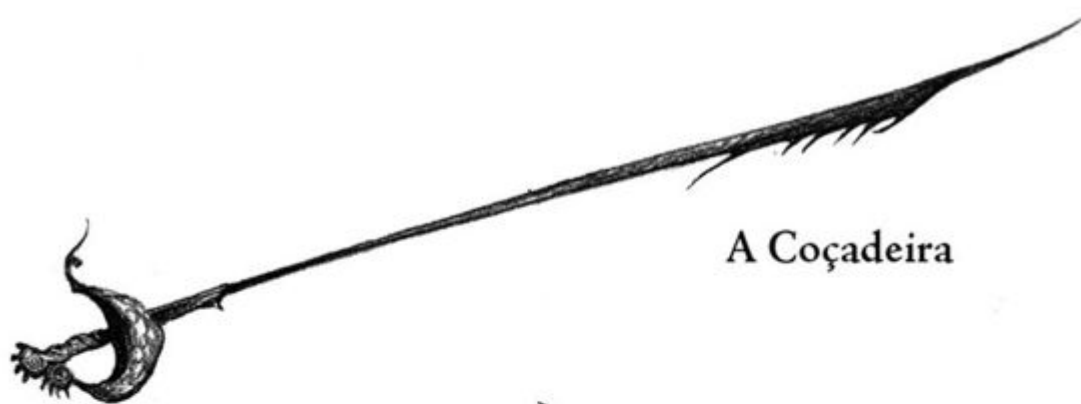
Íra, Idade e Medo Fazem uma Participação Índesejada

○ RESTANTE DO DIA FOI uma sucessão de rebuliços e confusões: coisas foram selecionadas para a viagem, depois repensadas, depois selecionadas de novo. Ninguém no vilarejo se lembrava de uma ocasião em que Ombric houvesse deixado Papoff Noelen para uma jornada, de forma que aquela era uma ocasião de considerável especulação. Norte, tendo sido guerreiro, entendia a necessidade de sigilo — antes de ir a Papoff Noelen, o único em quem já confiara totalmente era Petrov. Portanto, embora Ombric não houvesse dito a Norte nem a ninguém aonde estavam indo, ele pôs-se a trabalhar sem questioná-lo. Com a ajuda do djinni, forjou um novo jogo de espadas e punhais a partir de pedaços do antigo meteoro que marcara a fundação do vilarejo.

— Enriquecidos com poeira estelar — comentou Norte com o djinni. — O velho diz que elas protegem contra qualquer sombra.

— Pois que assim seja — respondeu o djinni, curvando-se. A reação do homem mecânico deixou Norte confuso.

Norte postou-se no meio da Troncuda, afiando suas novas espadas.



A Coçadeira



A Talhadeira
Eslava Real



Esvaziadeira Otomana

— Deve-se ser mais astuto que o inimigo — refletiu com Ombric, que havia passado para ver como estavam os preparos. — E Breu é dos mais astuciosos que há.

O idoso aquiesceu e retrucou:

— Rapaz esperto, você.

E embora nem um cavalo selvagem dos cossacos pudesse fazê-lo admitir em voz alta, Norte ficou comovido com o cumprimento do mago.

Ao cair da noite, as sacolas estavam arrumadas e os preparativos, terminados. Katherine insistira em ajudá-los em cada etapa, embora estivesse mais quieta que de costume. Na verdade, percebeu Ombric, ela mal havia dito uma palavra desde que ele informara a todos que viajaria junto a Norte. Ombric concluiu que ela estava exausta, portanto ele conjurou o quarto dela, conferindo se o oval de musgo que lhe servia de carpete estava fofo como devia e acrescentando uma gota extra de sabor a seu chocolate quente.

Mas não era isto que Katherine queria. O que queria — com todas as forças — era viajar junto com eles.

— Já sou grande! — insistiu. — Eu posso ajudar!

— O que você acha, Aprendiz? — perguntou Ombric a Norte enquanto acendia velas. — Ela deveria fazer esta jornada conosco? Ou ficar, como sugeri?

Norte pensou demorada e profundamente antes de responder. Katherine tinha esperança de que Norte ficaria a seu lado. Ele tinha de ficar. Era seu herói! Mas embora odiasse admitir, Norte sabia que o mago tinha razão.

— É perigoso demais, Katherine. Seu lugar é aqui. É melhor para você e para nós.

Para Katherine, as palavras dele foram como traição total. Então, quando Norte desejou-lhe boa-noite, ela recusou-se a responder. Ele disse boa-noite pela segunda vez e ela voltou o rosto para a parede, em silêncio pétreo.

Norte a entendia — ele também nunca foi dos que aceitam “não” como resposta. Mas o silêncio dela o deixou magoado. *Posso vencer qualquer coisa que respira, mas esta criança me machuca mais que qualquer bala ou espada*, pensou, e

reforçou sua decisão de mantê-la em casa, segura. Ainda assim, ao deixar o quarto, fez um gesto com a mão direita que apagou todas as velas — encanto que acabara de aprender e, em sua raiva, dominara. Subiu as escadas até o laboratório com passos raivosos e bateu a porta.

Ombric pairava sobre a cama de Katherine, franzindo o cenho no escuro.

— O garoto é corajoso, mas indócil — murmurou. — Talvez nunca se torne um verdadeiro mago. — Tão logo disse isso, ouviu uma tossida que vinha do laboratório e, com um leve silvo, uma única vela acendeu-se na penteadeira de Katherine. Um brilho fraco mas reconfortante voltou ao quarto.

Assim que a viu, Katherine, ressentida, levantou-se e apagou a vela. Voltou para baixo das cobertas e cobriu-se até a cabeça.

Ombric fez que não com a cabeça, perplexo. Tanto drama, tanta ira. Bom, a juventude é assim mesmo, lembrou-se. A calma vem com a idade. E Ombric ultimamente vinha se sentindo muito velho. A luta contra Breu e o urso deixara-o mais precavido, irrequieto; sua autoconfiança estava abalada. Teria poder suficiente para desafiar Breu mais uma vez? Será que Nicolau estaria pronto para assumir seu posto caso acontecesse o pior? Norte ainda não fora testado como mago e isso também preocupava Ombric. Mas sabia que devia manter o curso. Continuar focado, firme. Breu contava com o medo. Usava-o como arma. E Ombric não podia deixar que aquilo o vencesse.

Invocou uma lagarta lunar para deixar um foco de luz no quarto de Katherine. Depois foi em direção ao laboratório, uma escada que nunca lhe havia sido tão cansativa. Mas ficou alegre em ver que Norte estava conferindo mais uma vez seus apetrechos para a viagem. Eles iriam levar uma grande seleção de instrumentos, livros, elixires, poções e armas, mas tudo cabia numa pequena mochila. Ele a chamava de “bolsa infinita” — projetara-a para que nela coubesse qualquer coisa que se quisesse.

— Uma vez acomodei nela uma montanha inteira, com um castelo — explicou quando Norte olhou em dúvida para a bagagem.

Contudo, ela pesava tanto quanto o que contivesse.

— Problema que nunca consegui resolver — admitiu Ombric. — Mas é nisso que seu djinni será de grande auxílio. Acredito que ele consegue lidar com tanto peso, não?

— Até mais — garantiu Norte. O djinni fez uma mesura em concordância.

— Então temos que descansar, pois partiremos à primeira alvorada — disse o mago, e então subiu na engenhoca deveras incomum que era seu leito.

Norte ficara pasmo da primeira vez que a vira — um globo gigante que se dividia em seções quando Ombric se aproximava. Por dentro era oco, com exceção de um varão de madeira próximo ao chão, sobre o qual Ombric ficava de pé. O globo era cercado por mais ou menos uma dúzia de corujas em poleiros, com as asas recolhidas e olhos fechados. Ombric fazia uma pose que lembrava em muito a delas, e também fechava os olhos. O globo então encerrava-se, e no mesmo momento cada coruja soltava um pio. Ombric estava preparado para a noite.

Nicolau São Norte havia dormido em diversos lugares estranhos — em árvores, à beira de desfiladeiros, debaixo da cama de um sonolento marajá — ,mas estas haviam sido situações de improviso. Ombric certamente preferia esta cama; era seu lar. Magos eram pessoas estranhas, percebia Norte.

Mas não era sobre isso que ponderara naquela noite. Tampouco sua mente agitou-se de preocupação com a jornada por vir e o que poderiam encarar. Em vez disso, ele pensou cada vez mais em Katherine, e como ela ainda estava brava com ele. Norte fez força para pensar em outras coisas.

Perguntava-se se o djinni chegava a dormir. Norte caminhou delicadamente até a oficina e espiou. O globo de Ombric, bem ao alto, suspirava aos suaves roncoss. O djinni estava em pé, mas parecia descansar.

— Boa noite, djinni — sussurrou Norte.

— Como ordenais — veio em resposta.

Norte não tinha intenção de fazer daquilo uma ordem, de forma que a resposta o divertiu. Ao voltar à cama, começou a imaginar outras coisas que se podia dizer e que o djinni interpretaria mal. Caso Norte dissesse um casual

“tenha um bom dia”, o djinni tentaria fazer um dia chuvoso ficar ensolarado? Logo distraiu-se da raiva de Katherine e enfim caiu no sono... Mas o djinni não.

Uma aranhinha negra desceu em fio de teia até a orelha esquerda do djinni. Aranhas eram algo bem comum na Troncuda; Ombric falava com elas com frequência. Mas esta aranha era diferente. Ela delicadamente apressou-se a entrar na orelha do djinni.

Breu realmente era dos mais espertos que há.

CAPÍTULO DEZESSETE



Torce e Retorce

QUANDO KATHERINE ACORDOU NA manhã seguinte, a Troncuda estava quieta. Quieta demais. Não havia nada do barulho agradável que acompanhava o início de cada dia. Ela não ouviu as loucas risadas de Norte ao testar novos feitiços, nem o cantarolar distraído de Ombric.

Eles partiram sem dizer adeus!, percebeu ela, de coração inconsolável. Havia, contudo, um café da manhã completo pairando ao lado de sua cama e, com ele, uma pequena caixa com um bilhete. Ela esticou-se para pegar a xícara de chocolate e provou. Era a mistura de Ombric. Ele fazia com menos chocolate que Norte, que sempre colocava um pouquinho mais do que o necessário. Ela não sabia ao certo de qual chocolate gostava mais; ambos eram bons, a seu modo. Então voltou-se para a caixa. Suspeitou que fosse algo de Norte — Ombric teria pelo menos embrulhado-a em musselina. Ao abri-la, lentamente, ela pensou: *Este é o jeito de eles me dizerem que vão sentir saudades*. Magos, aprendera ela, eram mais de fazer do que de falar.

Dentro da caixa havia um aparelho redondo. Era dourado e pesado, como um relógio. Mas tinha apenas um ponteiro e nenhum número; na ponta, havia apenas a letra *N*. Ela abriu o bilhete que estava embaixo. Ele dizia:

*Cara Katherine,
Caso haja algum problema,
você sempre poderá me encontrar.
A flecha dirá o caminho.
Sempre seu,
N*



Sua infelicidade dissipou-se parcialmente. Era bem coisa de Norte. Apenas ele faria uma bússola que só apontaria para si.

Katherine também sabia que era uma forma de testá-la. Ela podia partir e segui-los, se assim quisesse. Mas eles haviam pedido a ela que ficasse com Petrov e o urso, atenta a tudo, e assim ela faria. Contudo, ela não podia deixar de desejar que houvesse uma pontinha de problema, para que tivesse uma desculpa para ir atrás deles. A ideia a fez sorrir. Mas Ombric sempre dizia: “Tenha cuidado com o que deseja.” Ela terminou o chocolate e resolveu que todo mago era irritante. Mesmo assim, passou a corrente da bússola pela casa do botão da blusa e admirou-a mais uma vez.

Katherine continuou seu dia como prometera, trocando o feno de Petrov e fazendo companhia ao urso, sua nova bússola pendurada na blusa. Ela jurou que não ia olhar, mas a cada hora dava uma espiada, acompanhando a direção para a qual apontava. Norte e Ombric estavam andando rapidamente a sudeste, lia ela, e não havia como eles terem saído muito depois da alvorada.

Norte e Ombric haviam realmente saído à alvorada. Fora uma tarefa descomunal, com dezenas de equipamentos e geringonças enfiadas na bolsa infinita que complicava a jornada. Ombric teve de admitir que o engenhoso djinni de Norte era um grande avanço na mistura da magia antiga com a magia do homem. Ao prepararem-se para partir, Ombric lamentara que, embora o

djinni carregasse todos os suprimentos deles, seria uma viagem lenta e cansativa. Mas Norte tinha uma surpresa para o velho mago.

— Djinni, leve-nos para cima! — ordenou com voz vivaz demais para quem havia acordado tão cedo. O djinni curvou-se como sempre, mas de repente, de suas costas, ombros e braços, começou a emergir o mais belo e elaborado trenó voador! Cada tábuia de assoalho, convés e parafuso era uma extensão mecânica do próprio djinni.

Com o equipamento enfim a bordo, Norte voltou-se para seu mentor, tentando não parecer exageradamente feliz consigo mesmo.

— Presumo que já estejamos prontos? — perguntou Ombric astutamente, mas não esperou resposta. Subiu a bordo, sentou-se na cadeira que obviamente era do capitão e começou a inspecionar os controles. Norte tentou explicar como funcionava a máquina voadora, mas Ombric o interrompeu: — Você é deveras esperto, Norte, mas eu também estudei o Mestre Da Vinci.

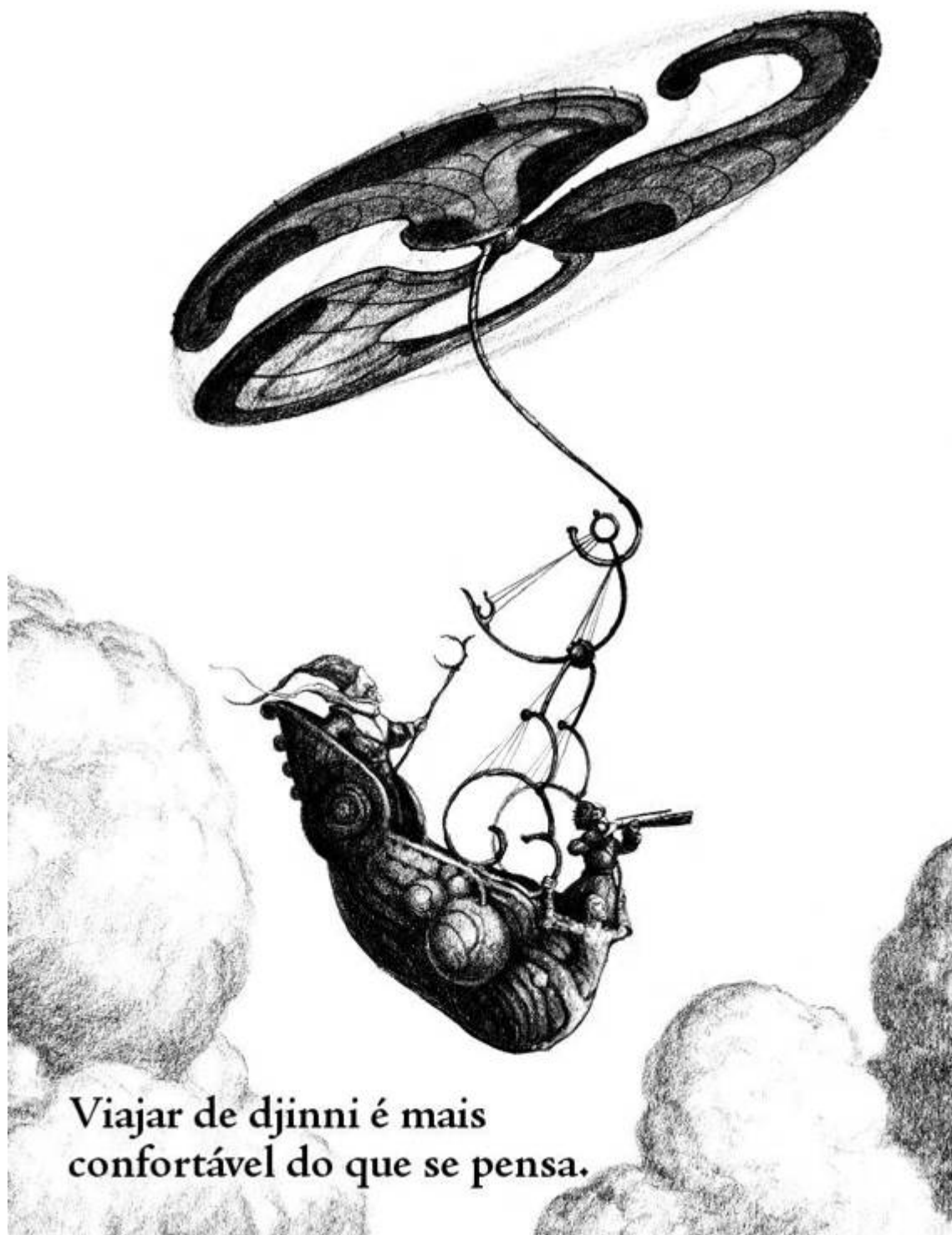
O idoso reconheceu que Norte tomara grande parte do projeto da aeronave dos famosos cadernos de Leonardo da Vinci, que estavam na biblioteca da Troncuda, fazendo parte da coleção conjurada de Ombric.

— Eu e Da Vinci fomos grandes amigos, sabe — prosseguiu o mago. — Contudo, este projeto nunca funcionou como devia.

Norte deu de ombros.

— Fiz algumas melhorias. — Puxou uma alavanca, apertou um botão e girou uma chave. Os propulsores começaram a girar e, em segundos, o “voador” subiu aos céus.

À noite eles já estavam a mais de mil milhas de Papoff Noelen. Vez por outra Ombric olhava para seu globo de bolso e decidia para onde eles deviam virar.



Viajar de djinni é mais
confortável do que se pensa.

— Vinte graus para oeste! — berrava contra o vento, e o djinni, é claro, pilotava como o ordenado. Ombric ainda não compartilhara o segredo do destino deles, mas Norte tinha uma boa noção de onde estavam. Aliás, o destino tomava o céu à frente deles. Era impossível não ver.

— As montanhas do Himalaia!

As mais altas do mundo, vastas, cobertas de neve, belíssimas e ameaçadoras. Norte nunca as vira — nunca houvera nelas algo que quisesse roubar. Mas não era roubo o que havia em sua mente naquele instante. Apenas entusiasmo e expectativa. *No que esse velho amigo nos meteu?*, perguntava-se. Haveria uma batalha? Fazia meses que Norte não entrava em combate. Não se engalfinhara com mais do que uma tampa de compota desde que Breu atacara a Troncuda. Ainda assim, tinha certeza de que, ao acrescentar o conhecimento de magia e feitiços a seu arsenal, seria mais desafiador do que nunca. Para fechar, o djinni estava armado — Norte lhe dera uma de suas melhores espadas. Que guerreiro seria! Com a força de cem homens e a obediência de um cão de caça, uma avalanche não poderia deter sua invenção.

Enquanto Norte deleitava-se em sua autoconfiança, Katherine estava mergulhada no tédio. Fora um dia longo e desinteressante em Papoff Noelen. Ela cavalgara pelo perímetro externo do vilarejo mais de uma dúzia de vezes, na esperança de algum percalço ou aventura, mas aparentemente estava tudo bem. Petrov sentia-se igualmente inquieto, e apreciava qualquer oportunidade de passear com Katherine. E como cavalgaram. Era muito mais fácil comandar um cavalo do que uma rena; além disso, ele tinha sela! Katherine adorava cavalgar forte e rápido, só pela emoção. O urso passara várias vezes para garantir a Katherine que a floresta estava calma, tranquila, igualmente funcional. Parte do pelo em seu queixo estava voltando a ficar escuro, fazendo parecer que ele tinha uma vistosa barbicha. Fazia Katherine se lembrar de Norte.



O urso

O único fato de relevância naquele dia também foi o pior: Petrov tropeçara quando eles estavam voltando à Troncuda antes de a noite chegar. Seu casco esquerdo ficou preso no talho irregular pelo qual Breu escapulira semanas antes. Todos no vilarejo evitavam aquele ponto, fora Katherine e Petrov, que tinham certo prazer em galopar sobre ele, afundando-o mais a cada vez.

Sua pata felizmente não quebrou, mas ele tivera uma bela torção e estava mancando feio enquanto Katherine caminhava a seu lado até o estábulo próximo à Troncuda. Não voltariam a cavalgar durante alguns dias.

Ao preparar-se para a cama naquela noite, Katherine teve uma sensação inquietante. Talvez tivesse sido por conta do acidente com Petrov, talvez a Troncuda parecesse vazia sem Ombric e Norte. Era pior que a solidão: parecia mais um temor.

A última tarefa de Katherine naquele dia foi alimentar as corujas de Ombric. Ficara tão distraída com a sensação incômoda que quase se esquecera delas. De camisola, com uma vela numa mão e os petiscos prediletos das corujas na outra, ela foi até o laboratório de Ombric. Ao abrir a porta, levou um susto. A biblioteca estava uma bagunça, o que não lhe era característico. Eles haviam partido com pressa, é claro, e Norte não era tão meticoloso quanto Ombric... mas mesmo assim, que bagunça!

Pensando em como eles ficariam gratos de retornar a um ambiente de trabalho organizado, Katherine começou a arrumar tudo assim que alimentou as corujas. Ela não tinha nem noção do que diziam os escritos e desenhos tão peculiares — eram em latim, francês ou outra língua antiga que ainda não conhecia. Estava cercada de coisas que eram, ao mesmo tempo, familiares, estranhas e inescrutáveis.

Quando Katherine estava para fechar um dos livros, algo lhe atraiu a atenção. Havia diversas marcas estranhas no papel. Ombric era impecável no cuidado com seus livros; usava até luvas quando folheava os mais antigos. Ela nunca havia visto marcas como estas nos livros dele. Virou pouco mais de uma

dezena de páginas e encontrou os mesmos amassados. Não eram amassados, porém — eram digitais!

Pegou uma das muitas lupas que estavam esparramadas pela bagunça. Parecia haver um padrão em cada marca — espirais, como de uma digital, porém mais graciosas e incomuns. Ela já havia visto algo assim, mas onde? Enquanto esforçava-se para se lembrar, a sensação de temor se intensificou. Quando as peças finalmente se juntaram, ela ficou estática, tomada pelo pânico. O djinni robô! Eram as digitais *dele*! Ela sabia que Ombric nunca haveria de confiar tais feitiços a uma máquina. Enquanto Ombric dormia, o djinni devia ter estudado seus livros!

Katherine olhou apressada para a capa do livro. Ela conseguia decifrar a parte mais fácil. *Feitiços de...* De quê? De quê? Nunca havia visto a palavra seguinte e precisou consultar dois dicionários para decifrá-la. Quando finalmente conseguiu, perdeu o fôlego. O título dizia *Feitiços de Submissão*.

CAPÍTULO DEZOITO



Árdiloso Mal que Viaja Inógnito

MAL HAVIA PASSADO UMA hora desde que Ombric começara a suspeitar que o djinni provavelmente estava sob controle de Breu. Um minúsculo detalhe levantara as suspeitas de Ombric, algo que apenas um velho mago notaria. Tinha certeza de que Norte não notara que algo estava errado; Norte estava boquiaberto frente às montanhas do Himalaia; baixara sua guarda de guerreiro. Mas o que o sempre atento Ombric notara foi que o djinni também admirava as montanhas. Sutil e furtivo, como se não quisesse ser notado. E Ombric sabia que isso era uma coisa que máquina alguma conseguiria fazer por si só.

Não havia como uma máquina ser curiosa. Uma máquina não podia sentir interesse nem fascínio. Ela só poderia fazer o que lhe diziam, e nem Ombric nem Norte haviam ordenado ao djinni fazer algo que não fosse transportá-los, voando.

Ombric fechou os olhos e concentrou-se.

Mesmo a quilômetros de distância, ele ainda conseguia comunicar-se telepaticamente com suas corujas na Troncuda. Em poucos segundos, já estava ouvindo-as. *Katherine nos deu mais comida do que você, disseram elas. Queremos mais porções de agora em diante.* Foi necessária certa contenda mental. Por fim, as corujas sonolentas e bem alimentadas conseguiram focar-se nas perguntas que o mago lhes fazia.

Uma delas recordava-se de ver uma aranha logo acima da cabeça do djinni na noite anterior. A coruja não dera atenção àquilo e voltara a dormir — aranhas na Troncuda não eram ocorrência fora do comum; elas contavam piadas maravilhosas e eram absurdamente boas em fazer cócegas.

Que tipo de aranha?, Ombric questionou sem palavras.

Uma aranha estranha, respondeu a coruja. *Completamente negra. Uma aranha-lobo, creio.*

Era tudo que Ombric precisava saber. As aranhas-lobo russas hibernavam no inverno. Disso ele sabia, e sua conclusão foi a seguinte: Breu conseguira cruzar suas defesas usando um disfarce à primeira vista dos mais simples; uma aranha doméstica.

Mas como proceder? Se Breu agora controlava o djinni, Ombric sabia que a única chance que ele e Norte teriam seria pegar o robô despreparado e derrotá-lo. Mas como iriam derrotar máquina de tamanha força? Uma máquina, estremeceu Ombric ao lembrar, armada com uma das espadas que o próprio Norte forjara?

E havia mais do que a segurança deles em risco. Era claro que Breu estava atrás de ambos, e provavelmente também das relíquias do *Veleiro Lunar*. *O djinni não pode chegar perto de nosso verdadeiro destino*, determinou Ombric. Não havia como dizer o que Breu faria se descobrisse o que eles estavam procurando — e o poder que a relíquia continha. E eles estavam chegando rapidamente ao local... Ombric tinha de tentar enganar o djinni. Dependeria de encantos e magias, e o tempo seria tudo.

— Na base daquele pico, aquele é o ponto. Aterrisse ali, djinni! — gritou Ombric, rápido, apontando para a montanha que se assomava à frente deles.

— Como ordenais — disse o djinni e, com uma leve mudança de rumo, fez a aeronave descer na área coberta de neve.

Ombric tentou chamar a atenção de Norte, mas o aprendiz estava ocupado demais admirando a paisagem. De bochechas enrubescidas — se eram de frio ou entusiasmo, Ombric não sabia dizer — ,Norte perguntou:

— É o lugar certo?

— Pois certamente é, Nicolau — respondeu o mago. — Encontraremos o que buscamos escondido sob toneladas de rochas e neve. Mas graças a você, temos o djinni para escavar.

Norte continuou a fitar a paisagem com intensidade.

— Lugar perfeito para uma emboscada — murmurou. — Somos alvos fáceis para qualquer predador que nos aguarde. — Desembainhou as duas espadas e desceu do trenó, alerta e preparado.

Ombric sabia que teria de ser muito cuidadoso. Agarrou-se a seu cajado. Uma máquina podia ser detida com um feitiço. Mas se a máquina fosse controlada por dentro por um ser maléfico, seria muito mais difícil. Os pés de Ombric esmigalhavam a neve, ainda que ele controlasse os passos. Buscou em sua memória pelos encantos mais efetivos.

E então se lembrou. Dois feitiços que, ditos simultaneamente, sem hesitação ou falha, dariam jeito. Encanto como este lhe tomaria quatro segundos, talvez cinco. Mas cinco segundos eram um tempo muito longo diante de situação tão perigosa. Ombric precisaria distrair o djinni e calcular o tempo de seus feitiços com perfeição.

— Djinni — começou Ombric — ,recolha sua aeronave e comece a escavar.

O que aconteceu a seguir foi quase imperceptível, mas Ombric viu: o djinni hesitou. E agora o mago tinha certeza. O djinni estava possuído. Enquanto pensava naquilo, o djinni começou a dobrar e armazenar a aeronave dentro de si.

Ombric tinha os feitiços claros em sua mente.

Estava preparado para lançá-los quando, de repente, sem aviso, Norte atacou o djinni!

Ainda mais rápido, o robô desembainhou sua própria espada e defendeu-se dos golpes de Norte.

— Eu sabia! Ele está possuído, Ombric! — berrou Norte. — Eu não *falei* para ele se defender! — Norte investia com fúria contra o djinni, mas o robô defendia todos os golpes de Norte.

Passou pela mente de Ombric um orgulho passageiro diante da brilhante intuição de Norte. Mas ele não poderia demorar-se, pois a sorte estava lançada! Invocar dois feitiços de uma vez é algo que apenas os grandes magos conseguem, e Ombric o fazia impecavelmente.

Norte era igualmente impecável em enfrentar o djinni; sua precisão, alimentada pela fúria, era fabulosa. *Não me lembro de já ter lutado tão bem*, pensava Norte, enquanto Ombric corria para entoar o último dos feitiços.

Quando o mago achou que estava prestes a conseguir... descobriu que perdera o controle de sua boca. Parecia congelada. Então a sensação de enrijecimento espalhou-se pelo rosto, depois pelos ombros, até que o corpo inteiro estava duro e paralisado. E encolhendo, encolhendo, encolhendo. Ele caiu ao chão com um baque surdo. Acompanhado de um segundo. O de Norte. De repente os dois estavam caídos na neve, sem conseguir se mexer. O djinni olhou para os dois. Uma risada sombria e horrenda ecoou das profundezas de seu peito. Uma risada sem igual. A risada de Breu.

— Posso ser seu aprendiz também, Mestre Ombric? — rosnou ele. — Aprendi bem rápido seus feitiços de submissão!

Norte esforçou-se para olhar para Ombric, mas não conseguia nem piscar. Então começou a perceber que não estava apenas paralisado.

— Agora *vocês* são *meus* escravos! — regozijou-se o djinni. — Minhas marionetes.

Era verdade. Eles haviam sido transformados em pequenas versões de porcelana de si mesmos, do tamanho de bonecos.

O djinni agachou-se ao lado deles, lançando uma imensa sombra sobre os corpos minúsculos.

— Agora contem-me sobre a arma que buscam.

CAPÍTULO DEZENOVE



O Piado Revelador

ÀO LOGO KATHERINE FEZ a surpreendente descoberta quanto ao djinni, cada coruja empoleirada no laboratório de Ombric começou a piar. Era óbvio que haviam recebido uma mensagem de seu mago.

Katherine falava pouquíssimo corujês (apesar de sua aparente simplicidade, corujês era um dos idiomas de aves mais obscuros e difíceis de dominar), mas ouvira atentamente e conseguiu entender uma palavra-chave.

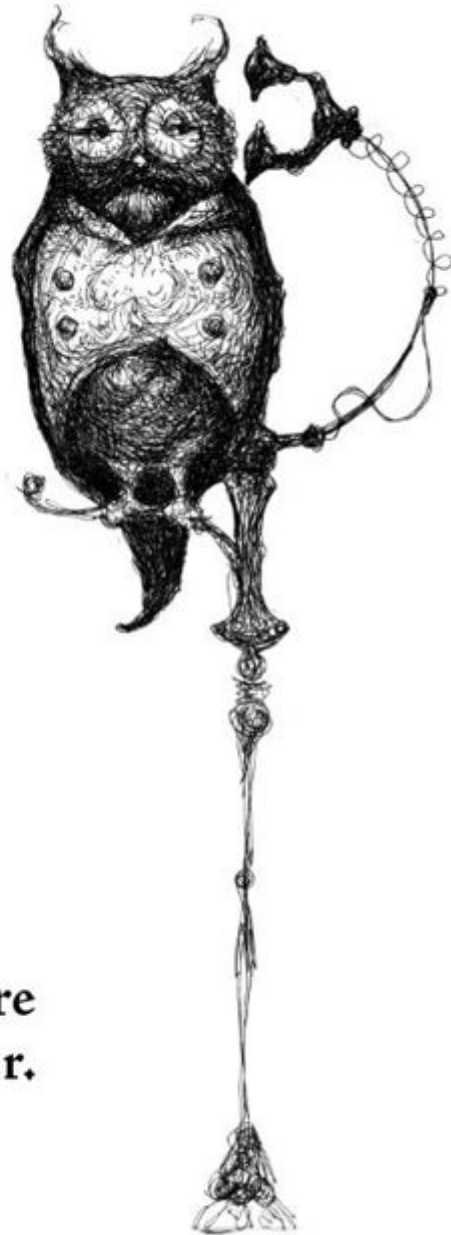
— Perigo! — gritou ela, e as corujas confirmaram. Correu até o globo de Ombric. — Mostrem-me onde! — implorou ela, dando as costas para as corujas. Elas apontaram com os bicos para uma vasta área bem no centro do Himalaia.

— Ombric e Norte estão em perigo? — perguntou ela uma última vez, como se quisesse ter certeza absoluta.

As corujas pareceram entender, pois piaram com vigor.

Katherine esperara bastante tempo para viver sua própria aventura, e agora teria a chance. Tinha o instinto. Talvez fosse algo que vinha dos pais. Como não se lembrava deles, não tinha como saber. Ela precisou de apenas alguns instantes para formular um plano. Ficou surpresa com o quanto ele parecia natural. E então entrou em ação.

— Voem até a floresta. Tragam as renas — ordenou às corujas, fazendo mímica das palavras com as mãos. As corujas saíram em voo, farfalhando as penas. Ela olhou para a bússola que Norte lhe dera, que dizia o caminho. Correu até seu quarto. O lugar para onde estava indo era frio e perigoso. Precisava levar um casaco e um punhal.



**A coruja líder é sempre
a primeira a responder.**

CAPÍTULO VINTE



No Qual um Golpe do Destino Gera Complicações no Plano

ESTRATAGEMAS DE BREU funcionou melhor do que ele ousara esperar. Estava absolutamente feliz com a armadura metálica do djinni. Agora não só estava a salvo da luz do sol e da lua, mas também podia movimentar-se de maneira tão fácil quanto em sua forma sombria. É claro que, estando no corpo robótico, não poderia transformar-se em vapor nem ficar do tamanho de uma nuvem de trovoadas. Mas o corpo lembrara-o de como era ser um verdadeiro *ser* — sólido, material, *real*. Algo que criança ou adulto algum poderia relegar a mero pesadelo ou imaginação.

Nos meses desde que se libertara da gruta, Breu e seus servos haviam chegado a quase cada canto do planeta, deixando medo e inquietação por onde passavam. Mas havia limites à sua nova liberdade, que o deixavam frustrado. À noite ele podia ser tão apavorante quanto qualquer criatura que já existira. Aprendera a invocar nuvens para bloquear a luz intrometida da lua. Em meio às trevas, era o mal em si, capaz de lançar avalanches de tortuosos pesadelos sobre qualquer alma.

Contudo, ao chegar de cada alvorada, ele e seus asseclas eram forçados a recuar. A luz do dia tinha o poder de desfazer todo o serviço! Adultos faziam pouco caso de seus encontros com ele, como se nada houvesse acontecido; eram apenas “sonhos ruins”. E convenciam suas crianças do mesmo.

Ainda pior, as crianças haviam começado a chamá-lo de “Bicho-Papão”, nome que detestava. E embora temessem-no, não acreditavam realmente que existisse. Mas agora — agora! — ele seria uma coisa que poderiam ver a qualquer hora. *Agora* ele era algo que não poderiam negar.

Isto, claro, não era o bastante. Seriam necessários novos conhecimentos e novas armas para a conquista. Agora ele entendia: lançar pesadelos contra crianças era apenas o princípio. Para alcançar seu objetivo, teriam de *acreditar* naqueles pesadelos.

Ele sentia-se mais poderoso do que nunca. Não havia poder que pudesse detê-lo. O urso, aquela árvore intrometida — todos passariam a curvar-se diante dele, tão rápido quanto aquele mago velho e idiota e seu imprestável aprendiz.

Mas primeiro...

Primeiro havia a questão do aparelho, da arma, da *coisa* que o velho mago estava procurando. Se o mago acreditava que aquela arma tinha como destruí-lo, então devia ser mesmo muito poderosa.

Breu apanhou seus dois cativos miniaturizados e girou-os para lá e para cá, exigindo respostas. Mas não teve o que queria. Ombric não queria ou não conseguia falar. Não importava quantas vezes Breu lhe ordenasse a revelar o que era a tal “arma” ou onde estava, o mago do tamanho de um brinquedo continuava mudo. E Norte não podia responder pela simples razão de que não sabia. Ombric nunca lhe dissera aonde estavam indo ou o que esperavam encontrar.

Norte estava fervendo de tanta raiva. Fora aprisionado exatamente pela criatura que criara para aniquilar — e não tinha a quem culpar a não ser a si mesmo. Por que não dera ouvidos quando Ombric lhe falara do perigo em misturar magia velha e nova? Norte sentiu uma vergonha profunda e arrasadora — e uma sensação pouquíssimo familiar: desamparo. Como jovem e guerreiro, ele já se vira em situações difíceis. Mas, sempre que acuado, soubera como escapar. Agora o que fazer sendo um brinquedo? Sentia-se inútil, impotente, e, como se não bastasse, fora tapeado por sua própria criação.

O feitiço de Breu era traiçoeiramente engenhoso. Não só Norte era incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser o que o demônio lhe ordenava, mas estava relegado a ser um brinquedo sem vontade própria. Não conhecia feitiço que pudesse desfazer tantas camadas de artifício. Não conseguia nem conversar com Ombric para descobrir uma maneira de fugir deste pesadelo. Podia falar apenas

quando Breu lhe ordenava, e Ombric não emitira palavra alguma desde que Breu lançara seu feitiço.

— Brinquedos patéticos. Não vão me servir de nada? — resmungou Breu, indignado.

— Não, Mestre — respondeu Norte.

Breu arremessou ambos na neve, desgostoso.

— A arma está aqui. Isso é certo. Com o tempo hei de encontrá-la. Toda a magia de que preciso está nos seus livros. Não preciso de tutor.

A neve começou a cair novamente. Os flocos gelados aterrissavam no rosto de Norte. *Não é exatamente a morte digna de um guerreiro*, pensou Norte. *Nem de um mago.*

Então surgiu um clarão familiar — a luz que Breu desprezava acima de todas.

CAPÍTULO VINTE E UM



Rir é um Amargo Remédio

AS MONTANHAS ALTAS DO Himalaia eram vastas e silenciosas. Mas o silêncio foi estilhaçado pela chegada do garoto espectral. Os instantes que se seguiram foram uma explosão de ação e barulho. Um estouro meteórico de luz pura lançou Breu longe de Norte e de Ombric.

Enquanto Breu esforçava-se para se reerguer, descobriu o garoto espectral logo atrás de si. A ponta de diamante de seu cajado estava a poucos centímetros da placa peitoral do djinni e da chave que ativava sua armadura mecânica. O ser maléfico recuou instantaneamente, pois a memória de já ter estado naquela situação erguia-se em sua mente: uma luz cegante, um punhal no peito, séculos de aprisionamento naquela gruta pútrida. Desta vez não!

Breu puxou sua espada e preparou-se para dar cabo do rapaz. Mas algo o deteve: a visão improvável de uma tropa de renas a galope, vinda das nuvens baixas como um raio em sua direção. Sobre a rena líder havia uma garotinha segurando um punhal com a habilidade furiosa de um experiente espadachim. E além disso — mas como? — cavalgavam sobre uma espécie de névoa brilhante!

Antes que Breu pudesse se recuperar, a menina e sua companhia tocaram o chão. Com neve voando para todos os lados, passaram como uma manada ao redor de Breu. Então a menina investiu impetuosamente e, agarrada à sela com uma das mãos, recolheu Norte e Ombric com a outra. Breu fitou a cena em total descrença. O grupo inteiro saltou de volta à névoa brilhante e desapareceu nos céus. Então ele se virou em direção ao garoto espectral. Mas ele também se fora, sobrando apenas um eco de risadas que ecoava de montanha em montanha. Como uma farpa sob a pele, aquele insulto enfureceu Breu.



A chegada heroica
de Katherine

CAPÍTULO VINTE E DOIS



0 Mais Improvável Reencontro

QUANDO KATHERINE ACHOU QUE estavam distantes o suficiente de Breu, ela dirigiu a rena ao que parecia ser um ponto seguro e confortável: uma caverna a meio caminho dos imensos picos montanhosos. A noite caía, mas o brilho do garoto spectral era forte o bastante para que ela pudesse ver a situação horrenda em que estavam seus dois amigos.

De alguma forma, o temível Breu havia transformando Norte e Ombric em bonecos — Ombric com miniaturas de chapéu, manto e cajado; e Norte em seu casaco vermelho e preto, uma espada do tamanho de um alfinete em cada mãozinha. Seus rostos eram inexpressivos; mal piscavam.

— Norte? Ombric? — sussurrou ela, tentando segurar as lágrimas. — Como posso salvá-los?

Sua preocupação era controlada pela determinação. Ela encontraria uma maneira de fazê-los voltar ao normal. Levaria-os para Papoff Noelen e estudaria até o último livro da biblioteca de Ombric, mesmo que lhe tomasse o resto da vida, ela encontraria uma maneira.

As renas voltaram para a beirada da caverna sentindo o pesar de Katherine. Fizeram um círculo ao redor dela, a fumaça gelada de seu resfolegar aquecendo o local. Lá fora, o vento começou a ficar mais forte, emitindo um uivo sobrenatural pelo ar. O garoto spectral diminuiu a luz de seu cajado e espiou pela entrada da caverna, cheio de cautela. Imediatamente puxou a cabeça de volta. O céu estava escuro por causa da quantidade de Homens-Pesadelo e Medonhos, e o garoto sabia que estavam atrás deles. As nuvens densas começaram a bloquear a fraca luz da lua. A noite havia ativado todos os poderes de Breu. O garoto spectral via que ele e Katherine estavam indefesos e em menor número.

Ele voltou-se para Katherine. Ela estava sentada no chão da caverna, balançando para frente e para trás, abraçando forte os amigos. Envolvera-os com os cantos de seu casaco amarelo. O menino a observara com frequência desde a primeira noite na floresta, quando ela fora a única a não ter medo dos Medonhos. E então a vira mais uma vez nas nuvens. Ele nunca havia visto uma Pequena lá no *alto*. O sorriso dela o encantou — fez com que ele se sentisse mais feliz do que a memória alcançava. Então, naquela mesma manhã, ele vira os amigos dela — o idoso e o jovem de casaco vermelho — nas nuvens. Mas eles a haviam deixado para trás! Não era justo. Estava a caminho de encontrá-la para ver se estava bem quando a ouviu pedir às corujas que chamassem as renas. Ela queria encontrar seus amigos Grandes. Bem, quem era melhor no pega-pega do que ele? Então ele focou seus poderes na criação de uma estrada de luz e a menina soube exatamente o que fazer.

Mas enquanto apressavam-se através do continente, o menino viu que ela parecia temerosa. Olhava constantemente para a bússola em seu pescoço, depois para frente. Apenas uma vez tirou os olhos do horizonte — para olhar para ele, voando a seu lado. Por que tanto temor? Não sabia ao certo, mas sabia que ela não sorria. E queria ver aquele sorriso mais uma vez.

Agora estavam presos. Como ele a deixara guiá-lo logo a uma caverna? O garoto entendia bem como era ficar preso. Não estivera exatamente assim até que o raio lunar viera e o libertara? Os Medonhos logo descobririam a caverna — e aí?

O garoto espiou pela entrada mais uma vez. Os Medonhos estavam chegando perto. Mas o menino teve uma ideia: perseguição! A melhor perseguição de todos os tempos — e desta vez seria mais do que um jogo. Aproximou a ponta de diamante de seu cajado ao rosto e sorriu para o raio lunar lá dentro. Ele e o raio haviam feito amizade. O raio estava pronto. Então o garoto virou-se para Katherine para vê-la uma última vez.

No instante seguinte, tinha-se ido. Empunhando seu cajado e brilhando mais do que nunca, o garoto alçou-se ao céu, dando giros e mergulhos até ter

certeza de que os soldados de Breu o haviam visto. Então saiu como um foguete rumo às nuvens. Os exércitos das trevas se inclinaram para a esquerda e morderam a isca.

O jogo final estava começando!



CAPÍTULO VINTE E TRÊS



A Mais Longa das Noites

QATHERINE OUVIU O GAROTO spectral rindo enquanto levava as legiões de Breu para longe dela. Como ele era incrível. Arriscaria tudo por ela e seus amigos.

O garoto era rápido e esperto, disso não havia dúvida. Talvez pudesse fazer um novo milagre que os salvaria, ou encontrar ajuda em algum lugar que ela desconhecia.

Mas por enquanto ela tinha de garantir que eles não seriam descobertos por nenhum dos soldados extraviados de Breu. Rápida e silenciosamente ela fez as renas cobrirem a entrada da caverna usando as galhadas para arrastar a neve, até sobrar apenas um buraco para espiar.

Mas apesar do bloqueio, ainda estava terrivelmente frio. Os dedos de Katherine doíam; ela já quase não sentia o pé. Não tinha condições de fazer uma fogueira e, mesmo se tivesse, sabia que o mínimo fio de fumaça faria Breu descobrir onde eles estavam. Então envolveu Norte e Ombric com mais força na gola de seu casaco e aninhou-se entre as renas, bem mais preparadas para o clima frio.

Quanto a Norte, embora não pudesse se mover, nem ao menos piscar, sua mente estava em disparada. E o que este audaz fora da lei, este ex-Cossaco, este tão temido guerreiro matutava? Ele não armava planos de batalha nem visualizava como derrotar Breu. Não. Norte estava preocupado com o casaco de Katherine. Seria quente o bastante? Imaginou o casaco que faria para ela se um dia voltassem à Troncuda, utilizando o velho truque cossaco de forrar com duas camadas de pele. Katherine teve um calafrio, e a sensação de desamparo de Norte foi excruciante — ela estava *mesmo* com frio, com mais frio e mais tristeza do que uma criança deveria sentir.

Katherine também estava profundamente cansada. Lutava para manter-se alerta, manter o foco no que devia fazer, mas a respiração rítmica das renas logo a embalou a sono profundo, com Norte e Ombric bem acomodados sob seu queixo.

Quando as crianças têm pesadelos, elas lutam para acordar. Sabem que o conforto está logo além de seus olhos cerrados. Mas, para Katherine, todos os pesadelos estavam a seu redor, de forma que o sono era sua fuga. Passou a noite pulando de sonho em sonho. Sonhos que, em seu caso, nunca eram comuns.

Há um sonho raro que algumas crianças têm, que se dá como um livro de história, mas uma história da qual o sonhador não faz parte. Em vez disso, elas assistem as aventuras de uma pessoa que lhes é querida, numa espécie de filme mental. E o sonho que Katherine estava tendo era estrelado por Nicolau São Norte. Norte era um herói de milhares de aventuras. Não era um mago, nem ladrão, nem guerreiro, mas uma figura poderosa de alegria, mistério e magia sem fim, que vivia numa cidade tomada pela neve.

Este tipo de sonho é tão raro que a maioria dos sonhadores não entende a magia que contém; ele acontece simultaneamente em outro lugar, exatamente a mesma aventura e imagens que passam pelo sono de outra pessoa.

E era o que estava acontecendo. Enquanto Norte estava lá, indefeso e quase sem esperança, ele começou a ver os sonhos de Katherine em sua própria mente. Uma cidade de neve em grande alvoroço e ele — de maneira que nunca se imaginara nem cogitava — feliz e em casa. Era o senhor de seus domínios.

Pela segunda vez em várias semanas, Norte percebeu que era assim que Katherine o via. No desenho que ela lhe dera para a caixa no peito do djinni, desenhara-o mais majestoso do que na vida real. E agora ela o via ocupando um lugar importante no mundo.

Então o sonho fez algo que somente os sonhos fazem: tornou-se parte de Norte, tornou-se o sonho *dele*. Agora estava em seu coração e lá nunca iria morrer.

O sonho terminou de forma brusca. Norte estava acordado de novo, mas não conseguia enxergar. O casaco de Katherine cobria seus olhos. Veio uma rajada de vento gelado. Depois gritos, e ele sentiu-se sendo puxado para cima. Ouvia o relincho furioso das renas e o som de cascos e galhadas batendo-se contra metal.

Breu os encontrara.

Norte sentiu outro puxão e ouviu Katherine gritando:

— Saia daqui!

Então algo sombrio fez pressão a seu redor. O casaco de Katherine saíra de seu rosto e ele a viu curvada no chão, cercada por Medonhos. As renas debatiam-se loucamente contra cordas e correntes de sombras, mas as amarras eram fortes, e elas batiam seus cascos em fúria contra o chão da caverna. Norte estava nas mãos de um Medonho. Ele foi virado de lado e viu o rosto gigante de seu djinni fitando-o. A gargalhada de Breu ribombava do peito metálico.

— Homenzinho — disse Breu numa voz cheia de maldade — ,como você se tornou inútil. — Então voltou seus olhos para Katherine. — Já me tomaram um príncipe Medonho uma vez. Não vou permitir que isso aconteça de novo. Mas antes de transformar *você* em princesa Medonha, quero ouvir um último grito. — Ele sorriu, traiçoeiro, para o Medonho que segurava Norte. — Destrua-o. Agora.

O Medonho jogou Norte com violência contra o chão de pedra. O som que fez ao bater foi de uma agudez revoltante. Norte brincado ficou estilhaçado.

Katherine, com uma força que surpreendeu até a si mesma, libertou-se do Medonho. Ela *não* iria gritar. Recolheu os pedaços do corpo de Norte com pressa e cuidado. Ombric lhe ensinara — Ombric ensinara a todos — que o verdadeiro poder da magia estava em acreditar. E ela vira aquilo acontecer com os próprios olhos. Então podia acontecer de novo. *Teria* que acontecer.

Katherine correu até os fundos da caverna.

Breu estava a poucos passos. Em questão de instantes ela seria pega e transformada em Medonho. A gargalhada de Breu ressoava pela caverna.

— Que Medonha irritante você será — disse ele, rindo. Os braços robóticos do djinni, os mesmos que a haviam pegado com tanto cuidado naquele outro dia, ao lado da Troncuda, cortaram o ar. E, de repente, pararam. Breu não conseguia chegar mais perto. Fazia toda força possível, mas o braço da máquina não obedecia. — Não pode ser! — sibilou, incrédulo.

Katherine não desperdiçou um instante. Suas mãos trabalhavam com agilidade e, ao colocar a última peça de Norte no lugar, respirou fundo e sussurrou o primeiro feitiço de Ombric:

— Acredito, acredito, acredito. Por favor, volte a ser real. Vai funcionar. Acredito...

Mas antes que Katherine pudesse encerrar seu apelo, um ribombar tremendo surgiu de fora da caverna. Primeiro ela pensou que era um trovão, mas quanto mais perto e mais alto ficava, mais percebia que vinha tanto do chão quanto do céu. Ela olhou para a entrada da caverna, assim como Breu e os Medonhos. O ribombar intensificou-se até que a caverna começou a balançar. Lá fora ouviam-se os gritos e uivos dos Medonhos e dos Homens-Pesadelo.

Então, sem qualquer sobreaviso, todo o topo da montanha sumiu numa explosão. Eles abaixaram para proteger-se, mas, em meio à neblina de neve e rocha pulverizada, perceberam que estavam a salvo. Agora estavam expostos. A céu aberto, podiam olhar para todos os lados. Era uma vista épica. Em cada montanha e vale, no chão e no ar, havia enxames de Homens-Pesadelo e Medonhos. Cada centímetro sordidamente preenchido por hordas sombrias. Mas de todos os lados surgia uma onda de magníficas criaturas peludas, brancas como a neve, grandes como ursos, e armadas até os dentes. Partiram as criaturas de Breu como a rebentação faz sobre a areia. Com um estrépito ensurdecador, as nuvens se abriram e a lua brilhou. Dela veio uma frota de raios lunares comandados por ninguém menos que o garoto espectral. Eles varreram os céus, derrubando cada criatura sombria que os desafiava.

Completamente tomado pela ira, Breu voltou-se novamente para Katherine e os outros. O que ele viu deixou-o ainda mais furioso.

Norte estava diante dele. Não mais um brinquedo e sim um homem, com a cabeça emproada em pose de desafio, capa esvoaçante e sabres a postos em cada mão! Katherine, ou alguma coisa, havia desfeito o feitiço!

— Seu diabinho sinistro — disse ele a Breu com alegre sarcasmo — ,como você ficou irritante.

Então lançou-se contra Breu com toda fúria. Suas espadas golpeavam num ritmo que parecia impossível. Katherine mal acreditava no que via. Norte estava de volta e não havia como negar. Se Breu era mais rápido que qualquer ser humano, Norte estava à sua altura. Seus sabres explodiram com raios de fogo e faísca. Eles se insultavam enquanto brigavam.

— Como é ver sua própria invenção vencê-lo, em todos os sentidos? — desafiou Breu.

Norte sorriu e respondeu:

— Tudo que crio, eu posso destruir.

— Já destruí planetas inteiros, larápio. Você não passa de um inconveniente.

Norte balançou a cabeça e soltou as duas espadas. Ficou de pé, reto, abriu os braços e fechou os olhos.

— Pode vir com tudo, Breu — disse ele, calmamente.

— Que tipo de truque é este? — perguntou Breu. — Posso cortá-lo em dois antes que erga uma espada. — Mas lá estava Norte, afrontosamente à vontade. Até começou a assobiar.

Breu não resistiu. Desceu sua espada com todo poder, mas o braço de metal deteve-se a um quarto de milímetro do cenho de Norte.

Breu ficou pasmo mais uma vez. Norte abriu os olhos, olhou na direção de Katherine e piscou.

— É o desenho que ele traz no peito — disse Norte, astuto. — Ele pode nos transformar em brinquedos, mas com as próprias mãos não pode nos fazer mal algum. Sua arte é poderosa, minha menina.

Breu apenas processou o que Norte dissera e percebeu que fora vencido. Por enquanto.

Katherine quase deu uma risadinha de alívio e surpresa.

Breu voltou-se para a batalha que urgia a seu redor. Viu que a maré estava contra suas tropas. Não era tolo. Voltou-se ríspidamente para Norte e Katherine.

— Guardarei o djinni como presente. Digamos apenas que ele me “serve”. — Então alçou aos céus, transformando-se na máquina voadora do djinni. Em segundos, ele e seus Medonhos eram meras manchas negras no horizonte, sumindo rumo a oeste, antes da alvorada vindoura.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



¶ Fim da Jornada

POUCOS MINUTOS HAVIAM PASSADO desde a retirada de Breu, mas foram minutos recheados de fascínio e revelações.

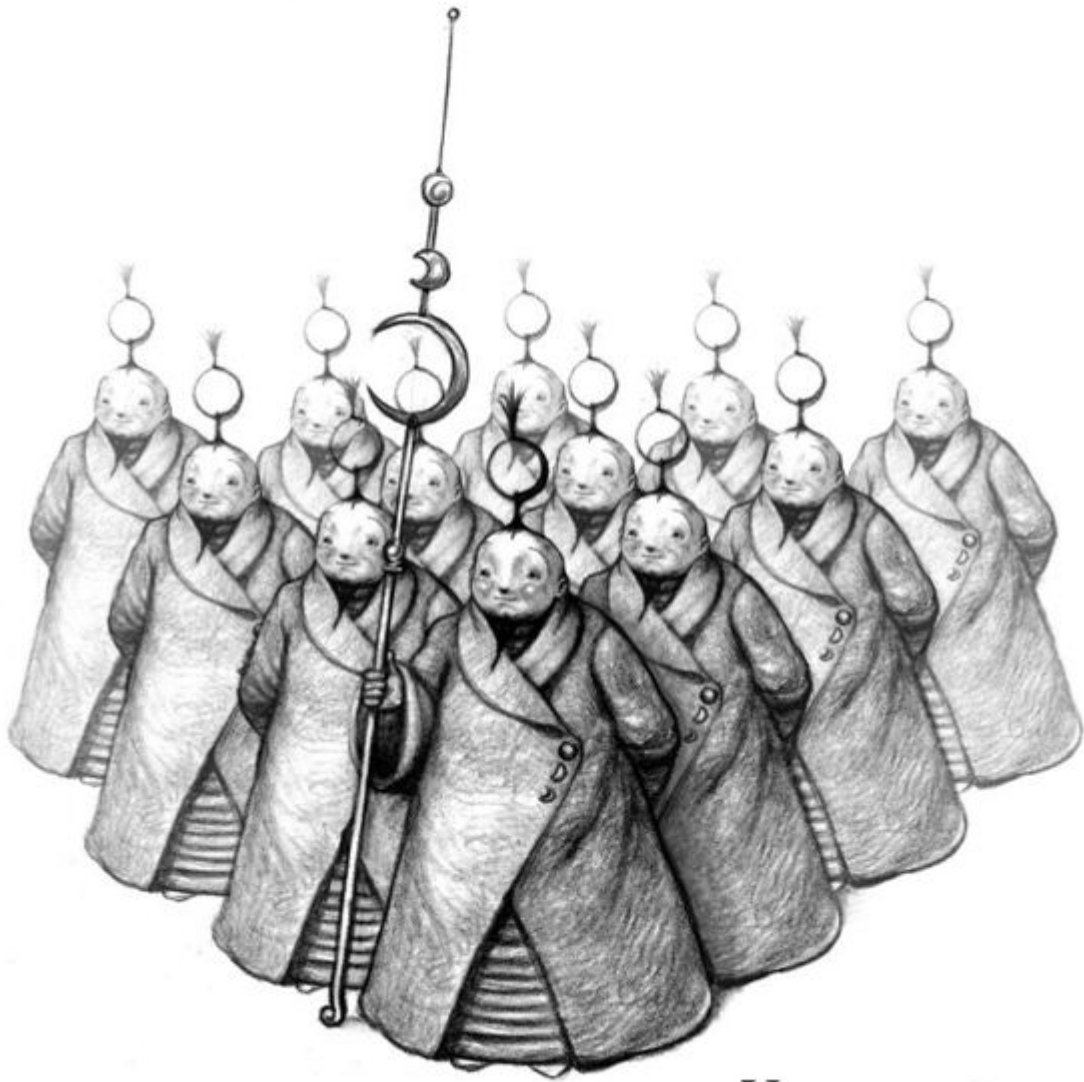
O feitiço de submissão de Breu afetara Ombric apenas parcialmente. Assim como Norte, seu corpo físico havia sido transformado em brinquedo. Eras antes, porém, Ombric aprendera a separar a mente do corpo. Chamava aquilo de “projeção astral”, e raramente a utilizava.

— É muito arriscado — explicou a Norte. — Nunca se tem certeza do que será do corpo quando a mente está ao léu, além de causar um esgotamento sério das energias. Passarei meses com fome.

E, de fato, Ombric vinha comendo as provisões da bolsa infinita sem parar desde que retornara ao corpo. Parecia feliz em contar a Norte e Katherine sobre sua aventura, pois andava animadamente de um lado para o outro.

No momento em que Breu lançara seu feitiço, disse Ombric, ele projetara-se ao Templo dos Lamas Lunares. Os Lamas Lunares eram uma misteriosa irmandade de sacerdotes que se dedicavam ao estudo da lua. Seu templo, ou, mais apropriadamente, seu Lamadário Lunar, era o real destino de Ombric durante a jornada.

Não há registro histórico preciso de como os Lamas Lunares vieram a existir ou como exatamente tornaram-se devotos da lua e do homem que a governava. Ombric ouvira falar deles ainda garoto, em Atlântida, e mesmo as maiores mentes daquele local perdido achavam os registros alegóricos e improváveis. Mas Ombric sentia lá no fundo de seu ser que estes homens teriam pelo menos algum interesse no retorno de Breu e seriam prestativos de maneira que ninguém mais na Terra poderia ser.



**Um encontro
de Lamas Lunares**

Os Lamas Lunares eram extremamente sigilosos e cautelosos. Nunca faziam contato com o mundo externo, nem mesmo com magos da estatura de Ombric. E não foram receptivos à chegada deste. Ombric implorara: não teriam uma das relíquias do *Veleiro Lunar*? Algo que havia caído na Terra? Algo de grande poder? Mas os Lamas haviam prometido manter tudo que sabiam em segredo até receber instruções do contrário.

Aparentemente, eles possuíam uma forma de dialogar diretamente com o Homem da Lua, embora só fizessem uso disso em circunstâncias deveras extraordinárias.

— Que circunstâncias seriam mais extraordinárias do que estas? — exigiu-lhes Ombric. — Breu está *aqui*! Suas hordas estão do outro lado destas *montanhas*! O inimigo jurado de seu mestre retornou, armado até os dentes e com poder para fazer muito mais do que travessuras!!!!

Mas os Lamas Lunares eram os homens mais serenos na Terra, e não havia discussão que os faria ter pressa. Eles reuniram-se no pátio, seus sapatos prateados deslizando sem fazer som algum, as mãos escondidas sobre as mangas dos mantos de seda, seus rostos redondos — lunares — tão agradáveis e inescrutáveis quanto melões.

— Entendemos sua inquietação — disse um Lama.

— Compreendemos sua frustração — disse outro.

— Simpatizamos por completo — disse o seguinte.

— Lamentamos a situação — disse o quarto.

— Devemos receber um sinal — disse mais um.

— Esperamos que entenda — disse o último.

— Sentimos muito — concluiu o que falara primeiro, sorrindo.

A reação deles deixou Ombric furioso. Felizmente ele era uma projeção astral, pois se estivesse em forma física, teria dado um soco em cada um dos rostinhos em formato lunar.

Então ocorreu algo de muito vantajoso. O garoto espectral desceu dos céus como um raio. Aterrissou no pátio do Lamadário e veio derrapando até parar

diante de Ombric e dos Lamas, cajado à mão, o punhal de diamante a brilhar forte na ponta.

Ombric o reconheceu imediatamente — era o mesmo garoto que afugentara os Medonhos de Papoff Noelen. E na hora ficou claro que os Lamas também o conheciam. Sua reação ao recém-chegado não poderia ter surpreendido mais Ombric. Eles murmuravam entre si, animadamente, ajoelhando e curvando-se até as testas tocarem o chão. Ombric respirou fundo, esforçando-se para segurar a língua. E precisou se segurar muito, muito *mesmo*. Ali estava ele, o maior mago da Terra, e estes Lamas curvavam-se — *curvavam-se!* — diante daquele... daquele... daquele garoto! Com as cabeças ainda ao chão, todos os Lamas começaram a falar ao mesmo tempo.

- É o sinal que estávamos aguardando!
- Desde o princípio de nossa ordenação!
- O guardião do Homem da Lua!
- Aquele com o punhal de diamante!
- Aquele que deteve Breu!
- Aquele que chamam de Noiteluz!

Noiteluz. Ombric nunca vira esse nome nos pergaminhos que tratavam da Era de Ouro. Fitou o garoto nos olhos. Parecia ser só braços, pernas e sorriso, e emitia o leve brilho de um pirilampo. Poderia este arremedo de gente ser de tamanha importância?

Os Lamas fizeram sinal para um grande gongo pendurado atrás deles, convidando Ombric a aproximar-se. Ficava claro que era uma de suas posses mais estimadas. Ombric sentiu um calafrio de animação enquanto o inspecionava. O gongo não era apenas um belíssimo instrumento — tinha entalhes muito elaborados que contavam uma história... a história do Homem da Lua!

— O czar Lunar nos relatou essa história há séculos — disse o Grande Lama Superior. — É tal como ele viu, sentiu e recordou.





E lá estava, numa sucessão de gloriosas imagens descritas pelo próprio czar Lunar. O majestoso *Veleiro Lunar* a toda velocidade. Os alegres Lunobôs e Lunondongos. Ombric mal conseguia controlar sua mente para absorver tudo, e então, lá, na ponta, ficava o pedaço da história que sempre lhe fora um mistério. Ombric voltou seu olhar do garoto na imagem para o garoto à sua frente. Era o mesmo. Era verdade! O garoto fora o amigo leal e guardião do Homem da Lua quando criança. Ele protegera o Príncipe dos pesadelos, e fora seu punhal de diamante que havia atravessado o coração negro de Breu no ápice da grande batalha. Este ato causara a grande explosão, que salvara o Homem da Lua e fizera o galeão de Breu mergulhar na Terra, a qual atingira como um meteoro, ficando escondido sob o solo durante séculos. Este garoto spectral era um herói de verdade.

— NOITELUZ! — gritaram os Lamas em uníssono.

— Noiteluz, definitivamente — concordou o surpreso Ombric.

O garoto ficou abalado, um olhar de perplexidade em seus olhos verdes. Fazia tanto tempo, embora aquele nome ainda vivesse nele como uma memória distante. Inclinou a cabeça, depois a balançou. O que interessava a Noiteluz era o *aqui e agora*. A batalha aindaurgia! Voltou seu cajado para os céus. Os Lamas e Ombric olharam naquela direção. Os asseclas de Breu arremetiam contra eles. Haviam seguido Noiteluz até lá, como esperava. Ele havia observado os Lamas Lunares e sabia que tinham as melhores armas contra as criaturas sombrias.

Para espanto de Ombric, os Lamas passaram de estátuas murmurantes a ágeis soldados. Sinos soaram. Sopraram-se cornetas. E um grande ribombar, como se a própria Terra rugisse, tomou o pátio.

Ombric espiou atrás das colunas que marcavam a entrada do santuário. Uma legião de criaturas da neve, gigantes e peludas, reunia-se em frente ao Lamadário, já em formação militar. Era um exército de Abomináveis Homens da Neve! Ombric já lera sobre eles, mas nunca os vira. Eles possuíam um incrível arsenal de clavas, espadas e lanças cintilantes, todas forjadas na poeira de estrelas caídas.

As criaturas detiveram-se quando os Lamas começaram a soprar suas cornetas cerimoniais, cornetas que anunciavam a batalha.

Os Yeti e Seu Armamento



Alguns Yeti
ficam de pé.



Muitos Yeti
preferem se
agachar.



Lança-flechas Yeti de grande
precisão intermontanhas



Aljava



Socadeira



Abominável Transformadora de Humor



Faca de Cozinha

E eles entraram na batalha, com Noiteluz à frente, atravessando as montanhas rumo ao pico onde Breu havia prendido Katherine e os demais. Os Lamas acompanharam o exército, rodopiando como tornados, como dervixes, como banshees!

Ombric se lançou junto a eles de imediato. E chegou, evidentemente, no momento mais oportuno — assim que a batalha atingiu seu ponto máximo e Norte voltava a seu tamanho normal. Mas Ombric não sabia disso; ainda estava no alto do céu. Temia estar atrasado demais para salvar os amigos, e explodira o topo da montanha numa tentativa desesperada de intervir. Embora Ombric odiasse admitir, agora sentia que fora um exagero, pelo menos um pouco.

— Magia pouquíssimo sutil — reconheceu enquanto terminava a história. — Está mais para algo que você, Nicolau, faria quando mais novo... Poderia ter ferido alguém, uma das renas, ou mesmo a pequena Katherine. Não entendo o que foi que me deu. — Até uma projeção astral pode corar de vergonha, e foi o que aconteceu a Ombric, pela primeira vez em centenas de anos. Norte gargalhou de assombro.

— Você está mais vermelho que o sol poente, meu velho! — provocou Norte.

— Ele só estava preocupado conosco — interrompeu Katherine.

— Humpf — resmungou Ombric, e então ocupou-se de revirar os restos pulverizados da montanha até encontrar seu corpo de brinquedo e nele novamente projetar-se. Em poucos instantes havia acabado com os últimos vestígios do feitiço de Breu e estava de volta, assim como Norte, a seu eu de carne e osso.

Norte estreitou o olhar.

— Como fez isso? E, o mais importante, como eu fiz isso?

O mago fez uma pausa e fitou seu aprendiz.

— Pois veja, um sonho bem utilizado pode ser a força mais potente do universo. Basta apenas sonhar com a liberdade para poder partir o feitiço de submissão.

Norte concordou. Seu mestre estava certo. Mas sabia que, com ele, havia sido outra coisa.

— Foi mais que um sonho que me trouxe de volta, meu velho. — Ele baixou os olhos para Katherine. — Você me salvou, em vários sentidos... — Estendeu a mão para pegar a bússola presa à lapela de Katherine. O presente fora de grande auxílio a ambos. Katherine tivera sua grande aventura e Norte encontrara uma amiga para o resto da vida. Ele voltou-se para o velho mago. — Cheguei a seu vilarejo em busca de tesouro. Mas encontrei algo melhor do que previa.

Ombric olhou para o chão e por um instante ficou quieto. Ao falar, foi com compaixão genuína e carinhosa.

— Uma vez lhe disse que não há magia no mundo que possa mudar um coração humano. Você provou que eu estava errado, jovem amigo. — Então deu um sorriso amplo pela primeira vez em séculos.

Mas os amigos não puderam demorar-se naquele momento adorável. Estando todos a salvo, tiveram de ir depressa ao Lamadário Lunar. Os Lamas julgaram-nos dignos das maiores honras que a irmandade outorgava, e a cerimônia estava prestes a começar.

— Não há lugar na Terra onde a luz seja tão forte e tão clara quanto nas Montanhas do Himalaia — disse Ombric com regozijo. Ele, Norte e Katherine estavam no topo da torre do Lamadário Lunar. — Não há lugar mais próximo da lua. Ora, estamos no ponto mais alto do mundo!

E um dos mais belos. O Lamadário era um palácio simples com mosaicos de lápis-lazúli e opala, e conseguia preservar a sensação tranquila e serena da luz da lua mesmo ao sol matinal.

Sinos e gongos começaram a soar por todo o templo que ficava ao centro do Lamadário. Katherine não conseguia parar de olhar para o telhado, onde milhares de sininhos prateados trinavam ao menor sopro de vento.

— O que vocês acham que vão nos dar? — perguntou ela.

— Espero que seja comida — brincou Norte. — Ombric já comeu tudo que estava à vista, e estou preocupado de que coma meu casaco.

Ombric silenciou os dois ao entrarem no pátio. Toda a irmandade de Lamas estava em posição de sentido, assim como um guarda de honra dos gigantes guerreiros peludos.

— Como é mesmo que se chamam? — sussurrou Katherine.

— No mundo exterior são chamados de Abomináveis Homens das Neves, mas os Lamas os chamam de Yeti — respondeu Ombric, também sussurrando.

As imponentes criaturas nunca haviam visto uma criança e ficaram fascinadas com Katherine. Assim como todos os habitantes do Lamadário, principalmente a meia dúzia de pássaros gigantes, com asas de ponta prateadas, que os Lamas criavam. Eram os Grandes Gansos da Neve do Himalaia, espécie de pássaro desconhecida de todos fora do Lamadário. Ombric concluiu:

— Tenho que me lembrar de fazer anotações sobre estes gansos no meu caderno.

Katherine já os incluía em seu diário. Era a única criança na história do mundo que já os vira!

— Gostaria muito de voar montada em um deles. São bem grandes — disse ela em voz alta, mas Ombric levou um dedo aos lábios, e ela entendeu que era hora de ficar quieta.

O trio foi conduzido ao centro do pátio. As renas pastavam às margens, erguendo as galhadas para saudá-los enquanto eles passavam. Katherine mal conseguia tirar os olhos do belíssimo gongo de que Ombric falara. Ela examinou os entalhes atrás do amigo, o garoto espectral — Noiteluz. (Ficou feliz de finalmente poder chamá-lo pelo nome.) *Onde está Noiteluz?*, pensou. *Era justamente ele que devia estar aqui.* Mas a cerimônia começou sem Noiteluz.

O Grande Lama Superior — que tinha a aparência exata de todos os Lamas, exceto por portar um cetro dourado — deu um passo à frente e bateu no grande gongo. Foi o som mais melodioso que os visitantes já haviam ouvido.

Ao ressoar, o gongo começou a passar de metal sólido a uma substância clara, vítrea. Em meio à translucidez leitosa, eles viam a lua. Surgiram murmúrios e

especulações por todos os lados. Seria possível? Seria este o momento que os Lamas — que *todos* — estavam aguardando? Quando cessaram as reverberações do gongo, a lua pareceu se expandir. Então um rosto emergiu das crateras. Os Lamas imediatamente ajoelharam-se, fazendo reverência. Diante deles estava o rosto mais gentil e caridoso que poderiam imaginar.

— Czar Lunar! — disse Ombric, sem fôlego. Pegou Katherine pelo ombro. Sim. Era o Homem da Lua.

Sua imagem tremeluzia, enfraquecida, como a luz que passa por entre árvores balançando. Não era uma imagem estável, e sim pontilhada de sombras e estática. Mas não havia como negar que ele estava lá. Sua voz era calma e aveludada, quase musical.

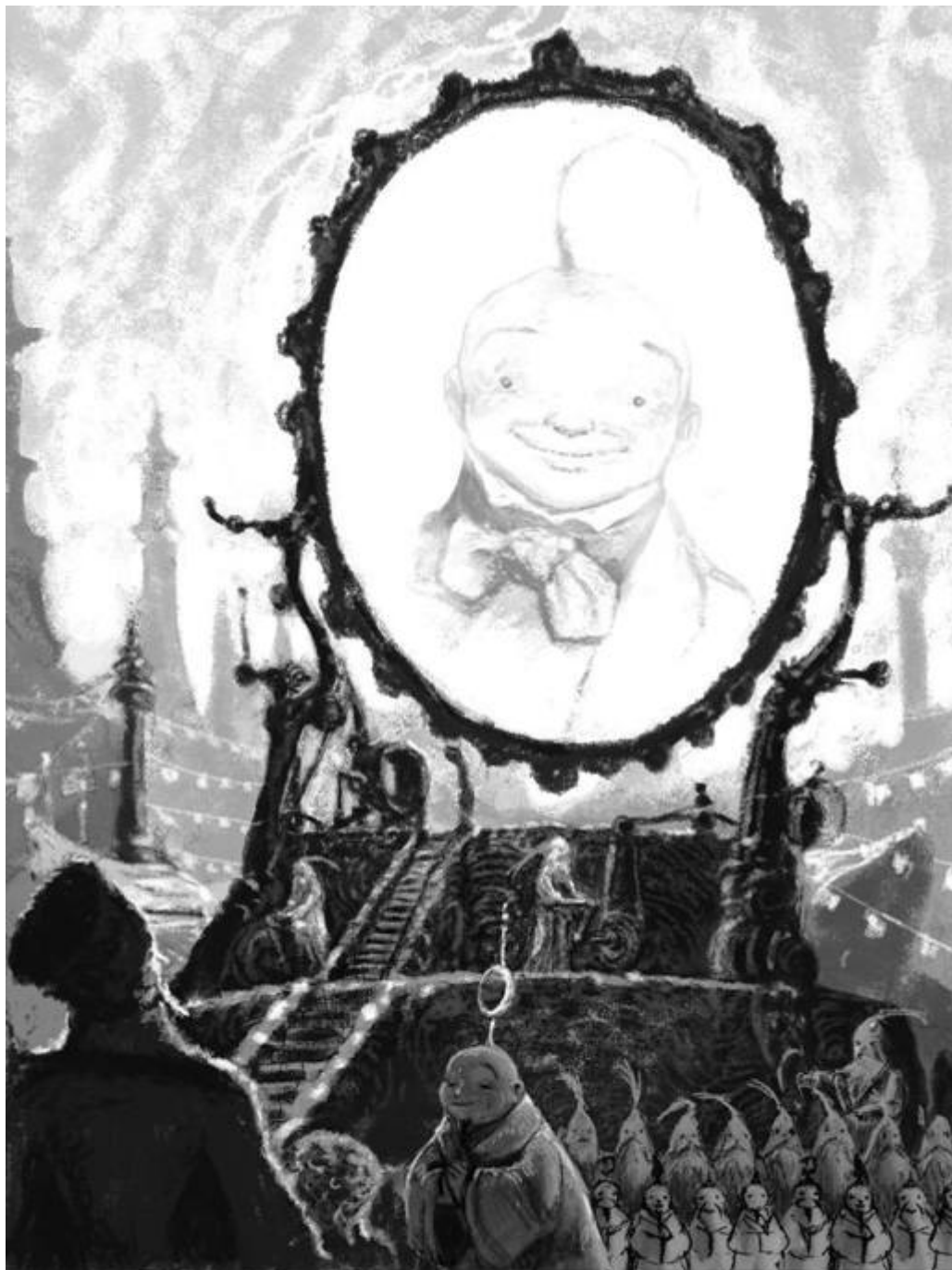
— Saudações, valentes amigos — iniciou. — Vocês encararam o maior mal de todas as eras, e mesmo assim não hesitaram. Todos estavam dispostos a sacrificar tudo por esta causa. Que bravura. Que poder. Que sabedoria cada um demonstrou! E por isso recebem meus profundos agradecimentos.

Norte, Ombric e Katherine, humildes e constrangidos, fizeram mesuras embaraçadas.

— Mas esta luta está longe de acabar — prosseguiu o Homem da Lua. — Breu está vivo e não vai parar. Vocês podem... Vocês vão continuar a lutar?

Os três se entreolharam num rápido instante, mas já sabiam a resposta. Norte desembainhou sua espada e a colocou em posição de sentido. Ombric fez o mesmo com seu cajado, e Katherine ergueu seu punhal.

O Homem da Lua sorriu para eles. Era um sorriso tão caloroso e simpático que fazia qualquer um que o visse sentir que não importavam os percalços por vir, tudo ficaria bem.



**Uma audiência com czar Lunar,
o Homem da Lua!**

— Então vão precisar de ajuda — disse o czar Lunar.

Então, o Grande Lama tirou de seu manto uma antiga arma, e a exibiu a eles. Era uma espada tão incomum que Norte, que achava conhecer (e ter usado) toda arma já criada, deu um passo à frente para olhar de perto. Em sua lâmina havia uma esfera dourada que brilhava, e na sua ponta uma lua crescente.

— Há quatro outras peças do *Veleiro Lunar* que caíram na Terra na última Batalha da Era de Ouro — contou-lhes o Homem da Lua. — Se as cinco peças forem reunidas, se tornarão uma arma formidável contra Breu. Esta era a espada de meu pai. Mas não é simplesmente uma espada para batalha. Em suas engrenagens estão muitos dos segredos da Era de Ouro. Quem a empunhar deverá ter grande conhecimento, sabedoria e coragem. Quem dentre vocês poderá empunhá-la?

Instantaneamente, tanto Norte quanto Katherine pensaram em Ombric, mas antes que pudessem falar, o mago deu um passo à frente. Tomou a espada do Grande Lama e examinou-a com sua intensidade usual. *Ah, as maravilhas que ela deve conter*, pensou. *Os antigos segredos que há de revelar*. Foi quando ergueu a sobrancelha e fitou Norte. Com um gesto rápido, entregou-lhe a arma.

— Você não é mais meu aprendiz — disse à maneira calorosa que ele só vira Ombric dirigir a Katherine. — Você aprendeu todas as lições que eu podia ensinar e mais do que merece esta espada.

Norte estava aturdido. E, pela primeira vez na vida, realmente inseguro.

— Ombric... Não estou pronto, nem sou merecedor. Você esperou toda a vida...

— Ombric está certo — interrompeu Katherine calmamente. Norte olhou para ela, fitando o rosto tão novo e tão corajoso. Ela sempre soube o que era melhor para ele. *A seu modo, ela pode ser mais sábia que Ombric*, pensou ele.

Norte então tomou a espada. Ao segurá-la, não sentiu uma torrente de emoções, mas uma estranha tranquilidade. Certeza de propósito. Uma sensação de pertencer a um lugar que nunca conhecera. Como se tivesse toda a vida diante de si e soubesse como ela se daria. Seria como o sonho de Katherine.

Ele olhou para a imagem do Homem da Lua. O czar Lunar aguardava sua resposta.

— Você tem minha promessa de usá-la bem e com sabedoria — disse Norte.
— Hoje e sempre.

Assistindo da torre mais alta do Lamadário, Noiteluz estava invisível a todos. Não conseguia se concentrar; também vasculhava as montanhas em volta buscando sinais de Breu. Mas queria juntar-se aos amigos. Trouxe o cajado para perto do rosto. O pequeno raio lunar na ponta de diamante do punhal — o raiozinho que dera início a todo este drama naquela noite de inverno agora tão distante — sentia sua ansiedade. Brilhava mais forte e parecia dizer: “Vamos. Agora está seguro.” Noiteluz gargalhou em sua perfeita gargalhada e foi voando até lá embaixo.

Aterrissou no Lamadário, veloz e brincalhão, tomando a mão de Katherine e puxando-a aos céus. Os Lamas comemoraram. Os Gansos da Neve grasnaram. Ombric pegou um biscoito gigante que escondera na manga e devorou-o alegremente. Noiteluz e Katherine rodopiaram no céu. O Homem da Lua brilhou mais do que os Lamas já haviam visto. E, pelo menos naquele dia, seus mundos pareciam sãos e salvos.

As semanas que se seguiram foram tranquilas. Todos mereciam um bom descanso. Ombric comeu tanto que os Yeti (que, estranhamente, eram talentosos chefs) mal davam conta de seu apetite.

— Duvido que voltemos a ter uma sequência de dias tranquila como esta — comentou Norte a Katherine no parapeito do templo, dias depois. Katherine estava desenhando os Gansos da Neve em seu diário. — Suspeito que tenham sido nossos dias mais alciôneos — acrescentou.

— Alciôneos? — questionou ela.

— Ah, é uma dessas palavras antigas que Ombric tanto gosta de usar. Quer dizer felizes, despreocupados. — Norte sorriu e acrescentou: — Prefiro batalhas e aventuras.

Katherine entendeu o que ele quis dizer. Todos esses novos fascínios faziam parte de suas vidas. Abomináveis Homens da Neve. Gansos Gigantes. Lamas Lunares. Indagava-se se Papoff Noelen ainda pareceria seu lar. Fechou os olhos por um instante, para se lembrar da vida que tivera. Imagens dos aldeões — o Velho William, o pequeno Fog, o urso, Petrov — e da Troncuda, de todo o vilarejo, tomaram sua memória. E sentiu saudades de todos, embora já estivesse acostumada a perigos e peripécias. Apesar de tudo, sentiu uma estranha paz.

— É o doce sabor da vitória — Norte explicou a ela. — É uma sensação à qual você vai ter que se acostumar.

O rosto de Katherine ficou mais sério.

— Mas não derrotamos Breu.

— É verdade, mas vivemos para lutar mais um dia.

Katherine ficou pensando naquilo. Então tirou outro pedaço de carvão do bolso e começou a desenhar. Norte voltou seu olhar para o horizonte e pensou no sonho que Katherine lhe dera. A cidade reluzente que ele um dia iria construir e o homem que viria a tornar-se.

Havia um futuro estranho e animador diante de ambos. As possibilidades eram infinitas. Havia batalhas a enfrentar. Milagres a revelar. Muitas jornadas. Muitas terras. Muitas alegrias. Muitas tristezas.

Mas seriam, todas, grandes histórias...

Título original
THE GUARDIANS
BOOK ONE
NICHOLAS ST. NORTH AND
THE BATTLE OF THE NIGHTMARE KING

Este livro é uma obra de ficção. Referências a fatos históricos, pessoas reais ou locais foram usados de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares, e incidentes são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidade ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright do texto © 2011 by William Joyce e Laura Geringer

Copyright das ilustrações © 2011 by William Joyce

Todos os direitos reservados incluindo o de reprodução
no todo ou parte sob qualquer forma.

Rise of the Guardians™ & © 2011 Dreamworks Animation, LLC.

“Pitch” design de personagens e elementos relacionados usados com autorização.

Todos os direitos reservados.

Copyright da edição brasileira © 2012 by Editora Rocco Ltda.

Publicada mediante acordo com Atheneum Books for Young Readers,
um selo da Simon & Schuster Children’s Publishing Division

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida,
ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico,
inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e
recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
VIVIANE DINIZ

Produção do arquivo ePub
ROCCO DIGITAL

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J79n

Joyce, William, 1957-

Nicolau São Norte e a batalha contra o rei dos pesadelos [recurso eletrônico] /
William Joyce e Laura Geringer; tradução Érico Assis ; ilustrações de William
Joyce. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.

recurso digital (Os guardiões ; 1)

Tradução de: Nicholas St. North and the battle of the nightmare King

ISBN 978-85-8122-291-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sauer, Alyda. II. Título.

13-05282

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Os autores

William Joyce mora em Shreveport, Louisiana, e passou a maior parte de sua vida tentando decifrar os arquivos perdidos e quase destruídos das origens do Homem da Lua, do Papai Noel e de todos os outros Guardiões da Infância. Registros esses encontrados no rancho da família Joyce, situado na saída de Abilene, Texas, em 1965. O autor desenvolveu também obras originais de animação, tendo sido responsável pela elaboração dos perfis dos personagens dos premiados filmes de animação *Toy Story* e *Vida de inseto*. Além disso, roteirizou e foi responsável pela concepção audiovisual de *A origem dos guardiões*, dirigido por Peter Ramsey.

Laura Geringer reside na cidade de Nova York e tem deixado sua marca inconfundível na área dos livros infantis há três décadas. Quando criança, adorava *Alice no país das Maravilhas*, mas ao crescer queria ser o Robin Hood, ou, melhor ainda, nem mesmo crescer, como o Peter Pan. Por sorte nossa, mudou de ideia e se transformou na excelente escritora que é, além de se destacar no uso dos livros como instrumento de transformação social, como membro do conselho diretor de uma associação de caridade que já distribuiu mais de 70 milhões de livros para crianças carentes.